

# Antologia 2024



**READ ON**  
PORTUGAL

  
CHARNEIRA DE CAPONILHA ALAMEDA  
**IRRE** REDE DE  
BIBLIOTECAS  
ESCOLARES

Aloha Salam Guten tag Aloha Salam Guten tag  
Namaste hola Bok Sabre Namaste hola  
Mokuba Elo Ciao ola Mokuba Elo  
Salute Bonjour Ciao hello Salute Bonjour  
Aloha Salam Guten tag Aloha Salam Guten tag  
Namaste hola Bok Sabre Namaste hola  
Mokuba Elo Ciao ola Mokuba Elo  
Salute Bonjour Ciao hello Salute Bonjour  
Aloha Salam Guten tag Aloha Salam Guten tag  
Namaste hola Bok Sabre Namaste hola  
Mokuba Elo  
Ciao hello Salute Bonjour  
Aloha Salam Guten tag  
Namaste hola Bok Sabre Namaste hola

 [readon.portugal@mail-rbe.org](mailto:readon.portugal@mail-rbe.org)

 [www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html](http://www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html)

Ilustração da Capa:

*Valentina Cabrera de La Cruz*  
Escola Básica e Secundária de Albufeira



# *Antologia* 2024



Título:

**Antologia READ ON 2024**

Edição:

**Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté**

Autores:

**Adélia Carvalho**

**Gonçalo M. Tavares**

**Guilherme Correia**

**Inês Barata Raposo**

**Isabel Quadros**

**Isabel Minhós Martins**

**Ricardo Fonseca Mota**

**Rita Taborda Duarte**

**Rui Correia**

**Tatiana Faia**

Ilustração da Capa:

**Valentina Cabrera de La Cruz**

Criação, Paginação e Impressão

**CDC - Código de Cores, Design e Produção, Lda.**

Data da Publicação

**Maio 2024**

ISBN n.º:

**978-989-54995-5-7**





O projeto READ ON – Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people teve o seu início no âmbito do Programa Europa Criativa, da União Europeia, em 2017. O Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté (AECG) foi o parceiro português deste projeto, cuja implementação a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) apoiou. Atualmente a RBE e o AECG continuam a fomentar, em parceria, algumas das atividades READ ON mais relevantes, com o projeto READ ON Portugal [<https://www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html>].

A Antologia Read ON aposta na relação dos jovens com os autores e o ato criativo. Em dinâmicas de escrita colaborativa, os jovens entre os 15 e os 19 anos (ensino secundário e ensino profissional) são colocados na função de criadores de texto narrativo, com a intervenção de autores de literatura portuguesa contemporânea, convidados para mediar o ato de escrita, em sessões online e/ou presenciais, com alunos e professores, numa interação que resulta em contos breves originais.

No presente ano letivo, a iniciativa decorreu com a participação de 14 estabelecimentos de ensino: Agrupamento de Escolas de Águeda Sul (28 alunos), Agrupamento de Escolas de Albufeira (10 alunos), EBS Carlos Gargaté (25 alunos), ES Emídio Navarro (18 alunos), ES Fernão Mendes Pinto (19 alunos), Agrupamento de Escolas de Anadia (28 alunos), Agrupamento de Escolas de Fernão do Pó (20 alunos), Agrupamento de Escolas Rafael Bordalo Pinheiro (28 alunos), ES Infanta D. Maria (6 alunos), Agrupamento de Escolas de Condeixa (28 alunos), Agrupamento de Escolas n.º3 de Elvas (12 alunos), Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente (14 alunos), Agrupamento de Escolas Marinha Grande Nascente (14 alunos), ES de Santa Comba Dão (18 alunos).

A Antologia READ ON Portugal 2024 constitui-se, portanto, como o resultado deste trabalho desenvolvido entre os alunos, os professores e os escritores convidados, de janeiro a abril, em torno da palavra e da reflexão do tema proposto “Eu, cidadão em democracia”.

No ano em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril, foi lançado o desafio através de algumas questões que pretendem situar o cidadão no quadro das instituições e da participação democrática, com direitos e deveres que marcam o destino de uma sociedade, sendo isso um

privilégio e também uma responsabilidade. O que define o cidadão atual? Que comportamentos deve assumir para viver numa sociedade livre? Como agir de forma ativa e participativa? Quais os caminhos para construir uma verdadeira democracia?

Fazendo uso desta reflexão e adicionando a veia criativa dos excelentes escritores que mediarão o processo de escrita, resultou uma antologia multifacetada e extremamente rica em ambientes ficcionais que traduzem vozes, por vezes gritos, que se levantam e vale a pena escutar.

Oferece-se uma oportunidade aos leitores para entrar em mundos diversificados, janelas abertas que nos impelem para um processo hermenêutico que conduz o olhar ao pensamento. Há, na verdade, uma razão eminente para inferências várias sobre os lugares que os nossos jovens observam dentro e fora de si, e que, progressivamente, nos sugerem a sua perspetiva cidadã.

O produto desta experiência encontra-se compilado nesta publicação, a disponibilizar nas páginas web da RBE: READ ON Portugal e do Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté. À escrita acrescentou-se a ilustração de algumas páginas, uma duplicidade de expressões que contribui para a reflexão do leitor.

Em 10 narrativas, com nuances temáticas que abordam a dimensão social numa diversidade de estilos, descobrimos, na sua leitura, que o valor da liberdade está implícito no umbilical ato de escrevermos todos juntos. Esta Antologia é, sem dúvida, um testemunho eloquente para este ano evocativo da revolução que nos libertou para o uso total da palavra.

Envie-nos o feedback da sua leitura para o endereço de correio eletrónico: [readon.portugal@mail-rbe.org](mailto:readon.portugal@mail-rbe.org)

# ÍNDICE

<b>SONHOS DO ARMÁRIO</b>	<b>7</b>
<i>ADÉLIA CARVALHO</i>	
<b>AS CIDADES E A IMAGINAÇÃO</b>	<b>13</b>
<i>GONÇALO M. TAVARES</i>	
<b>STEVE EM BUSCA DA INCLUSÃO</b>	<b>19</b>
<i>GUILHERME CORREIA</i>	
<b>O PRIMEIRO DIA</b>	<b>29</b>
<i>INÊS BARATA RAPOSO</i>	
<b>UMA ODISSEIA PELA TEIA DEMOCRÁTICA</b>	<b>41</b>
<i>ISABEL MINHÓS MARTINS</i>	
<b>A FESTEJAR 50 ANOS DE DEMOCRACIA</b>	<b>53</b>
<i>ISABEL QUADROS</i>	
<b>DENTE-DE-LEÃO</b>	<b>69</b>
<i>RICARDO FONSECA MOTA</i>	
<b>LIBERDADE É ESCREVERMOS TODOS JUNTOS</b>	<b>79</b>
<i>RITA TABORDA DUARTE</i>	
<b>LÁGRIMAS DE MADEIRA</b>	<b>91</b>
<i>RUI CORREIA</i>	
<b>LIBERDADE E DEMOCRACIA</b>	<b>113</b>
<i>TATIANA FAIA</i>	

## ADÉLIA CARVALHO

Nasceu numa pequena aldeia do norte de Portugal. Aí aprendeu a trepar às árvores para comer os primeiros frutos de verão, a falar com os animais, a tomar banho nos ribeiros em dias quentes e a brincar com as outras crianças da aldeia até o sol desaparecer. O seu maior amigo era um cão, chamava-se Brinquedo, acompanhava-a para todo o lado e deixava-a abraçá-lo sempre que ela estava triste.

À medida que ia crescendo, herdava as roupas remendadas das suas cinco irmãs; bem mais coloridas do que quando eram usadas pela primeira vez.

Já mais crescida foi estudar para a cidade e começou a frequentar a Biblioteca Municipal. Era de lá que levava livros para casa e à noite lia histórias ao avô Francisco, que não sabia ler.

Diz que Cresceu com a insegurança de quem tem de descobrir os caminhos sozinha, mas também com a força das árvores que sabem aguentar o vento e a chuva de pé.

Licenciou-se em Educação de Infância, conta e escreve histórias para todos.

Tem já mais de uma dezena de livro editados e traduzidos em diversos países, como: Brasil, Colômbia, México, Peru, Argentina, Canadá, Alemanha, Áustria, Suécia, Espanha, Itália, Estados Unidos da América, Austrália, Coreia do Sul e China.

### LIVROS PREMIADOS:

2009: *O Livro dos Medos*, menção especial do Prémio Nacional de Ilustração.

2010: *A Crocodila Mandona*, menção especial do Prémio Nacional de Ilustração.

2013: *O Rei Vai à Caça*, finalista do Prémio Sociedade Portuguesa de Autores.

2015: *A Inocência das Facas*, Prémio VIDArte – A Arte contra a Violência Doméstica, atribuído pelo Governo de Portugal.

2017: *O homem da Mala*, Prémio Little Hakka, China.

Em 2021 é uma das vencedoras das Bolsas de Criação Literária da DGLAB.

Em 2021 é-lhe atribuída a Bolsa Criar Lusofonia, pelo Centro Nacional de Cultura.

### LIVROS PUBLICADOS:

– *O Livro dos Medos*, Trampolim, 2009. 2.ª ed., Tcharan, 2015.

– *Matilde Rosa Araújo: Um Olhar de Menina*, Trinta por uma Linha, 2010. 2.ª ed., Tcharan, 2017.

– *A Crocodila Mandona*, Tcharan, 2010. 2.ª ed., 2017.

– *Elefante em Loja de Porcelanas*, Tcharan, 2011.

– *Nadav*, Tcharan, 2012.

– *Era uma Vez um Cão*, Tcharan, 2012. 2.ª ed., 2018.

– *O Rei Vai à Caça*, Tcharan, 2013.

– *Abrigos*, Tcharan, 2014.

– *A Inocência das Facas*, coletivo [organização e participação com um texto], Tcharan, 2015.

– *O Espelho*, La Fragatina, 2015.

– *O Homem da Mala*, La Fragatina, 2016.

– *A Vaca Que Lia Livros*, La Fragatina, 2016.

– *Secretos*, Panamericana, 2018.

– *Todos ao Palácio*, Tcharan, 2018.

– *Sophia, a Menina da Terra e do Mar*, Tcharan, 2019.

– *Era uma Vez uma Cadela*, Tcharan, 2019.

– *A Menina Que Queria Desenhar o Mundo*, Pinguin Random House, 2019.

– *Bode Inspiratório* (coletivo), Relógio D'Água, 2020.

– **THE LITTLE COLLECTION (ADAPTAÇÃO):**

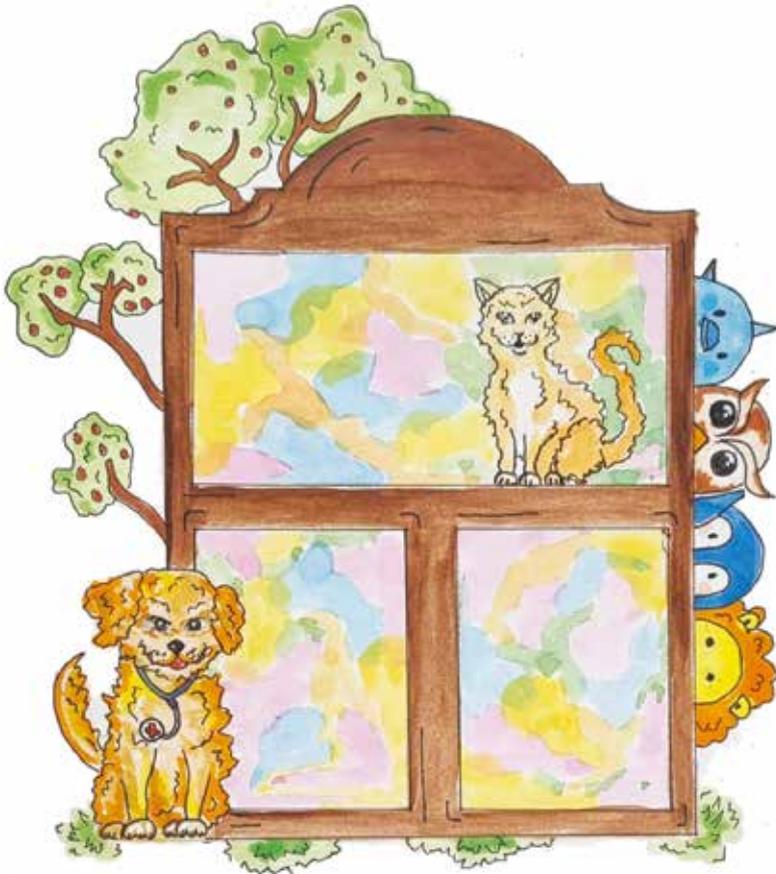
– *O Livro da Selva, Peter Pan, O Feiticeiro de Oz, Tom Sawyer, Alice no País das Maravilhas*, Livraria Lello, 2020.

– *Quando for grande Quero ser Criança*, Pinguin Random House, 2021.

– *Salto no Escuro*, Livros Horizonte, 2021.

– *Eva, a Menina que Ousou Imaginar*, 2022, Livraria Lello.

# SONHOS DO ARMÁRIO



## VÓRTICE ALFA

### A VIAGEM DE HORÁCIO

Numa casa antiga, coberta de heras e mistérios, vivia um gato chamado Horácio. De pelo preto e olhos de esmeralda, Horácio era conhecido pela sua curiosidade insaciável, aquela que dizem matar gatos, mas que a ele apenas parecia tornar mais audaz.

Numa tarde enevoada de outono, enquanto explorava um corredor, o menos visitado da casa, Horácio deparou-se com um armário antigo, de madeira escura e cheiro de mofo, cuja porta estava entreaberta, como um convite silencioso. Sem hesitar, empurrou a porta com a cabeça e o que viu não foi nada do que esperava. Ao invés de prateleiras cobertas de lençóis velhos ou tralhas esquecidas, Horácio encontrou um vórtice cintilante, pulsando com cores que ele nunca vira antes. Com um miado suave mais de fascínio do que de medo, ele deu um passo, e depois outro, entrando no universo paralelo. Este mundo era governado não pelas leis da física, mas pela lógica dos sonhos. O chão era feito de nuvens macias, o céu pintado com auroras que dançavam em harmonia com músicas inaudíveis aos ouvidos comuns. Horácio viu árvores cujas folhas eram pequenos relógios, girando ao contrário, e rios que fluíam para o alto desafiando a gravidade.

Aqui, Horácio não era apenas um gato. Ele podia entender e falar a língua dos habitantes deste lugar – seres feitos de mel e mostarda, que o acolheram como a um velho amigo. Contaram-lhe histórias de mundos além dos mundos, ensinando-lhe canções que poderiam abrir portas para dimensões esquecidas. Durante o que poderiam ter sido dias ou apenas instantes, Horácio viveu entre eles, aprendendo a moldar a realidade com o pensamento e a dançar com a Cassiopeia.

Todavia, como acontece com todos os que viajam, por sonhos e universos paralelos, a saudade de casa começou a pesar no seu coração. Antes de partir, os seres deram-lhe um presente: um pequeno talismã de cristal e névoa, capaz de abrir portas entre os mundos. Com um agradecimento e um último olhar para aquele reino surreal, Horácio atravessou para a sua velha casa, emergindo do armário como se nenhum tempo tivesse passado. Horácio nunca mais foi o mesmo após a sua aventura. Frequentemente, era visto a contemplar o céu ou a murmurar melodias que faziam o ar vibrar de uma maneira estranha. E embora continuasse a viver a sua vida de gato, entre sestras ao sol e caçadas imaginárias, Horácio sabia que, sempre que desejasse, bastava usar o talismã para retornar àquele mundo de sonhos.

Ele também sabia que alguns mistérios são melhores quando partilhados. Assim, numa noite de breu, quando a curiosidade parecia encher o ar, Horácio abriu a porta do armário para um pequeno grupo de aventureiros escolhidos. Era este constituído por um rato corajoso, um pássaro sonhador, um cão zelador e uma humana com olhos cheios de maravilha. Juntos, entravam no armário, prontos para descobrir os infinitos universos que esperam, pacientemente, do outro lado.

## VÓRTICE BETA

### ARMACÃO

Horácio e os seus amigos descobrem mais uma aventura dentro do armário, desta vez com Armacão, o cão zelador.

Armacão, um médico de profissão e de alma, passeia com o seu armário e depara-se com caminhos diferentes para encontrar os seus clientes. Optou por ir pelas rua das dores. A dada altura, decide abrir o seu armário e tirou uma água, uma bota, uma escrivanhina, um clipe, um retrato e um monte de outras coisas inúteis. Nisto, surge um pato, um cliente, que se queixava muito de umas dores no bico e no coração. Mal Armacão lhe tocou no bico, ele soltou um berro e desatou a chorar. O médico aplicou-lhe, então, a famosa pomada ISSOPASSA. E de repente, ouviu-se algo a partir como se fosse um vidro.

- O que se passa? – pergunta Armacão.
- A pata partiu-me o coração com um golpe de asa!
- Que dizes?
- Ela deixou-me.

Armacão tirou o relógio concerta-corações do seu armário e contou-lhe que, se girasse os ponteiros no sentido contrário do relógio, voltaria ao momento em que a sua amada lhe tinha partido o coração. O pato agradeceu e foi embora feliz da vida. Ainda de manhã, enquanto Armacão se deliciava com um bom pequeno almoço, veio ao seu encontro um gato com o pelo roxo e manchas azuis. Era o Dolfín. Não se sentia muito bem e explicou que naquela semana tinha andado a vomitar muito e que não achava normal ter-lhe aparecido essas manchas duvidosas. O cão fez-lhe uns testes e chegou à conclusão de que ele tinha varicela. Para resolver esse problema deu-lhe uma vacina que, em vinte e quatro horas, o curou.

Chegou a hora de almoçar e, juntos, foram fazer um piquenique no meio dos arbustos para comer as suas bagas preferidas. Aí encontraram dois porcomelos, uma espécie de suínos especialistas em detetar cogumelos milagrosos. Ambos queixavam-se de que não conseguiam para de girar porque anteriormente tinham comido um cogumelo flutuante. Para resolver o problema, só precisavam de beber dez goles do rio encantado.

Mais tarde, enquanto apanhavam todos banhos de sol, encontraram o pequeno sapo António. Este mencionou que precisava de ajuda porque tinha partido a pata de trás. O médico pôs-lhe uma tala. Olhou para o sol e viu que o seu dia estava acabar. Arrumou tudo e voltou para casa sem pensar no que ia fazer no dia seguinte. No momento em que estava para regressar ao armário, ouviu um som de sofrimento vindo do lago. Aproximou-se e assistiu ao triste episódio de um animal estar a ser maltratado por humanos. Armacão ladrou para os afugentar e salvou o golfinho, Eugénio, que lhe ficou a dever a sua vida.

Armacão regressou ao armário feliz por ter sido tão útil nesta viagem até aos outros.

## VÓRTICE GAMA

### UM ARMÁRIO DE ANGÚSTIAS

Armacão acordou bem cedo e saiu do armário para ir trabalhar. Ao chegar ao seu escritório, no meio da floresta, resolveu tirar do armário uma escrivaninha, uma caneta mágica, uma impressora, um abajur, um relógio, um pacote de lenços, uma garrafa de água e uns óculos.

Perguntou-se a si próprio “que rua vou ajudar hoje?”, enquanto colocou a mão numa caixinha e tirou um papel. Saiu-lhe a rua das lágrimas.

Armacão pegou na caneta mágica e abriu um portal, do qual saiu a coruja Sofia com os olhos chorosos.

- Armacão, a minha visão está turva. Não consigo mais voar como antes e isso preocupa-me. O que devo fazer?

Armacão investigou cuidadosamente os olhos da coruja.

- Precisas de descansar mais Sofia, a visão é tua aliada, mas tens de cuidar dela também. Fecha os olhos, respira fundo e relaxa. A escuridão da noite é tua amiga, e não um problema. Armacão escreveu as suas recomendações num papel e entregou-o à Sofia que, mais descansada, voltou para o portal.

Logo de seguida, sorteou outra rua. Da rua do medo, apareceu um pinguim tremendo de frio, o Pedro.

- Armacão, o inverno está mais rigoroso do que nunca! Não consigo suportar o frio. O que devo fazer?

- Pedro, tu és um pinguim. Lembra-te de onde vieste, foste criado para o frio. Mas até os mais corajosos têm medo. Procura uma caverna próxima e reúne os teus amigos para partilharem o calor. Não tenhas vergonha de expor os teus medos.

Sem demora, sorteou a rua das dores e de lá saiu um lobo Ricardo com uma expressão sombria.

- Armacão, a minha voz está a doer. Não consigo mais uivar como antes. O que devo fazer?

Armacão examinou a garganta do lobo com cuidado.

- Ricardo, precisas de descansar a tua voz. Uivar é o que fazes, mas também requer cuidado. Bebe água fresca, descansa na tua toca e evita uivar por um tempo. A tua voz recuperará...

Por fim, Armacão sorteia a última rua, a rua da insegurança, onde encontrou um leão envergonhado com a juba embaraçada.

- Armacão, a minha juba está uma bagunça. Não consigo mantê-la arrumada. O que devo fazer?

- Leo, a verdadeira beleza vem de dentro, não te preocupes tanto com a tua aparência. Deixa a tua juba livre, como um símbolo de força e majestade.

Já cansado, Armacão escreve o seu último conselho num papel e entrega-o a Leo que volta para o portal já mais confinante.

Assim, se encerra o seu dia como tirador de angústias a ajudar os animais a enfrentar os seus desafios com a sua sabedoria e compaixão.

## VÓRTICE DELTA

### A SOMA DE TODAS AS COISAS

O gato ouviu um barulho misterioso vindo do armário. Então, esticou a pata e abriu-o. Assim que o armário foi aberto, sentiu uma brisa fria e arrepiante, fazendo os bigodes do gato dançarem. Decidiu ir até ao cabide e pegou numa mochila com alguns objetos essenciais e entrar dentro no vórtice Delta que o esperava dentro do armário. Caminhou infinitamente até ao fim do mundo, quando avistou uma luz clara e reluzente ao longe. Correu na sua direção e deparou-se com uma rua em que os animais que, habitualmente eram de estimação, passeavam agora os seus donos. A rua enchia-se de armários a conduzir carrinhas de caixa aberta com pessoas na parte de trás.

Os papéis de cada um estariam agora invertidos? Gato receava ser julgado neste mundo bizarro. Seria ele o único estrangeiro?

Do outro lado da rua avistou um cão branco com pintas pretas. Só de olhar para ele, o gato sabia que não pertencia a este mundo, onde conseguiu ver também um cão a andar de quatro patas como todos cães que conhecia do mundo de onde vinha. E como era de esperar, era um humano que passeava esse cão. De repente, dois mundos paralelos tinham entrado naquele Mundo Delta. Conseguiriam viver com as suas diferenças?

Era-lhe fascinante a forma como as realidades eram totalmente distintas. Não seria uma boa ideia ficar ali por muito mais tempo. Gato volta ao seu armário, munido desta vivência perturbadora.

#### FICHA TÉCNICA

##### *ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUES DE CASTILHO ÁGUEDA*

##### **ALUNOS (Turma 10<sup>º</sup> C)**

Ana Rosita Martins  
Bianca Costa  
Emília Sousa  
Eugénia Simões  
Flávia Soeiro  
Marcela Toscano  
Maria Leonor Veiga  
Sofia Matos  
Soraia Oliveira  
Thayssa Galvão

##### **ILUSTRAÇÕES**

Amélia Simões (12.<sup>º</sup>B)

##### **DOCENTES**

Eugénia Correia  
Maria Pimenta

## GONÇALO M. TAVARES

Gonçalo M. Tavares publicou, desde 2001, livros em diferentes géneros literários, traduzidos em mais de 50 países.

Os seus livros receberam vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Com Aprender a rezar na Era da Técnica recebeu o Prix du Meilleur Livre Étranger 2010 (França), prémio atribuído antes a Robert Musil, Orhan Pamuk, John Updike, Philip Roth, Gabriel García Márquez, Salman Rushdie, Elias Canetti, entre outros.

Alguns outros prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 e 2011 (Brasil), Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália), Prémio Belgrado 2009 (Sérvia), Grand Prix Littéraire du Web – Culture 2010 (França), Prix Littéraire Européen 2011 (França).

Foi por diferentes vezes finalista do Prix Médicis e Prix Femina.

Uma Viagem à Índia recebeu, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela APE 2011.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projetos de arquitetura, teses académicas, etc..

# AS CIDADES E A IMAGINAÇÃO

*As cidades não precisam de ser apenas coisas funcionais. Não precisam de ser máquinas frias. Foi disso que falámos na sessão inicial.*

*As Cidades e a imaginação - era este o mote das histórias que aqui apresentamos.*

*E as histórias apareceram com imaginação e pensando nos problemas da cidade - que são os problemas do nosso tempo - por exemplo, clima e pobreza.*

*Alunos conscientes das questões mais gerais, do vasto mundo. Mas também atentos aos problemas terrenos, próximos - como a questão dos sem-abrigo.*

*Contos de alunos que habitam a cidade com imaginação e consciência crítica, Duas forças potentes, imaginação e consciência crítica.*

## BARBA OU CABELO?

A noite cai. Um rosto procura, entre a penumbra, um outro rosto familiar, mas cuja ausência prevalece na mecha grisalha e desgrenhada e na barba espessa longa.

O trabalho no salão tem-me ocupado tanto que nem tenho tempo de voltar a este lugar especial onde as vidas se moldam com a minha tesoura.

“Nem pareces o mesmo? Por onde tens andado?”

Ouvi num murmúrio lento e arrastado: “Sempre por aqui, sempre à espera...”

“De quê?” respondi, antes mesmo de perceber o ridículo da minha intervenção.

Caixote voltado ao contrário, toalha pousada sobre os ombros: “Barba ou cabelo?”

Uma voz engrandecida e sonora ecoou: “Tudo. Hoje é um dia especial.”

De repente, a minha mente procurou o sentido da afirmação do meu amigo de sempre.

Era o dia de se cuidar, de não ficar à espera... ou melhor, a noite em que as estrelas brilhariam para que, no reflexo da lua, se olhasse ao espelho e encontrasse aquela imagem escondida atrás da barba, do cabelo, da roupa por lavar.

Manhã de sol, abrir a porta do salão, verificar as marcações e toca a cortar... “aparar barba”, “cortar pontas”, “lavar e secar”....

“Bom dia, Sr. Ferrer, hoje é para...”

“Tenho pressa... estou assoberbado, reuniões e reuniões... sempre esta rotina louca. Só para aparar a barba e lavar o cabelo, o resto fica para a próxima, talvez para a semana...”

De repente, fiquei confuso e perdido na obscuridade apesar de a luz entrar pela janela. Aparei aquela barba lisa e cuidada e, por entre o pente da máquina, irrompiam fios de pelos espessos e grisalhos; via nitidamente uma barba retorcida, um cabelo esgrouvinhado em busca de uma dignidade perdida algures dentro de si na calada da noite.

Aqui esvaziavam-se as personalidades ao nascer do sol, em busca de corresponder à dignidade que se constroi pelos olhos dos outros, que não consegue simplesmente esperar e ficar por aqui (nem que seja por momentos).

Hoje a minha tesoura não moldou a noite, que já foi meu abrigo também, gastou a lâmina em mais um de muitos dias.

## *NON OMNE EST PERFECTUM (NEM TUDO É PERFEITO)*

Como sempre, à quarta-feira, Helena vai buscar a filha à escola. Acaba, assim, por conhecer o novo amigo de Camila. A adolescente conta que precisa de acabar um trabalho com o colega. Alex parecia ser bom rapaz; afinal, é só um trabalho rápido.

Chegando a casa, a mãe não entende um certo incómodo demonstrado por Alex. Enquanto os dois acabam o trabalho, Helena acaba o projeto de arquitetura. Quando os dois jovens saem do quarto, Helena oferece-se para levar Alex a casa; relutante ele aceita. Alex é um jovem calado, não disse muitas palavras durante a viagem, somente para responder a Helena; disse-lhe onde morava. A mãe acha estranho o rapaz viver num local tão abandonado da cidade e acaba por lhe perguntar pela sua família. O rapaz responde que a mãe e o pai morreram havia 13 anos e que agora ele vive com o resto da sua família. Quando chegaram ao bairro do rapaz já era final de tarde e era possível ver algumas diferenças entre a periferia e o centro da cidade; nos cantos existiam cartões e tendas montadas, mas vazias. Depois de uns minutos, Helena estava curiosa, então o rapaz explica por onde ela deveria ir... chegam, assim, a uma casa grande, ao saírem do carro e, ao passarem os portões, Helena viu várias pessoas a arrastarem mesas e a colocarem toalhas, copos, pratos e talheres, a prepararem um grande jantar. Helena pergunta-lhe se iria acontecer alguma festa. Alex veste rapidamente um avental e responde-lhe que não, os sem-abrigo já não tinham onde comer. Helena, surpreendida, despede-se e vai embora. Não concebia Alex naquele local!

Helena, já em casa, passados alguns dias, não conseguia deixar de pensar no rapaz, no altruísmo existente num coração tão jovem. Decidiu investigar sobre ele e acabou por descobrir que, com a morte dos pais, o rapaz acabou aos cuidados de um tio. Um dia Helena procura Alex na escola e alguém lhe diz que ele não veio! Então Helena dirige-se a Veritas: aqueles bairros eram diferentes, não eram assustadores, eram só diferentes, as ruas tinham bancos simpáticos, mas todos estavam ocupados por cartão.

Chegou a casa de Alex, atendeu-a um senhor, que Helena presumiu ser o tio. Perguntou por Alex mas, antes de acabar a pergunta, o rapaz apareceu atrás dela. O homem convida-a a entrar, a casa era espaçosa, mas não era tão grande como as do centro da cidade. Helena fala com o Alex e faz-lhe as perguntas que guarda dentro de si há uma semana. “Esta é a tua família?” “Não, existem muitos mais, depois que criaram a arquitetura hostil, os moradores de rua viram-se obrigados a abandonar a grande cidade, os centros de ajuda rapidamente ficaram cheios e, por

isso, eu e o meu tio acolhemos quem precisar de uma refeição quente ou comida” Os moradores de Veritas não se recusavam a ajudar os moradores de rua que já não tinham para onde ir.

Helena não acreditava naquilo que ouvia. O rapaz revelou o que via escrito no seu rosto desde que o conheceu, “ os meus pais viviam no centro da cidade, mas, com a subida das rendas e dos produtos, o seu trabalho não dava para as despesas... moraram na rua até o meu tio aparecer e lhes oferecer uma cama para dormir. Perdi os meus pais muito cedo, mas continuo aqui”. Alex viu a pena nos olhos das duas e, durante um segundo, permitiu-se sentir essa pena “a vida não é perfeita, mas não precisamos ficar ligados às coisas más

O tio contara-lhe a sua história e explicou-lhe que, quando aquela arquitetura hostil foi implementada e a evolução das áreas suburbanas, os sem abrigo começaram a chegar cada em maior número. Começaram a fazer jantares comunitários de vez em quando, o bairro junta-se para ajudar...

Helena sentia-se culpada; era engenheira e sabia do impacto do desenvolvimento urbano desregulado. Era suposto os sem-abrigo obterem certas ajudas, mas não aconteceu. Espera-se sempre que “algo aconteça”.

## CÉU

“Consegui! Depois de anos de tentativas, de falhanços épicos, consegui! Finalmente posso ver o céu”.

Como todas as manhãs está escuro, o sol nem tem coragem de espreitar, ouve-se o barulho dos carros que atravessa a janela aberta da cozinha. Sentado na mesa da cozinha, sozinho, Marco imagina o mundo lá fora, pois apenas consegue observar, tal como todos os dias, o nevoeiro cinzento denso, só se veem as luzes dos carros na rua movimentada da capital. Nada fora do comum.

Trabalho e trabalho, as peças dos automóveis passam à sua frente, já perdeu a noção de há quanto tempo trabalha ali. Cansado e esgotado ouve a campainha da fábrica a tocar. Sem pressa, pega na sua mochila e já está pronto para ir embora; mais um dia completo na vida de um trabalhador comum.

Chegando a casa, liga a televisão e senta-se no sofá; não sabia que iria ouvir a notícia que mudaria o mundo de tantos como ele... Máquinas purificadoras do ar.

Durante um tempo, o funcionário ficou parado a assimilar o que tinha ouvido... “Como era possível terem criado uma máquina destas!” Seriam instaladas, a partir da semana seguinte, dez máquinas com o objetivo de purificar o ar. Finalmente, haveria futuro para esta capital no centro do mundo.

No dia seguinte, o homem acordou com novos pensamentos na sua cabeça. Olhou pela janela e o dia continuava igual como todos os dias, mas algo estava diferente ... não sabia se lá fora ou dentro de si.

A semana tinha passado rapidamente, para variar; seriam implementadas as novas máquinas de purificação. O trabalhador estava entusiasmado para acabar o trabalho, queria ver como eram, se eram tão magníficas como os seus pensamentos as retratavam. Nesse dia, saiu à pressa do trabalho. Mesmo em frente da zona industrial erguia-se uma magnífica torre, enorme e moderna, que se via a custo devido ao nevoeiro denso. Esse dia marcava a mudança.

Chegando a casa, fechou as janelas e foi dormir. Não conseguia acreditar que na manhã seguinte as coisas poderiam ser... diferentes. De manhã, os sons continuavam os mesmos, mas pareciam mais intensos. Saiu da cama, tratou de si e abriu as janelas: uma luz enorme entrou e invadiu o pequeno apartamento.

Quando os seus olhos se adaptaram à luz, ele pôde ver perfeitamente os carros na rua, as luzes desligadas, os passeios limpos sem uma ponta de erva, e, olhando para cima... o céu azul como nunca um homem de trinta anos alguma vez tinha visto. O sol brilhava de forma tão forte que Marco saiu mais cedo de casa para ver a rua lá fora. As crianças andavam pelos passeios, e os carros paravam na praça para ver a magnífica máquina aí colocada... Marco não sabia quem era o criador destas invenções, mas iria agradecer-lhe para o resto da vida.

## ÀS RISCAS

Mais um dia como os outros: comer, treinar, e repetir até chegar a noite.

Chamaram-nos para uma sala à parte, onde estava um senhor de fato azul como o mar, pelo menos daquilo que me lembro, não o vejo há algum tempo. Ele apresentou-se dizendo chamar-se André e disse que era artista; acabei por reparar no que estava atrás dele: um quadro branco onde estavam a ser projetadas imagens, não conseguia parar de olhar: muros, prédios, ruas. Era a liberdade! Não sabia que tinha saudades até ver as imagens que passavam naquele quadro: cores, sensações, tudo capturado numa foto. De repente, o meu colega bate-me no ombro e vejo André a olhar para mim:

– Olá! Como te chamas? Há quanto tempo estás cá dentro?”- perguntou, com uma certa confiança.

– Chamo-me Zé, já cá estou há 6 anos.

– E o que achas da ideia?

– Que ideia?- digo quase sem pensar

Ouvem-se risos.

– Estamos a apresentar-vos uma oportunidade de se integrarem gradualmente na comunidade.

– Como assim?

Subitamente ficou tudo em silêncio.

Com um sorriso, diz:

– Queres dedicar-te às artes?

Não devia estar a ouvir bem?! Um artista estava a pedir a nossa ajuda, prisioneiros?! Muitos de nós nem deviam voltar à sociedade, para “pintar” uma cidade.

Continuavam a passar imagens, podia sentir a liberdade, quase como se a pudesse tocar.

– Eles não estão interessados! - diz o Martins, chefe da esquadra.

André olha outra vez para mim, quase como se me conseguisse entender. Nunca gostei muito que falassem por mim. E então digo:

– Interessante! E o que precisamos de fazer para entrarmos nesse projeto?

– Nada. Só têm que me dizer “sim” ou “não.”

A liberdade pesa, mas, quando nos vemos presos, a ideia de nunca mais podermos senti-la é avassaladora. Por isso, disse “Alinho!”

Partimos de autocarro, comecei a ver ruas, árvores, pessoas, animais. Quando chegámos ao nosso destino, havia guardas por todo o lado, mas não me importei. Podia ver o mundo. Depois de alguns jovens nos darem indicações, foram -nos entregues máscaras e tintas.

Nunca fui ligado às artes, mas naquele momento vivia uma experiência nova e estimulante. Deram-nos um muro já desenhado. André ficou sempre por perto, não tinha medo de nós e aproximou-se de mim. Perguntou animado:

– Estás a gostar?

Não sabia o que pensar, podia ignorar-nos como todos os outros fizeram, mas não o fez. Por isso, respondi:

– Sim, já nem me lembrava como eram as árvores.

– Ainda bem, todos merecemos ver a luz. E foi-se embora.

Preparávamo-nos para ir embora quando olhei para trás, para o muro. Vejo o que pintámos, cinco prisioneiros, com máscaras, a pintar o mundo, de várias cores.

André estava ao lado do muro, absorvido pela nossa obra. Era um homem de 30 e poucos anos, mas tinha esperança. Acreditou que éramos capazes de fazer algo e nunca demonstrou que duvidava de nós.

## FICHA TÉCNICA

### *ESCOLA SECUNDÁRIA DE SANTA COMBA DÃO*

#### **ALUNOS (Turma 12º C)**

Daniela Lopes  
Daniela Sofia Abreu  
Gonçalo dos Santos  
Guilherme Soares  
Inês Coimbra  
Inês Filipa Neves  
Joana Dinis  
Lara Inês Pereira  
Luís Filipe Fonseca  
Margarida Almeida  
Maria João Silva  
Matilde Guerreiro  
Miguel Ângelo Gonçalves  
Naide Serrano  
Rita Teixeira  
Salomé Ferraz  
Constança Norton

#### **DOCENTES**

Maria Isabel Ferreira  
*Português*  
Ana Isabel Craveiro  
*Professora Bibliotecária*  
Helena Duque  
*Coordenadora*  
*Interconcelhia para as*  
*Bibliotecas Escolares*

## GUILHERME PIRES CORREIA

Guilherme Pires Correia nasceu em Lisboa, em 1996. É mestre em Psicologia da Educação e da Orientação pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e pós-graduado em Mediação de Conflitos em Contexto Escolar pela Universidade Lusófona do Porto.

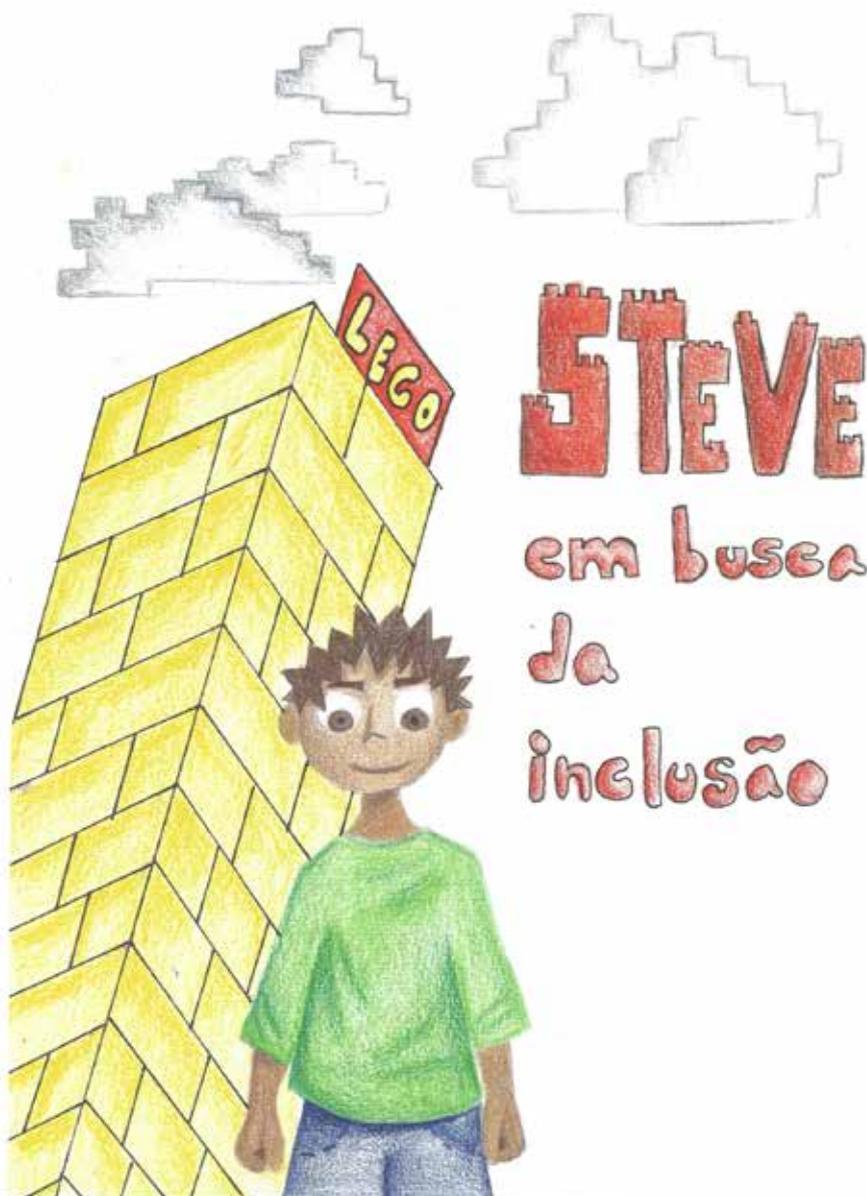
Conta com alguns contos em antologias e distinções em concursos literários, destacando uma Menção Honrosa no Concurso Textos de Amor Manuel António Pina, com o conto "Fios Vermelhos", em 2020; bem como a seleção para a Mostra Nacional de Jovens Criadores 2021, com o conto "A Casa Remendada".

Escreveu a banda desenhada "Comandante Serralves: Missão Nova Vivo", integrada na antologia "Comandante Serralves", publicada em 2021 pela Imaginauta; escreveu também a banda desenhada "Uma Década na Pele", publicada pela Associação Tentáculo na antologia "Zona 10 anos", vencedora do prémio "Melhor Fanzine/Publicação Independente" nos Prémios de Banda desenhada da Amadora 2023.

Foi o vencedor do prémio Ataegina 2022, concurso nacional de contos de ficção especulativa, com o conto "As Flores que Nascem no Deserto", tendo sido publicado numa versão bilingue pt/ing pela editora Imaginauta e mais recentemente traduzido para italiano e integrado na antologia internacional "Mondi Incantati 2023 – Le case che abbiamo perso", lançada pela editora italiana Riflessi di Luce Lunare.

Em 2023 lançou o seu primeiro livro, a novela "A minha mãe não tem idade para ser minha mãe", editada pela Urutau.

Atualmente trabalha como mediador no Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté e psicólogo escolar no Agrupamento de Escolas Pinhal de Frades.



Numa cidade tudo era normal, menos Steve. Estando habituado a esta cidade nem se lembrava da peculiaridade de tudo nela ser feito de lego. Em Legocity, as nuvens, as árvores, as pessoas e tudo o que as rodeava, era feito de lego. Cheia de edifícios, modernos e antigos, lojas com decorações coloridas e pessoas que conviviam de sorriso na cara, esta era uma cidade feliz. O lugar favorito de Steve era o parque em frente à loja de lego mais antiga da cidade, onde passava incontáveis horas a desenhar novas e inovadoras criações que contribuíssem para melhorar a vida dos seus concidadãos.

Steve lembrava-se muito bem do avô, conhecido na cidade como o Sr. Delgado, um homem cujo renome em Legocity, como inovador visionário, advinha do seu trabalho com legos. Admirava-o e acreditava que um dia conseguiria concretizar o seu próprio sonho, trabalhar numa empresa de desenvolvimento de legos tal como o seu avô. Porém, este seu sonho tornava-se mais difícil de concretizar a cada ano que passava, pois desde a época do seu avô dera-se uma mudança de mentalidade. Com o tempo, as pessoas lego tinham começado a desprezar os humanos.

Apesar de bastante curioso e de espírito sonhador, Steve tinha sentido grandes dificuldades em se adaptar à cidade da qual era natural, devido à forma como o tratavam. Steve, ao contrário da maioria dos moradores de Legocity, era completamente humano. Isolou-se de tudo e todos menos da sua paixão por desenho, cultivou essa vertente artística que foi melhorando, graças às muitas horas que passava trancado no quarto a treinar.

Steve tinha uma paixão por música que lhe tinha sido introduzida há muitos anos pelo seu antigo namorado, Greg. Foi a primeira paixoneta de Steve, ou pelo menos a primeira recíproca. Conheceram-se na escola, enquanto Steve desenhava no parque, momento em que Greg se aproximou e elogiou a sua arte. Desde então passaram meses a sair e Greg era uma das únicas pessoas que não se importava com o facto de Steve ser diferente.

Na altura, apesar das dificuldades que esperava encontrar, Steve, incentivado por Greg, decidiu arriscar e inscrever-se na escola de artes que havia na cidade. Através de aulas de desenho, esperava ganhar experiência e rumar ao objetivo de, à semelhança do seu avô, se tornar designer de uma das grandes empresas de criação de legos em Legocity. Ao terminar o curso procurou iniciar a sua carreira e, apesar de algumas tentativas falhadas em empresas de maior dimensão, foi contratado como designer de uma pequena empresa que usava legos no desenvolvimento de caixas, etiquetas e cartazes.

Por iniciativa própria, Steve decidiu conciliar as suas duas grandes paixões até à data, construindo a primeira guitarra lego. A sua criatividade contribuiu para o aumento das vendas da empresa e todos ficaram muito impressionados, particularmente por esta ter vindo de um ser humano. Apesar do sucesso comercial da guitarra lego, Steve não obteve o reconhecimento com que tinha sonhado, vendo-se estagnado na sua posição dentro da empresa, assistindo a pessoas lego, seus colegas ultrapassarem-no sem grande dificuldade.

Steve encontrou pela primeira vez Mília ao vasculhar em lojas de lego nas quais a sua empresa vendia produtos. Mília não era só uma comum funcionária de loja, era a chefe da maior empresa de produtos para pessoas de lego em Legocity. Steve reconheceu-a de imediato por ser uma

face recorrente nas revistas, jornais e documentários sobre a história de lego a que assistia diariamente. Ao aproximar-se dela abordou-a e confessou, sem filtro, o quanto gostava de lego e de criar novas invenções que enriquecessem o mundo. Mília, espantada pelo que Steve lhe contava, percebeu que se tratava da pessoa por detrás da invenção mais inovadora dos últimos tempos, a guitarra de lego. Quis, de imediato, saber mais sobre ele e convidou-o para um café, que Steve, entusiasmadíssimo, aceitou.

No café falaram dos seus interesses e conheceram-se melhor. Quanto mais conversavam, mais descobriam as afinidades que partilhavam:

- Por que gostas tanto de lego? - perguntou Mília.

- Adoro lego porque existem infinitas possibilidades de criar algo de que gostemos. Por, com lego, estarmos limitados apenas pela nossa imaginação - respondeu Steve. Mília sorriu, tinha gostado da resposta.

A conversa prolongou-se durante horas, e após o sol se pôr, trocaram contactos e despediram-se.

Steve adotou Alex, uma rapariga de 17 anos igualmente interessada em legos. Investia muito na filha, e procurava ensinar-lhe tudo o que sabia sobre a construção, a criação e a manipulação de legos. Era uma ótima aluna, tinha bons amigos e trazia ao Steve muita felicidade assistir às suas conquistas.

Um dia, enquanto trabalhavam para uma construção na qual Steve já pensava há anos, Alex descobriu uma peça especial escondida no meio de uma caixa antiga que lhe tinha sido deixada por Greg. Era uma peça rara e valiosa, que poderia enriquecer a coleção que partilhavam, se ao menos soubessem a sua função. Empolgados com a descoberta, decidiram investigar a sua origem e história na esperança de perceber como poderiam utilizá-la no seu grande projeto.

Decidiram que a melhor maneira de investigar a origem da peça era procurar informações on-line e visitar lojas de colecionadores de lego. Ao longo da sua investigação, encontraram pistas intrigantes que os levaram a diferentes partes da cidade. Alex estava especialmente entusiasmada com a aventura, aplicando as habilidades que aprendera com o pai para resolver enigmas e seguir pistas com que se deparavam. Juntos, descobriram que a peça era parte de uma série limitada lançada há décadas e que havia apenas algumas unidades em todo o mundo.

Enquanto examinavam uma das pistas numa loja de antiguidades, Steve e a filha encontraram um senhor de uma certa idade que parecia saber algo sobre a peça que procuravam. O homem conduziu-os até uma sala no fundo da loja, onde uma parede cheia de mapas antigos e documentos envelhecidos lhes chamou a atenção.

- Esta é a minha coleção pessoal de artefatos relacionados com legos - explicou o homem

- Ao longo dos anos, tenho reunido informações sobre peças raras e histórias intrigantes que as rodeiam. A vossa está ligada a uma dessas histórias. Ficaram maravilhados com a coleção, examinando os mapas e documentos com curiosidade.

- Vejam este mapa. Ele mostra uma ilha remota onde se diz que um antigo mestre construtor de legos escondeu um tesouro de peças raras. O que eu percebi foi que, se conseguisse lá chegar,

poderia encontrar as respostas que procurava - os olhos de Steve e Alex brilharam com emoção, enquanto escutavam com interesse a história que o senhor partilhava.

- Com um mapa antigo nas mãos e determinação no coração, parti em direção à ilha misteriosa, pronto para enfrentar os desafios que me aguardavam e desvendar os segredos por detrás da peça de lego rara. Finalmente, após dias de viagem árdua, avistei a ilha no horizonte. À medida que me aproximava da costa, constatei que existiam ruínas antigas escondidas pela vegetação exuberante que cobria toda a ilha.

- Desembarquei com cautela, pronto para enfrentar qualquer desafio que encontrasse. Encontrei obstáculos que testaram a minha coragem e habilidade. Armadilhas antigas e enigmas misteriosos que bloqueavam o meu caminho. Após muitas horas de exploração, encontrei uma câmara subterrânea oculta, cheia de artefatos antigos e relíquias de lego que remontavam a eras perdidas. Entre esses tesouros, encontrei pistas cruciais sobre a história da peça rara da qual procuram saber a origem. Foi aqui que desvendei o último enigma que guardava o segredo da peça de lego. Com mãos trémulas e exaustas, ainda tive forças para colocar a peça no seu lugar, revelando não apenas a história por detrás dela, mas também uma mensagem de gratidão do antigo mestre construtor que a escondeu. - Steve e Alex trocaram um olhar de satisfação e alegria - Estas peças, lançadas no mundo por este mestre construtor, são peças universais, capazes de encaixar em qualquer construção, ideia ou invenção. Ao contrário de outras peças, estas não têm qualquer limite em termos de peso ou forma, encaixam-se onde de si houver necessidade e poucas existem pelo mundo, são extremamente valiosas, mas pelo amor que vejo terem por lego, sei que lhes darão o uso correto.

Com os seus corações cheios de gratidão, regressaram a casa, prontos para enfrentar novas aventuras e continuar a sua jornada pela inovação em Legocity, juntos. Sentiam ter chegado ao final da sua procura com sucesso, não apenas encontrando a peça rara, mas também descobrindo a importância da perseverança, trabalho em equipa e amor pelos legos.

Infelizmente, nenhum dos dois teve tempo para celebrar. A caminho de casa Steve recebeu um telefonema da sua mãe que lhe disse que se encontrava com uma doença muito grave, tinha desenvolvido um cancro no cérebro que estaria no estágio quatro e pouco tempo de vida lhe sobraria. Ela própria já sentia os anos carregarem-na e confessou que estava a ficar incapaz de cuidar de si sem o auxílio de terceiros.

- Preciso que alguém esteja sempre a supervisionar-me e o médico tenta incentivar-me a manter-me ativa para retardar os efeitos da doença. Sinto-me horrível a pedir-te ajuda desta forma, meu filho, mas não tenho confiança nas pessoas que o hospital me envia - explicou-lhe a mãe. Steve, triste pela situação, nem contestou o pedido, acedendo de imediato.

Chegando a casa depois da conversa, começou a fazer as malas e a arrumar as coisas para se mudar para o campo, nos arredores de Legocity, onde a mãe residia. "Vou ter saudades de morar na cidade", pensou, "das moradias, das pessoas de lego... mas voltarei mais tarde". Contudo, ponderou que talvez fosse uma boa ideia passar algum tempo na vila onde viveu os verões em criança, onde há natureza, há mais humanos, sem o stress do trabalho e o preconceito cidadão que sentia diariamente.

Em casa, a mãe encontrava-se acamada e Steve entrou devagar no quarto com Alex, tentando não a incomodar. Perto da cama, Steve olhou para a mãe com ternura, afagando-lhe a nuca calmamente:

- Olá mãe... como te estás a sentir? - Steve perguntou, preocupado, mas tentando manter a calma. Aquela era a primeira vez que Alex conhecia a sua avó e não queria perturbá-la por o estar a fazer infelizmente no pior momento.

- Pai? Esta senhora é a minha avó? - perguntou Alex, com um entusiasmo envergonhado por conhecer pela primeira vez uma familiar além de Steve.

Steve acenou afirmativamente e afastou-se da cama para abrir caminho à sua filha que avançou para falar com a avó. Iniciaram uma conversa amigável e Steve decidiu dar-lhes espaço para conversarem, saindo de casa da mãe e passeando pelo bairro onde, em pequeno, tinha passado largos meses quentes.

Steve tinha uma ótima relação com a mãe, eles eram praticamente inseparáveis. A sua infância, no entanto, tinha sido complicada. Desde pequeno que foi obrigado a assistir ao abuso que a mãe sofreu às mãos do seu pai. Incapaz de o deixar, mesmo após múltiplas traições amorosas, ela sentia-se impotente, pela dependência financeira que mantinha em relação ao marido.

Steve tinha odiado viver na mesma casa em que o pai desgastara tanto psicologicamente como fisicamente a sua mãe. Mesmo em adulto Steve tentou falar com a sua mãe várias vezes para convencê-la a deixá-lo, mas em vão. A sua mãe sabia que se abandonasse o seu marido, não teria para onde ir, não tinha mais família, nem amigos, e o que mais lhe custaria era obrigar Steve a sustentá-la. Sobrou-lhe apenas aguentar aquela vida, por mais difícil que fosse.

Para além de ter a sua mãe como confidente, ele também tinha o seu avô, que sempre o tinha ajudado a superar as dificuldades que um ser humano num mundo feito de legos enfrenta. Steve sempre odiou ser diferente de todos, ser o único humano entre todos os seus amigos, sem qualquer peça de lego. Foi o seu avô o primeiro a incentivá-lo a canalizar aquela frustração para a sua própria criatividade. Embora fosse da mesma família que o seu pai, eram totalmente diferentes, e foram essas diferenças que fizeram com que Steve visse o seu avô como uma verdadeira figura paterna, alguém em quem pudesse confiar e expressar como realmente se sentia sobre o relacionamento tóxico em que a mãe se encontrava. Quando ele faleceu, Steve sentiu um grande vazio e, por momentos, julgou-se incapaz de continuar a viver.

Steve sentia-se a reviver esse período, mas determinado a assumir uma diferente postura estava focado em tornar os restantes dias da sua mãe o mais confortáveis possível. Nos dias e semanas que se seguiram, Steve, a sua mãe e Alex passavam grande parte do tempo juntos.

- Avó, o que é que costumavas fazer com o meu pai nesta casa quando ele era pequeno? - perguntava Alex.

A avó sorria cheia de amor e respondia:

- Nós adorávamos passear no parque e brincar com lego. O teu pai era um rapaz muito curioso e inteligente, assim como tu, Alex - dizia a avó alegre. Steve olhou para a mãe e sentiu uma grande gratidão a cobrir-lhe os olhos. A avó continuou:

- O mais importante na vida são os momentos que partilhamos com quem amamos. Guarda-os no teu coração, Alex, são eles que nos fazem verdadeiramente felizes.

Por entre sorrisos e lágrimas, a ligação entre as três gerações cresceu. O tempo tornou-se precioso, e cada momento compartilhado era uma dádiva.

À medida que os dias passavam, a saúde da mãe de Steve deteriorava-se, acabando por ter de ser transportada para o hospital. Steve e Alex visitavam-na regularmente, trazendo alegria e conforto ao seu leito. Entre histórias partilhadas e momentos de silêncio, o amor entre eles continuava a crescer, fortalecendo-se através da adversidade. Steve sentia uma mistura de tristeza e felicidade, pois, apesar da dor da despedida iminente, estava grato pela oportunidade de partilhar esses momentos preciosos com a sua mãe e filha. Steve encontrou força na união da sua família e no poder do amor que os unia.

Naquele momento Steve necessitava de dinheiro para pagar os tratamentos da mãe, e o que tinha poupado no seu pequeno trabalho esgotava-se. Procurou arranjar biscates para conseguir ganhar algum dinheiro, mas mesmo nos arredores da cidade deparou-se com inúmeras dificuldades em encontrar locais de trabalho dispostos a aceitar seres humanos. Como tal, Steve passou por empregos com condições deploráveis. Trabalhou como agricultor, em campos extensos, exposto a temperaturas altíssimas; trabalhou na limpeza de carros em bombas de gasolina à entrada dos subúrbios; na recolha do lixo dos arredores de Legocity, entre muitos outros. Mesmo naqueles meios era mal tratado pelos seus colegas devido à sua diferença, suportava baixos salários e péssimas condições de higiene.

Steve sentia-se psicologicamente esgotado, fisicamente exausto e frustrado por, mesmo com todos os problemas que a vida lhe lançava, ser diariamente lembrado da sua diferença e de como o seu valor aos olhos dos outros estava associado a algo que nada dizia sobre o seu carácter. Voltar a trabalhar, para Steve, era lembrá-lo que o mundo era mais do que a bolha familiar com que se tinha protegido naqueles últimos tempos.

Após a mãe de Steve partir, um vazio profundo instalou-se nele e Alex. O luto foi intenso, marcado por lágrimas e saudades da presença calorosa e amorosa que ela representava. Steve encontrou consolo no apoio de Alex e na memória da sua mãe, lembrando os momentos felizes que partilharam juntos. Com o tempo, a dor começou a dar lugar a uma saudade serena e a gratidão pelas lições de amor e resiliência que a mãe de Steve lhes deixou. A vida continuou, agora com a eterna presença do amor e dos ensinamentos da matriarca que os unia, guiando-os nas suas jornadas individuais.

Foi a partir daqui que Steve decidiu ignorar os “nãos” que ouviu toda a vida e começou a desenhar os seus próprios designs, publicando-os de forma independente na internet, procurando obter a atenção de alguma empresa que o apoiasse. Foram meses de trabalho árduo sem qualquer atenção e, perto de desistir da ideia, Alex intervém e decide organizar várias campanhas de angariação de fundos, através das quais o seu pai conseguisse realizar os designs divulgados e assim expor o seu talento, com o apoio exclusivo de pessoas comuns que o desejassem suportar. Era para isso também que Steve fazia tudo isto, para mostrar ao mundo e a todos aqueles que passavam pelo mesmo que ele, que ainda havia esperança, que a sociedade pode evoluir, e tornar-se mais fácil, para aqueles que estão na base da pirâmide hierárquica, ascender, através do seu talento, dedicação e mérito, independentemente das suas características superficiais.

Com o sucesso de múltiplas angariações e a satisfação de quem beneficiava das suas invenções, Steve tentou ir ao máximo de empresas possíveis em busca de mais ajuda e recursos. Não concordavam e escolheram não o apoiar, argumentando por diversas vezes que o faziam por considerarem ridículo um ser humano como Steve, manter este nível de interesse pelo mundo das pessoas de lego. Atitudes que foram divulgadas por Alex que pretendia expor a todos a sociedade que Legocity se tinha tornado, uma que discriminava os diferentes, e lhes tirava todas as hipóteses, bem como cortava caminhos para conseguirem suceder, mesmo que tudo tivessem conseguido sozinhos e às custas de muito sofrimento.

Steve foi conseguindo cada vez mais apoiantes, exclusivamente do povo. As pessoas começavam a acreditar que seria possível Steve concretizar o seu sonho. O número de apoiantes foi aumentando cada vez mais e Steve nunca tinha sido tão feliz, ao ver que o seu trabalho finalmente estaria a dar frutos. Steve começava agora a olhar para o seu futuro de maneira diferente, ia conseguir realizar o seu sonho e seria com o apoio da sua família e contra as injustiças a que tinha sido submetido.

No final do dia de uma das maiores angariações, Alex decidiu lançar um grande convívio, convidando todos os contactos de Steve. Este sentou-se com os que habitualmente eram as pessoas que mais apoiavam a sua campanha e foi então que cruzou olhares com Mília, que surpreendentemente não estava apenas na angariação, mas foi, a título pessoal, a sua maior contribuidora.

Mília felicitou Steve pelo sucesso da angariação e suplicou-lhe que este lançasse os projetos nas suas lojas. Steve ficou entusiasmado, feliz por ver agora o reconhecimento daqueles que tanto lhe tinham dificultado o percurso. Contudo, apresentou algumas condições para que pudesse aceitar tal oferta. A primeira condição seria um assumir público, por parte da empresa, que nunca o tinham aceite como contribuidor até se ter "desenrascado" sozinho. Mília aderiu, concordando que tanto a sua empresa como todas as outras grandes empresas no mercado de lego tinham sido injustas para com Steve. A segunda, impunha que a empresa de Mília teria de terminar de vez com a política de não aceitar colaboradores humanos.

A seguir à conversa de Steve com Mília, a direção da empresa teve numa reunião um ser humano pela primeira vez na sua história:

- Estão todos? - perguntou Mília, de pé em frente à enorme mesa. A parede da sala era repleta de vidros, e os funcionários estavam sentados atentos à mulher e a Steve.

- Convoquei-vos aqui para dar a seguinte notícia - os olhos de Steve fixavam os de Mília, prestava atenção a cada palavra que saía de sua boca. - Com o desenvolvimento da empresa, os novos projetos e lucros, eu e os restantes acionistas tomámos uma decisão bastante importante para o futuro da empresa.

Um homem levantou sua mão no mesmo momento:

- Sim? - Mília encarou-o.

- Isso vai afetar os lucros futuros? - ele mexeu na gravata, de vóz trémula, sentia medo da autoridade e confiança da sua chefe.

Ela respondeu-lhe com um sorriso sincero.

- Sim, com certeza - a mulher parecia contente, fitou os olhos de Steve e disse - Vou-me

retirar do cargo de CEO da empresa, e é com muito orgulho que digo que teremos uma nova pessoa para ocupar este lugar que exerci durante tantos anos.

Todos ficaram boquiabertos, queriam acreditar que aquele seria o momento onde seriam nomeados e era Steve anunciado para o cargo que tantos ali presentes cobiçavam.

- Steve, parabéns, és o novo CEO da maior empresa de lego em Legocity! - quando a mulher exclamou, todos se sentiram obrigados a aplaudir.

Os olhos de Steve encheram-se de lágrimas, estava mais do que feliz e não conseguia acreditar. Levantou-se da cadeira e apertou a mão de Mília. “Pronto”, pensou, “a minha vida está feita, os meus sonhos realizados”. Sentia-se tão orgulhoso que mal conseguia acreditar que aquilo realmente estava a acontecer. Era o novo CEO, a sua visão poderia finalmente ser concretizada sem impedimentos e pretendia avançar com grandes mudanças.

Os primeiros dias foram difíceis, Steve nem conseguia imaginar o quão teria de entrar numa rotina completamente diferente da sua antiga. Os funcionários que o rodeavam não lhe tinham confiança ou lealdade. Incomodados com o quão abrupta aquela mudança tinha sido, ativamente dificultavam-lhe todo o trabalho, esperando desgastá-lo e levá-lo a desistir por cansaço.

Acordava duas horas mais cedo, porém, ao final do dia, mal tinha tempo para dormir, pois diariamente uma pilha de papelada incompleta e ideias de próximos lançamentos era-lhe colocada em frente. Estava exausto, e na maior parte do seu tempo, imaginava-se numa casa tranquila nos subúrbios, sem ter preocupações e nenhuma obrigação.

No entanto, aquele era o futuro que Steve tanto idealizara para si, e na realidade, gostava daquela mudança. Acordar todos os dias, mesmo exausto do dia anterior, vestir-se adequadamente com aquelas roupas formais e entrar na empresa que tinha conquistado, causava-lhe orgulho, e sentia-se bem por tudo aquilo com que tinha de lidar. Chegou da forma que quis chegar aonde sempre desejou estar, e sempre que se lembrava disso, mantinha-se seguro perante qualquer momento desagradável, com um sorriso no rosto.

Uma ideia surgiu-lhe e ele percebeu que poderia transcender ainda mais todas as inovações da empresa. Organizou todo o projeto e convocou uma reunião com todos os colaboradores, para lhes apresentar o projeto pessoal que lhe levava tantos anos a conceber, desde os dias em que trabalhava em casa com Alex.

Expôs-lhes a ideia, mostrou os rascunhos e esclareceu todas as questões que pudessem ter sobre o assunto. Demorariam meses de trabalho intenso para que tudo pudesse ser realizado. Inicialmente céticos, os colegas mostraram-se satisfeitos com a iniciativa e liderança de Steve, agarraram com entusiasmo o novo projeto e trabalharam arduamente para executar a visão. Após meses e mais meses de espera, os jornais já divulgavam o lançamento do novo “Lego Gigante para Todos”.

Era simples, porém, revolucionário. Tratava-se de uma construção inteiramente feita de lego, do tamanho da torre Eiffel. Dentro desta havia espaços praticamente ilimitados, para que pessoas fanáticas por lego pudessem montar tudo o que a sua imaginação conseguisse conceber. A

torre seria o maior espaço de liberdade e criatividade que alguma vez tinha existido, qualquer pessoa poderia dirigir-se ao edifício e subir, experimentando livremente quaisquer peças e equipamentos. Sobre a orientação da liderança de Steve, a única regra a ser implementada seria valorizar os melhores e mais criativos designs.

No centro da torre, uma sala especial estava destinada a Alex e às suas experiências pessoais. Foi aqui que Steve lhe mostrou o segredo daquela enorme escultura. A peça universal, que sozinha suportava todo o peso da torre e concedia a todos os humanos do mundo as mesmas oportunidades que as pessoas feitas de lego tinham.

O fenómeno da torre foi uma loucura, a empresa recebeu milhões e pessoas de todo o mundo peregrinavam pela oportunidade de se expressarem através de lego. O nome de Steve estava estampado em capas de revista e noticiários. Todos exclamavam que aquilo era mágico.

Com o reconhecimento que ganhou, Steve foi convidado por empresas de lego de todo o mundo para apresentar a sua história e contar como conseguira superar as suas dificuldades. Queriam mostrar o seu exemplo de superação a todos, queriam mostrar como o mundo mudou e como os levou a, finalmente, aceitarem os humanos.

Naquele dia passavam três anos desde a inauguração da torre. Steve foi ao cemitério para deixar flores à sua mãe e falar com ela:

- Sinto tantas saudades tuas, mãe! A minha vida sem ti não tem sido a mesma. A solidão que sinto é imensa. Queria que visses o que eu consegui concretizar e todo o sucesso que conquistámos.

Steve pensou na sua vida e no que, em tempos, tinham sido apenas sonhos, mas não pensou apenas em si. Pensou em Greg, em Alex, na sua mãe, no seu avô, e disse:

- Trouxe-te flores de lego, mãe. Espero que estejas bem, onde quer que estejas.

## FICHA TÉCNICA

### ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DE ANADIA

#### ALUNOS (Turma 10º D)

Aiden Rose  
Alexandra Santos  
Ana Beatriz Vieira  
Bruna Filipa Gonçalves  
Camila Ferreira Dias  
Constança Cavaleiro  
Gonçalo Pereira Fontinha  
David Volker  
Eduardo Rui Cunha  
Inês Duarte de Castro

Joana Ribeiro Pinto  
Larissa Reis Machado  
Leonor Francisco  
Martim Seabra Coelho  
Matilde Cruz Ribeiro  
Melannie Bolivar  
Miriam Cunha  
Sofia Castanheira  
Sofia Tyutyunyik  
Tiago Migu Ribeiro  
Tomás Miguel Silva

#### ILUSTRAÇÕES

Joana Pinto  
Camila Dias  
Alexandra Santos  
Miriam Cunha

#### DOCENTES

Ana Paula Allen  
*Docente da Disciplina*  
Isabel dos Santos - PB  
Manuela Monteiro - PB

## INÊS BARATA RAPOSO

Inês Barata Raposo (Castelo Branco, 1990) é a autora do romance juvenil «Coisas que Acontecem», distinguido com os prémios Branquinho da Fonseca 2017 e Tábula Rasa 2019, e selecionado para o catálogo internacional White Ravens 2019.

Em 2022, venceu o Prémio Literário Maria Rosa Colaço com o original juvenil «Quarto Escuro» (no prelo).

Estreou-se na literatura infantil em 2023 com «O Efeito Bola de Menta». Todos os seus livros são editados pela Bruuá.

# O PRIMEIRO DIA

1974

Chegou o meu primeiro dia de aulas no liceu.

Depois da revolução há alguns meses, o que me espera? O que vai mudar com a liberdade? Eu não consigo imaginar.

Levanto-me cedo para adiantar algumas das minhas tarefas antes de sair de casa. Como um pão de ontem em duas trincas, alimento os animais e arranco umas ervas na horta. No final do dia, faço o resto. Os meus pais deixam-me andar na escola, querem que estude, mas não podem abdicar da minha ajuda nas lides.

Mal me despacho, lavo a cara, sacudo o pó da roupa, e corro para a paragem do autocarro.

Faço a viagem até ao liceu sentada ao lado Guilhermina. Há meses que não a vejo. Aproveitamos, por isso, para falar sobre namoricos de verão e outras aventuras. Conto-lhe das cartas que enviei em segredo ao Anibal e da semanita na praia com a minha madrinha. As coscuvilhices do costume.

A conversa vai parar ao dia em que nos conhecemos e à primeira vez em que entrámos numa sala de aula. Éramos tão pequenas, sabíamos lá o que era estar sentadas e quietas a ouvir as lições. Eu só sabia que era suposto guardar muito respeito à professora. Sempre. Havia uma hora para rezar, outra para cantar o hino.

Quando vemos a professora Lurdes ultrapassar o nosso autocarro, encostamos o nariz à janela. O carro é do marido, mas é ela que conduz.

A professora Lurdes é das mulheres mais livres que conheço. E, mesmo assim, tem maus dias. Quando fecho os olhos, ainda consigo ouvir as dez reguadas que pregou nas mãos da Virgínia, depois de a apanhar à conversa com a Manuela, durante uma lição sobre os rios de Portugal.

Alguns adultos dizem que agora vai ser diferente. Que com o 25 de Abril as coisas vão mudar. Até na sala de aula. Mas a Guilhermina tem dúvidas.

- Achas que os professores vão ser melhores, Rosário?

Sem saber que responder, encolho os ombros.

- Provavelmente não vamos rezar mais - arrisco.

A Guilhermina não diz mais nada. Põe-se a alisar a saia com as mãos, apesar de o tecido estar mais engomado que um fato de domingo.

Entrar no liceu é um acontecimento raro para raparigas como nós. Quanto mais aprendermos mais longe podemos chegar. Quem sabe, um dia, até trabalhar num escritório na cidade. O que eu queria mesmo era ser médica, porém tudo o que não seja a pasmaceira da Columbeira já é muito bom.

Sei que a Virgínia queria ter vindo para o liceu comigo e com a Guilhermina, mas não pôde continuar. Os pais disseram-lhe que já era uma sorte ter estudado tanto. Com 15 anos, o lugar dela era em casa – pelo menos até casar e começar família.

Tenho pena dela.

Calhei numa turma quase só com rapazes. A maioria das turmas do liceu são quase só de rapazes. Barulhentos. Altivos.

Eles acham que mandam em tudo, que vão sempre controlar tudo. Mas eu já sei melhor. Mesmo que a preto e branco, deu para ver bem na televisão, mulheres e homens, lado a lado com os cravos na mão em Lisboa.

A revolução fez-se com todos e todas, o futuro também há-se ser com todos e todas. Ai, se eu me vejo de bata branca a dar consultas!

O dia passa enquanto o diabo esfrega um olho. A minha cabeça guarda pouca matéria. No recreio, só se fala de política e de eleições.

Regresso a casa de autocarro. Saio na paragem, junto ao pinheiro manso do Ti João. Está sol, tenho tempo ainda, apetece-me caminhar.

Quando passo em frente à taberna mais concorrida da Columbeira, ouço lá de dentro aquela música da Amália que diz: “É uma casa portuguesa com certeza, é com certeza uma casa portuguesa.”

Por alguma razão, lembro-me da minha amiga Virgínia. O que será que ela fez o dia todo?

## 1984

Que dia cansativo!

Por mim, era telescola para sempre. Mas não, tens de ir para o liceu. Não, tens de fazer amigos. Não, sai da cama, apanha o autocarro.

Será que os pais sabem mesmo o que é melhor para as filhas? Eu duvido muito.

(Se soubessem não me tinham oferecido o disco do Michael Jackson, não é? Quero lá saber do *Thriller*, deem-me mil cópias dos Beatles.)

Assim que piso o liceu, tudo começa a correr mal. Dou logo de caras com a Ana. Os olhos dela lançam fogo. É claro que ainda está chateada comigo por eu não ter ido à sua festa de aniversário no verão.

Pouco depois, sou obrigada a falar em frente à minha nova turma na aula de Português. Que mal fiz eu para ser eleita delegada de turma? Será que sou uma piada e não sei? Incumbem-me de comunicar informações importantes aos meus colegas. Independentemente de me apeterer ou não, tenho a missão de incentivar os meus colegas a inscreverem-se nalguns dos clubes no espaço escolar. Do xadrez ao teatro.

Ainda que contrariada, aproveito a oportunidade para elogiar o meu clube favorito: o Clube de Leitura.

Tenho o sonho de ser escritora, mas ninguém sabe. Adoro perceber como cada escritora monta castelos de palavras de forma diferente, sejam elas simples ou complexas. Admiro tanto, tanto aqueles autores capazes de transmitir sensações e personalidades através de histórias.

É assim que eu penso e, claro que me entusiasmo a partilhar esta informação.

Já dos meus colegas não se pode dizer o mesmo.

- Uau, um clube onde falamos e ficamos parados ao redor de livros... que divertido!

- Se o clube fosse de futebol ainda aparecia!

- Não entendo porque fizeram um clube tão desinteressante. A sério, podia haver um de moda, assim fazíamos desfiles na escola!

Nem vale a pena explicar estes comentários, pois não? Somos tão diferentes.

Por vezes, sinto que não pertenço ao mundo real. Sinto que os meus colegas olham para mim como um episódio do *Tal Canal*.

Quem me dera ser antes uma ficção:

1. Tudo o que existe nos livros é muito melhor, mesmo que ao início não pareça.

2. A protagonista introvertida e tímida no final acaba por ter sempre um final feliz nos livros.

Mal a campainha toca para intervalo, corro até à biblioteca, o meu (novo) sítio favorito. Para primeira requisição do ano letivo, escolho "A Suspeita" da coleção *Um Mistério de Hercule Poirot*, da minha escritora predileta: a Agatha Christie.

Às vezes, dou por mim a pensar em como a vida pode ser um grande mistério. Do aparecimento dos dramas de amigos ao desaparecimento da última fatia do meu bolo de chocolate, há com cada enigma no dia-a-dia de uma adolescente...

As aulas são banais. Se não fossem os olhares de fúria da Ana, seria um dia igual a todos os outros, apenas com alunos um ano mais velhos sentados nas carteiras.

A minha amiga – ainda penso nela assim – é que decidiu passar o dia inteiro de olhos cravados na minha nuca.

Não é para menos: eu devo-lhe uns parabéns, uma festa de anos e um presente. Fui eu que falhei, fui eu que dei a entender que ia à festa sabendo perfeitamente que era impossível. Mas como dizer não àqueles olhos de felicidade, os mesmos que agora parecem querer pegar-me fogo?

Foi idiota não lhe ter dito nada todo o verão. Tudo bem que os meus pais não me deixam falar ao telefone.

- Nem penses! Nada de tagarelices – grasnam sempre que me apanham com o auscultador na mão.

Ainda assim, devia ter-me esforçado para manter a Ana na minha vida.

Por estupidez e vergonha, afastei a única pessoa que falava comigo porque se importava e não apenas para saber as datas dos testes. A única colega que sabia da minha fobia social. A única amiga.

Bastava-me ter sido sincera na hora: não podia ir aos anos dela porque ia passar o verão na aldeia da minha avó.

Poucos dias depois de terminar o 9.º ano, os meus pais – ocupados como são – meteram-me na primeira camioneta para a terrinha.

A minha avó, a melhor cozinheira e conselheira que conheço, recebeu-me na estação com um chi-coração gigante e *croissants* caseiros ainda quentes. É quase tão viciada em pastelaria francesa como eu.

Quando me sinto em baixo ela acerta sempre em duas coisas: no doce que me apetece comer e no discurso que preciso de ouvir. Para ela, não há mal nenhum que a Maggie, a rafeira que adotamos, seja a minha melhor amiga.

- Os cães sabem ouvir. E tu tens a vida inteira para fazer amigos - diz.  
Sinto-me livre nas temporadas na aldeia.

As melhores horas do meu verão foram passadas a ler à sombra da oliveira no jardim da casa da minha avó.

Os meus pais ensinaram-me a chamar-lhe casa da avó, mas mansão talvez fosse mais correto. A propriedade é tão grande que, por vezes, me perco a explorar os locais secretos. Está na nossa família há séculos, tão antiga como nos filmes. Aqueles inspirados em livros clássicos.

Um dos melhores esconderijos é a passagem secreta entre a sala de estar e a biblioteca. Para a desbloquear é preciso puxar um certo livro – um policial, claro. Então, ouve-se um ranger, a estante gira e revela umas escadas em caracol que vão dar às catacumbas.

A primeira vez que tive coragem para descer os degraus foi este verão.

Com uma lanterna a pilhas e muito cuidado para não tropeçar, só me faltava um chapéu para parecer o Indiana Jones.

À medida que avançava no escuro imaginei que era uma assassina em fuga, uma detetive famosa em plena investigação e uma negociadora de reféns. Tudo ao mesmo tempo.

Entre aventuras e mil leituras, voltei das férias outra Emília. Hoje estou em paz por sentir mais adrenalina a folhear um mistério do que a começar o liceu. Por alguma razão são as histórias que me ajudam a sobreviver ao primeiro dia de aulas. É claro que tenho um livro para escrever.

## 1994

No caminho até à ao liceu não tiro os olhos dos pés: de manhã calcei uns *Air Jordan* novinhos em folha para começar em grande o primeiro dia de aulas.

Logo à entrada da escola, o Mário e aqueles amigos dele que não me convencem minimamente acenam-me com um ar meio gozão. Formam um círculo, riem-se de qualquer coisa. Passo sem lhes falar e vou procurar a minha sala.

Ainda nem sabíamos andar, quando eu e o Mário nos conhecemos. Durante muitos anos, fomos amigos de infância à boleia dos nossos pais, também eles amigos de infância. Hoje somos uma espécie de amigos involuntários. Afastámo-nos aos poucos.

É verdade que ele ainda tentou juntar-me ao seu grupo, porém sem sucesso. Eu não sinto que os seus amigos novos sejam boas influências, eles não sentem que eu seja radical o suficiente.

Assim que passo o portão e encaro o pavilhão onde vou ter a maioria das minhas aulas, dou por mim a ranger os dentes. É mesmo isto que é esperado de mim? Voltar aos estudos e deixar para trás os dias relaxados do verão?

Ainda nem tirei os plásticos dos manuais escolares e já só penso em quantos dias faltam para as próximas férias. Nos últimos meses, experimentei, por fim, aquilo a que os meus avós chamam “boa-vai-ela” e não estou preparado para abrir mão dessa liberdade: as festas à noite na praia, as cassetes dos Xutos & Pontapés no máximo, os truques para esconder as bebidas dos adultos.

Nada que importe agora que a campainha está prestes a tocar para a minha primeira aula enquanto aluno do 10.º D. Conformo-me e acelero o passo, não quero dar má impressão logo no primeiro dia.

Encostada à porta da sala, com o ar mais sereno do mundo, encontro a Helena, que me cumprimenta com um abraço apertado.

À primeira vista tenho um estilo muito diferente do da minha amiga. De um lado, eu com o meu colete azul-escuro, camisa branca, calças de ganga, e os ténis ainda a brilhar para dar um ar menos certinho. Do outro lado, ela.

A Helena é a minha amiga *hippie*: usa calças à boca-de-sino, camisas largas e coloridas – todas com aquele ar de quem sofreu um acidente na máquina de lavar; embrulha-se com dezenas de fios e pulseiras espalhados pelo corpo, do pescoço aos tornozelos. Quando é obrigada a correr, nas aulas de Educação Física, emite um chocalhar muito característico.

- Parece uma maraca com pernas - disse-lhe uma vez. E ela riu-se genuinamente.

Aparências e filosofias à parte, a Helena é a pessoa mais parecida comigo por dentro.

- Olha quem é ele - exclama após o nosso abraço.

- Chegaste cedo hoje, quem diria - respondo.

É bom revê-la. O verão passou sem que nos encontrássemos uma única vez. A minha amiga aproveitou as férias para passar uma temporada com os avós em Espanha. Até voltou com um *un poco* de sotaque que *me encanta*.

A sala de aula já está praticamente cheia, quando eu e a Helena paramos de conversar. Trocamos um olhar cúmplice, entramos. E temos que nos contentar com os dois únicos lugares vazios. Separados.

Há algumas caras novas na turma. Mas sem stress.

Sento-me ao lado de um desconhecido, um rapaz alto e atlético, o Tiago. Meto conversa com ele por estar a usar uma *t-shirt* da seleção nacional e não demora muito até descobrirmos que ambos adoramos desporto, em especial o desporto-rei.

- O João Pinto.

- Meu, o João Pintoooo.

Cinco minutos depois já temos uma futebolada marcada no intervalo.

Presto pouca atenção ao que o professor diz. Afinal, a grande questão do ano está a discutir-se na minha carteira: Luís Figo ou o Rui Costa? Aos sussurros, eu e o Tiago temos a mesma opinião: é o Figo quem dá mais nas vistas. O que ele fez no Campeonato da Europa de Sub-21 não é para todos.

O Mário só aparece na aula vinte minutos depois do toque de entrada. Desde que se juntou àquele grupo de amigos tornou-se mais irresponsável. O professor chama-o à atenção, mas eu sei que é em vão.

Ainda no outro dia, ao regressar a pé para casa de uma festa na praia, encontrei o Mário e o grupinho dele a fazerem *graffiti* debaixo da ponte. Péssimo ambiente na rua.

Confrontá-lo para quê?

“Lá estás tu a exagerar, nem todos podemos ser betinhos.”

Já ouvi esta frase vezes suficientes.

Hora do almoço. Testo os dotes futebolísticos do Tiago. E comprovo: ele merece, sem dúvida alguma, usar a camisola da seleção.

Final do dia. Vou dar um passeio com a Helena pelo parque da cidade. Deitamo-nos na relva, conversamos, comemos. De tão sôfregos saltam-nos pedaços de sanduíche de ovo da boca enquanto pomos em dia um verão inteiro.

Com ela em Espanha, não houve telefonemas que nos valessem. E as cartas não são bem a nossa onda.

A cada detalhe que oiço sobre as ruas, os mercados, os terraços, os mergulhos na praia, fico mais perto de Barcelona. Percebo a falta que a minha amiga me fez, um vazio que nenhuma noiteada preencheu. Quero perguntar-lhe como se diz “saudades” em espanhol, mas a vergonha engasga-me.

A relva do parque arrefece debaixo das nossas pernas. Em duas horas atravessamos três meses. Se isto é voltar às aulas, então talvez a rotina não seja assim tão má.

## 2004

Primeiro dia de aulas.

Acordo mais cedo que o normal, quero garantir que tudo corre bem, perfeitamente bem. Tomo o pequeno-almoço com todo o tempo do mundo e arranjo-me com pompa e circunstância para o tão esperado dia. Visto umas calças de ganga de cintura baixa e um top faixa cor de laranja, verdadeiras armas para uma guerra nada secreta.

Já com a mochila pendurada num ombro, deslizo de meias até à cozinha para comer uma torrada extra. Os recomeços abrem-me o apetite.

De outra divisão da casa, oiço uma voz.

- Estás tão linda, menina.

Segundos depois, as pantufas da minha mãe arrastam-se pelo corredor. Dá-me um beijo ensonado na testa, o calor do corpo dela faz-me sorrir.

- Oh, mãe! Tenho a Inês à espera, tenho de me despachar.

É essencial escapular-me antes que ela se lembre de um recado de última hora.

- Nada de te perderes na biblioteca e chegares fora de horas. Às cinco quero-te em casa.

Ela conhece-me demasiado bem.

- Não prometo nada, mãe.

Enfio os ténis e bato com a porta.

Com os braços cruzados e uma cara de desenho animado, a Inês espera-me à entrada do prédio. É uma sorte ter uma colega-vizinha-amiga a viver no mesmo bairro que eu desde os cinco anos.

- Como é que demoraste tanto, Madalena? Estamos super atrasadas! Vamos ter de correr para não perder a primeira aula.

Por muito que barafuste, a Inês é incapaz de se chatear de verdade. Umas ruas mais à frente já estamos animadas a discutir o nosso futuro enquanto alunas do secundário.

Ainda que o portão do liceu seja o mesmo, tudo parece novo. Nós as duas, eu a Inês, folhas em branco num caderno acabado de comprar. Uma promessa de mudança em toda a parte. E não é para menos: já não sou mais uma estudante do básico e isso deve ter algum significado.

Ainda assim, sinto-me do tamanho de uma *Polly Pocket*.

O que me espera? Como vai ser? Lutei tanto para ser a aluna do secundário exemplar, determinada e independente, e agora só me apeteçam mimos e abraços da minha mãe.

Este vai ser um ano de estreias: pela primeira vez desde o infantário, eu e a Inês estamos em turmas separadas. Consigo imaginá-la a fazer novas amigas e a ultrapassar a nossa, como fazemos quando perdemos um elástico e só nos tornamos a lembrar dele se o encontrarmos caído no chão.

Sem certezas absolutas, à primeira oportunidade de me escapar da matemática, escolhi seguir a área de Ciências Sociais e Humanas. Mais despachada, a minha amiga foi atrás das Ciências Socioeconómicas. Um dia vai comandar as empresas do pai. Pode ser que me contrate.

Quase chego atrasada logo no primeiro dia. Mas, por sorte, a professora engana-se no livro de ponto. É obrigada a voltar atrás.

À minha espera na sala de aula encontro sobretudo caras conhecidas, vários colegas de outras turmas. Há um lugar ao pé da janela a chamar por mim, o sítio perfeito para assistir à aula de História, uma das minhas disciplinas favoritas. O estudo das civilizações antigas e do passado tem tudo para ser o meu futuro.

Como manda a tradição das primeiras aulas do ano, começamos pelas apresentações – mesmo já nos conhecendo uns aos outros. Da turma nova, só há uma pessoa – à partida – na minha lista negra. Tenho as minhas razões para não suportar a rapariga que me fez *bullying* durante anos e me excluiu do grupo de amigas da primária, não é?

Coincidência ou não, é desse tempo que vem a minha amizade com Inês, que nunca idolatrou a minha inimiga como as outras colegas. Defendeu-me de bocas e provocações, deu-me confiança. Agora que somos mais velhas, não me incomoda tanto. Todavia, eu não esqueço nem perdo.

Enquanto os meus colegas repetem os seus nomes e os porquês de terem vindo para esta área, a professora aponta tudo à mão num bloco de notas. É uma estreia também para ela: primeiro ano a dar aulas, dá a entender que quer mesmo saber de nós.

Pois bem, aproveito o ambiente tranquilo para me aproximar da “outra Madalena”, a minha colega do lado. Tem os cabelos louros e lisos, uns óculos brancos perfeitos. Para além do nome, quero descobrir o que mais temos em comum.

Conversamos muito durante a aula. A ideia de um bom começo com a Madalena dá-me ânimo.

Reencontro a Inês no intervalo. Também ela vem animada: só fala do “miúdo mais giro da turma nova e do universo”. Nisso somos diferentes: eu nunca dei muita atenção aos rapazes, ela tem sempre algum debaixo de olho.

Conto-lhe por alto dos meus esforços de meter conversa com a “outra Madalena” e, entre risos e incentivos, caminhamos até ao campo de futebol.

- Vens jogar connosco ou preferes assistir da bancada? - Já prevejo a resposta, mas pergunto à mesma.

- Fico a ver, claro. O Tomás vai jogar.

Com as bochechas mais vermelhas que as minhas chuteiras, a Inês salta em direção aos bancos. Bem, ao menos já sei o nome do “miúdo mais giro da turma nova e do universo”.

Antes de entrar em campo, faço a minha paragem obrigatória: o balneário. É aqui que me transformo no Martim, um dos melhores avançados da escola. As roupas certas ajudam-me a abraçar uma das minhas identidades.

Nunca achei que fosse um prodígio da bola, mas desde sempre me chamaram para jogar nas equipas e campeonatos escolares. Ao contrário de algumas colegas, que passam o tempo entre rapazes e idas ao *shopping*, eu dou-me melhor no desporto.

Liberta-me ser o Martim por umas horas. Acabo por jogar mais vezes e me enturmar melhor, dentro e fora do campo.

Se eu fosse o Martim o tempo todo, era provável *que tornasse* num fenómeno de popularidade. Para já, vou revezando identidades, numa espécie de jogo secreto que poucas pessoas – a Inês entre elas – entendem.

Depois do jogo, vem uma leva de aulas com zero eventos a assinalar (não tornei a sentar-me ao lado da Madalena nem aprendi nada de novo).

Cheia de saudades pós-férias das estantes e do cheiro dos livros, dou um salto à biblioteca no final do dia.

- Olá, dona Beta. O verão foi bom? Vinha ver se me arranja o último *Harry Potter*.

- Boa tarde, querida. Só tínhamos um e foi requisitado logo de manhã, desculpa. Até sexta-feira deve chegar! Tenho aí umas revistas de que és capaz de gostar.

Com o pé, a dona Beta aponta para uma caixa a transbordar de *Visões e Sábados* e *Evasões*, entre várias publicações semanais. Ao contrário de outras bibliotecárias a minha fala com o corpo inteiro e em parágrafos, em vez de só com os olhos e em frases curtas.

Nem preciso de me baixar para ler numa das capas: “Euro 2004: Portugal foi o grande anfitrião da década”.

Sento-me num pufe para folhear a revista. Sabe-me bem recordar os grandes momentos do Europeu de futebol, ainda com os músculos doridos dos golos que marquei no intervalo. Quem sabe um dia as chuteiras do Martim não ficam para a história como as luvas do Ricardo.

A minha cabeça dança entre defesas, fintas e penáltis no caminho até casa. Assim que giro a chave na fechadura da porta, o regresso às aulas tinha vira um regresso aos inquéritos.

- Como foi a escola?

- Gostaste dos novos colegas?

- E os professores?

Respondo à minha mãe sem entrar em grandes detalhes e fecho-me no quarto antes que ela ative o modo detetor de mentiras. Só me falta mais uma tarefa antes de dar o dia por terminado.

Está na hora de passar à Matilde o relatório completo e não censurado.

Durante anos, sempre fomos eu, a Inês e a Matilde contra o mundo.

Porém no ano passado, a Matilde perdeu a mãe para um cancro. O pai guardou toda a dor numa mala e emigrou para França. Pouco depois, veio buscar a filha.

Entre cartas, *chats* e telefonemas, nunca perdemos o contacto.

Aliás, a data de 18 de agosto de 2005 já está assinalada a vermelho nas nossas agendas. Apesar de as folhas das árvores ainda nem estarem a amarelecer, nós já estamos em contagem decrescente para nos reencontrarmos no próximo verão.

O computador ronrona ao iniciar, o ícone do *MSN Messenger* fica verde, todo um crescendo até apanhar a Matilde *online*. Numa chuva de mensagens e emojis, escrevo autênticas composições sobre o regresso às aulas. Ensaio guiões para as mudanças que aí vêm.

Até que um grito quebra o feitiço.

- O jantar está pronto.

Como os douradinhos com puré e salada à pressa, trato o melhor que posso do aparelho dos dentes e salto para o conforto do meu pijama florido.

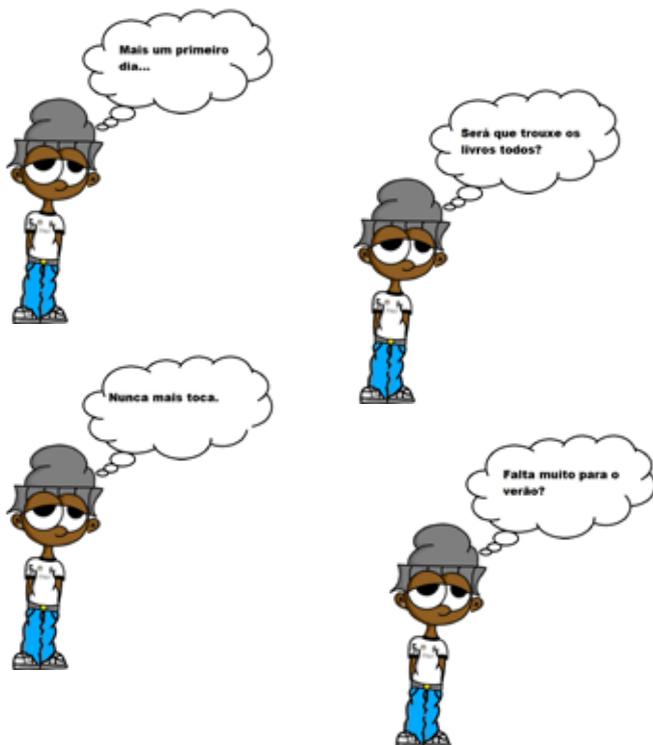
Um certo sufoco de final de dia empurra-me para a cama antes sequer de começar um novo episódio da *Senhora do Destino*. Do nada, dou por mim no meu quarto-refúgio encolhida como uma criança no escuro.

É mais fácil ter medo do futuro do que do papão. Penso.

Como será a minha vida depois da escola? E a do Martim? Será que vai ser a mesma? Tenho de falar com alguém.

2014

2024



Ainda faltam quarenta e três dias para as aulas comecem e eu já consigo ver o filme todo.

O papel principal aguarda-me: um protagonista que se sente estranho e feliz ao mesmo tempo. Estranho por não ter a mãe por perto, feliz por adorar recomeços.

Se tudo correr como imagino, vou sair de casa por volta das sete e meia para apanhar o autocarro. O *outfit* para o primeiro dia de secundário já está escolhido, algo tão simples como umas calças largas pretas, um casaco *puffer* e os meus eternos *Air Max 95* nos pés.

O mesmo para a banda sonora. O Drake nunca me falhou, conto com ele para daqui a uns meses me levar até ao portão da escola sem dramas. Nos meus auscultadores, “First Person Shooter” em repetição, um reforço de confiança.

“Big as what? Big as the what?”

No banco de trás do autocarro, eu e o meu amigo Gesmaldo não vamos falhar uma única barra durante a viagem. Afinal, andamos a ensaiar desde que o álbum saiu. Qualquer dia, gravamos uma música nossa. Pode ser que assim a Joana do 12.º C repare em mim.

Estou a contar dar de caras com ela mal entre na escola. Já nos cruzámos várias vezes sem nunca nos falarmos. Tenho um plano para meter conversa, mas não o vou pôr em prática no primeiro dia. Por um ou dois motivos:

a) Enquanto aluno do secundário tenho de manter a calma, não é por estar *enamorado* que vou parecer desesperado.

b) Eu e o Gesmaldo podemos não ser os melhores alunos a tudo, mas fazemos questão de chegar a horas. Há que causar boa impressão aos professores novos, certo?

Os horários ainda não saíram e eu estou a fazer figas para que comecemos logo com Desenho. Por mim, daqui para frente eram só disciplinas assim, Desenho, Geometria, Oficinas. Educação Física, pois claro.

O irmão do Gesmaldo também escolheu Artes, há para aí uma década, e diz-nos que vai ser a nossa cara. Até nos mostrou um desenho que fez no décimo ano: um cartoon dele mesmo com uma *t-shirt* de Itália que ainda hoje usa.

É claro que há tradições que quero manter: as tostas mistas no intervalo, o sumo gelado para acompanhar. Um Double Whopper ou um Big King ao almoço (batatas grandes, sempre) com a malta. E, se não for pedir muito, as boas notas do costume.

Preocupa-me um bocado o futuro, tanto que tenho uma lista secreta de objetivos que quero atingir antes dos 25 anos. *Por supuesto*, que não vou pôr as fichas todas numa carreira no rap que pode nem descolar.

Neste verão tenho pensado como seria se vivesse em Sevilha com a minha mãe. Teria uma lista muito diferente?

Uma coisa é certa, enquanto luso-espanhol a viver no país do Cristiano Ronaldo ficava-me bem torcer por aulas de futebol em Educação Física. Porém o que eu gostava mesmo, mesmo, de aprender no secundário era a jogar futebol americano. “Big as the Super Bowl”, o Drake e o J. Cole entenderiam.

Suspeito que em setembro vamos começar pelo badmínton, para minha desgraça.

Bem, enquanto o grande dia não chega, cenários não me faltam. Tenho de começar a pensar no vídeo que vou gravar sobre o regresso às aulas. Quase mil e quinhentos seguidores contam comigo no *Instagram*.

Ideia para a legenda já tenho: “When I show up, it’s motion picture blockbuster!”

<b>FICHA TÉCNICA</b>	
<i>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FERÑÃO DO PÓ (BOMBARRAL)</i>	
<b>ALUNOS (Turma 10<sup>º</sup> CT)</b>	<b>ILUSTRAÇÃO</b>
Aires Cambanza	Aires Cambanza
Alexandre Santos	
Alice Cruz	<b>DOCENTE</b>
Beatriz Ribeiro	Célia Bento
Beatriz Silva	Maria do Céu Coito
Beatriz Teixeira	
David Carriço	
David Domingues	
Eduardo Costa	
Frederico Vasco	
Gabriel Rocha	
João Valentim	
Leonor Soares	
Lívia Pereira	
Luís Filipe	
Margarida Correia	
Martim Almeida	
Mizael Agostinho	
Sara Monteiro	
Tiago Brunheta	
Tiago Porfírio	
Tomás Cunha	
Tomás Ribeiro	
Vitória Correia	

## ISABEL MINHÓS MARTINS

Nasceu em Lisboa, em 1974, o ano da revolução do 25 de Abril.

Quando era pequena queria ser jornalista, arqueóloga ou pediatra. Não foi nenhuma das três, mas gosta muito do que faz.

“Para mim, escrever é como escavar: encontramos sempre alguma coisa, às vezes minhocas, às vezes água, pedras, raízes, túneis...um sapato perdido.

Gosto de escrever porque quase sempre encontro coisas inesperadas. Gosto de ler pela mesma razão: alguém escavou, escavou, escavou e encontrou alguma coisa que veio mostrar através das palavras.”

Estudou na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, trabalhou como criativa na área da comunicação para crianças e, mais tarde, com um grupo de amigos, fundou a editora Planeta Tangerina - Premio BOP 2013, para Melhor editora infantojuvenil europeia, na Feira Internacional do Livro de Bolonha.

Escreveu dezenas de álbuns ilustrados e projetos de não ficção, alguns deles distinguidos por prémios ou instituições ligados ao livro para a infância: Catálogo White Ravens, Prémio Andersen, Banco del Libro, Sociedade Portuguesa de Autores (2015), Gustav-Heinemann Friedenspreis (2017), Deutscher Jugendliteraturpreis (2017). Em 2022 e 2023, foi nomeada para o Prémio ALMA - Astrid Lindgren Memorial Award.

Muitos dos seus livros estão publicados noutros países (França, Brasil, Coreia, Reino Unido, Itália, Espanha, China, Alemanha, Japão, Grécia, Holanda...).

# UMA ODISSEIA PELA TEIA DEMOCRÁTICA

## TERTÚLIAS DO CIDADÃO

D. Afonso, velho de 70 anos. Nunca teve uma família unida, pois a sua mãe sofria violência doméstica. Não sabia o que era o amor até encontrar Deolinda, a sua mulher e sua paixão desde sempre. Juntos tiveram um filho, desaparecido há anos, mas apoiaram-se e seguiram em frente juntos.

Carolina, 15 anos, escuteira do agrupamento 73 de Carnide, está numa atividade escutista. A atividade já dura há alguns dias e o cansaço começa a acumular-se.

Nelson, professor homossexual, 28 anos. Frequenta o ginásio. Encontra-se numa fase de grandes questões e tenta respondê-las através das experiências do dia-a-dia.

Alberto, homem na casa dos 30 anos, solteiro e sem filhos. Infelizmente perdeu o pai num acidente de carro. Está à procura de emprego. Tem uma pequena depressão, surgida após ter tido perdido o antigo emprego.

Lina, rapariga de 24 anos com vitiligo. Vive uma vida entre olhares estranhos e elogios. Em vez de estudar, trabalha num restaurante para conseguir ganhar dinheiro. Vive numa sociedade envelhecida e tenta libertar-se das ideias tradicionais portuguesas.

Sara, 18 anos, destemida, trabalhadora, persistente, focada. Consegue realizar o seu sonho de ser médica com uma bolsa de estudo. Para se sustentar, vive numa residência com outras pessoas e trabalha de manhã, indo às aulas da parte da tarde.

Tó Violeta vive uma realidade atribulada: problemas financeiros, disforia de género e dependência de substâncias psicadélicas. A transformação de Tó e o nascimento de Leopoldina num só dia representa a transição atribulada de uma “meia vida”, simbolizando derradeiramente a importância do bem-estar próprio para o bom funcionamento de uma democracia.

Ísis, mulher bissexual de 25 anos. Sente as dificuldades da vida de uma artista: trabalha numa academia de música como professora e, como hobby, faz concertos. Encontra um amor que pensava não correspondido.

Amílcar Raúl Ferreira, senhor rico, já na idade da reforma, vive a vida no seu maximum potential. As suas ações podem ser comparadas com aquelas de natureza humana.

(E outros...)

### **Portugal, 04:00 a.m.**

**Ainda não se ouvem os primeiros autocarros.**

**Embora vivamos perto uns dos outros, emocionalmente não podíamos estar mais longe.**

No auge dos seus 70 anos, com cabelo grisalho e rugas marcadas pelo tempo, Afonso sonha que caminha com o filho por um campo esverdeado cheio de flores e cheiros.

Com o calor da tenda, Carolina sonha com o conforto de casa.

O carrimato não é o mais confortável, mas sente-se aconchegada.

Alberto tem um pesadelo terrível: porque Portugal é aliado da Ucrânia, a Rússia tenta invadir o território português e matar milhões de inocentes.

### **Portugal, 06:00**

**Nem todos os sonhos são reais.**

Ao acordar, Afonso lembra-se de que o seu filho está desaparecido há anos e que nada do seu sonho é real. Acorda triste e deprimido. Ainda assim decide ir fazer o pequeno-almoço para si e para a mulher.

É o terceiro dia e Carolina já não consegue ouvir a mesma música, que fica sempre presa na cabeça. Ouve o chefe gritar “Alvorada! A partir deste momento têm 15 minutos para se vestirem e formarem!”.

### **Portugal, 06:30**

**O cidadão comum desperta.**

O despertador toca, Lina acorda de mau humor porque tem de ir trabalhar a um sábado. Levanta-se e, arrastando os pés, dirige-se à casa de banho. Veste o seu uniforme, toma o pequeno-almoço e vai para o trabalho.

Tó acorda exaltado. Tem a garganta arranhada e as amígdalas inchadas, resultado das badaladas da última noite. Toma um anti-inflamatório e torna a deitar-se.

Nelson acorda com um barulho na porta. Levanta-se, mas no escuro bate com o dedo na quina da mesa (e grita e ofende a mesa como se ela tivesse sentimentos ou fosse desculpar-se). Entretanto

volta a ouvir o barulho na porta e descobre que a vizinha do lado veio reclamar do barulho que ele fazia enquanto dormia. Já irritado, grita com ela. Todos os outros vizinhos reúnem-se no corredor e aí começa a balbúrdia.

Taarabt acorda e recebe um telefonema: é dispensado do seu clube. Mas com os bolsos ainda cheios dos salários anteriores, pensa imediatamente que não necessita de reerguer a sua carreira e acaba por entrar no mundo da droga, perdendo tudo o que tem. Em instantes, passa do luxo ao lixo e acaba na miséria.

### Portugal, 07:00

**O país é lento e precisa de ser arrastado.**

**Felizmente está sol.**

Com o problema da vizinha resolvido e sem mas complicações, Nelson prepara-se para mais um dia nesse ciclo a que muitos chamam vida.

Após uma noite de estudos, Sara acorda para ir trabalhar. Apesar das poucas oportunidades financeiras, sempre teve o sonho de ser médica. Mesmo tendo de trabalhar para ajudar os pais, nunca lhe passou pela cabeça ter de abandonar os estudos.

Ainda se ouve o rressonar de Tó, à medida que a radiação matinal ilumina o seu peito peluginoso.

Lina espera pelo autocarro, que nunca chega a horas. As pessoas passam por ela, algumas encantadas, outras enojadas, e umas ainda lhe perguntam se está bem ou se o vitiligo é contagioso. Todos os dias o mesmo. O autocarro chega.

Catarina acorda, ainda cansada do dia anterior, sem qualquer motivação para mais um dia de trabalho, mal pago, por sinal. Hoje será mais um dia muito ocupado no consultório de fisioterapia onde trabalha desde que se formou, há um ano.

O autocarro aproxima-se da paragem. As portas abrem. Uma enchente de pessoas sai.

- Porque não tratas da tua pele? - pergunta o condutor.

O condutor murmura mais coisas, mas ela já está longe.

Lina chega ao destino e entra no restaurante onde trabalha. O seu chefe já está a gritar.

D. Afonso e a mulher encontram-se juntos, a tomar o pequeno-almoço.

- Depois de comer vai te arranjar, pois vou levar-te a um lugar muito especial - diz D. Afonso à sua mulher.

### Portugal, 07:30

Nelson questiona-se se será melhor ir de carro ou caminhar até ao ginásio, mas percebe como é idiota ir de carro para correr na passadeira, de maneira que decide correr até lá.

### Portugal, 08:25

**Há flores em cada esquina.**

**Mas bolsos cada vez mais leves.**

Enquanto a sua mulher acaba de se arranjar, Afonso sai de casa a correr para ir buscar um ramo de tulipas ao outro lado da rua.

Tó reflete na diferença de peso no bolso, enquanto toma o seu pequeno-almoço insalubre, e sente, conscientemente, a falta de algo maior. Dirige-se ao balcão, atrapalhado e com a cabeça a mil, e regozija da dose - já quotidiana- de 3 miligramas de estrogénio. Sente cada célula do seu corpo a usufruir dos nutrientes transportados, enquanto o seu corpo emulsiona lentamente as longas cadeias de ácidos gordos recém ingeridos.

Lina entra na cozinha, veste o avental manchado e começa a preparar os pratos do dia. Enquanto o faz, distrai-se e imagina como seria se a sua vida fosse outra: “Parece que nunca serei aquilo que sempre quis ser, mas ao menos isto paga as contas”.

### Portugal, 08:30

**Gerir um país é como jogar xadrez, onde as peças representam funções públicas, mas a pergunta é: “jogamos contra quem?”.**

Ao sol, Carolina e o seu grupo esperam pelo autocarro. Já passou uma hora. Pensam: “mesmo quando são privados, os autocarros atrasam-se sempre”.

Alberto, acorda cansado e triste por ter sido despedido. Bebe um café e olha para o jornal com esperança de encontrar uma boa proposta. Nenhuma desperta tanto o seu interesse como esta, irrecusável: banqueiro, ótimo salário e uma carga horária tranquila. Não perde tempo: liga e marca entrevista para o dia seguinte.

### Portugal, 09:00

**Às vezes, no meio do caos, a paz consegue florir.**

**(Outras vezes, não)**

Isis acorda calmamente, levanta-se, vai tomar o pequeno-almoço e preparar-se para o longo dia que a espera.

Ao chegar a casa, D. Afonso depara-se com a sua mulher pronta e linda. Enquanto a admira, dá-lhe o buquê de flores que traz na mão.

Chega finalmente o autocarro de Carolina. O motorista está bastante desanimado. Trabalha muitas horas e não recebe o suficiente para pagar os seus medicamentos. “Este país é só injustiça”.

Depois de um esforço enorme, Nelson admira-se no espelho do ginásio e diz para si próprio que está cada vez mais próximo do seu objetivo. Quando se lembra que tem de trabalhar,

sente-se de novo desgraçado, mas tenta manter a cabeça erguida e decide caminhar até ao seu local de trabalho.

Um pé pesado pisa, demorado, o chão ainda molhado do polibã requintado. Tó ainda sente os resquícios do aroma a vomitado. As badaladas cada vez mais aceleradas do seu coração cansado são como o relógio impaciente da vida. Cada tick, cada bombeamento, representa tudo o que resta de Tó, um espécime em vias de extinção. A mudança é, para Tó, a derradeira ambição.

### **Portugal, 09:30**

**Há vínculos que resistem ao longo do tempo.**

D. Afonso e a mulher chegam à pastelaria onde, há muitos, muitos anos trocaram olhares pela primeira vez. Pedem dois pastéis de nata e dois descafeinados. O costume, o de sempre.

Carolina e os restantes escuteiros são separados em equipas. O chefe explica-lhes a dinâmica do dia. Depois de todos se apresentarem, vão partir para a aventura!

### **Portugal, 10:30**

**Memórias e mudança(s)**

Ísis dirige-se à academia de música em que dá aulas diariamente. Pode ir a pé, pois vive no centro da cidade de Coimbra, num apartamento alugado que fica a 10 minutos do local onde trabalha.

Alberto deixa a carne a descongelar para o jantar e senta-se na poltrona a terminar o seu livro. Pensa como a situação económica dos país está a decair gradualmente após um líder de extrema-direita ter sido eleito primeiro-ministro.

Amílcar sente-se no auge da sua glória. Após um revigorante banho na sua deslumbrante piscina de 30 m climatizada a 27.3°C, dirige-se à cozinha onde se encontram duas pilhas de panquecas recheadas.

Carolina é picada por um peixe-aranha e desenvolve uma alergia perigosa. As dores vão ficando cada vez mais fortes e a ambulância nunca mais vem.

### **Portugal, 10:40**

**Aparências: manter a vida de pé**

Ísis sempre teve uma aparência que chama a atenção: longo cabelo vermelho cor de sangue com um corte à anos 80. Quase a chegar ao local de trabalho, e como faz diariamente, bebe um café com outra professora da academia e seguem juntas para o trabalho.

Amílcar leva o seu Jaguar E-Type para uma visita ao alfaiate. Os seus fatos, feitos à medida, sempre lhe encaixaram na perfeição, mas recentemente um deles tinha a frente ligeiramente cortada e, por isso, necessita da mão de um artesão especializado.

### **Portugal, 11:30**

**O verbo é “aguentar”.**

Com as portas do restaurante a abrir, Lina respira fundo “Se aguentei ontem, então aguento hoje”. Lina não está num restaurante qualquer. Duas estrelas Michelin. O problema são as pessoas: snobes, cheias daquele perfume da Chanel que entra no nariz e sai pelos olhos em forma de lágrimas. É complicado.

Taarabt fica desesperado e não sabe o que fazer. Entretanto, tenta contactar o seu clube, para tentar renovar o seu contrato e conseguir manter a sua vida de pé.

### **Portugal, 12:20**

**Vergonhas (várias)**

Às vezes como método de minimizar custos para comprar o seu estrogénio, Tó dirige-se às piscinas da sua localidade para vender a receita de fentanil para os meninos que ele mais ama. Mote: “vender química para comprar químicos”.

Desta vez, Violeta decide mais um dia faltar às aulas de Educação Física, talvez por vergonha do seu corpo em transformação.

Chega um grupo grande de pessoas, Lina aproxima-se. Uma das senhoras, olha Lina de cima a baixo: “Está doente ou o quê? Nós gostaríamos de ter outro empregado, se for possível”. Lina, mantém a calma. Já está habituada a pessoas ricas que lhe falam como se fosse um extraterrestre. Têm muito dinheiro, mas, de cabeça e carácter têm pouco.

A perna da Carolina está muito inchada, já não se consegue mover. Os chefes não têm carro, mas os seus pais já estão a caminho. E a ambulância que nunca mais chega! Agora entende as greves e os protestos frequentes.

### **Portugal, 13:30**

**My body, my choice**

Ísis sai para almoçar. Normalmente iria almoçar a casa, mas hoje é um dia diferente. A amiga Luna, por quem tem uma paixonetinha, convidou-a para almoçar. Todas as manhãs, Isis pensa em dizer-lhe, mas nunca teve coragem. Será hoje?

Segundo almoço, primeira aula do dia. Finalmente, algo interessante: química. Esteja a ler livros da autoria de Walter White ou a fazer esquemas para analisar o pH de substâncias, Tó nunca se aborrece na aula de química.

Ainda sem uma resposta do seu clube, Taarabt vai almoçar com o pouco que lhe resta. Porém, não resiste e decide comer num restaurante caro. Taarabt entra em bancarrota.

Lina serve a sua mesa problemática, o almoço realiza-se com comentários irritantes. Lina chega à cozinha e fala com Isaac. “já me ‘tão’ a chatear o juízo por causa da minha pele?”. “A mim já me chatearam pelos meus pins ‘black lives matter’ e ‘my body, my choice’”. “Estas pessoas parecem ser do século passado”.

Carolina já está no hospital, deram-lhe medicação e está muito melhor! Vai ficar mais algum tempo em observação e depois recebe alta.

A fome aperta o estômago de Amílcar. Estaciona na porta traseira duma churrasqueira rasca, entra, pede uma dose de frango com um jarro de vinho tinto da casa e molho picante à parte. Aprecia o seu almoço e abandona o restaurante na poeira do seu tubo de escape.

### Portugal, 15:00

#### **Prossiga, chefe.**

Isis consegue finalmente confessar o seu amor por Luna. Felizmente é recíproco. Algumas pessoas do restaurante olham de lado, mas outras olham-nas, felizes.

Alberto segue direto para a loja mais próxima para comprar um bom fato para a entrevista.

Numa conversa com um colega, Nelson lembra que mais de metade dos seus alunos quer sair do país, pois acreditam que não têm futuro, “porque será?”. O colega responde com outra pergunta “estás feliz com a tua situação atual?”. Nelson começa a questionar tudo o que acontece na sua vida.

O restaurante vai esvaziando e o grupo de Lina sai. Ela encontra-se a limpar as mesas, quando o chefe se aproxima: “Prossiga chefe” diz Lina, com um pouco de receio. “Temos andado a fazer cortes salariais e temos que despedir alguns dos nossos colaboradores”. “Certo”.

### Portugal, 16:45

#### **Vidas que parecem novelas de fim da tarde**

Alberto chega ao centro para a entrevista para o cargo de banqueiro. Para seu espanto, é aceite.

Tó observa os seus pés cansados, esperando poder libertá-los dos sapatos apertados quando chegar a casa. Passeia descuidado, absorto.

Lina chega a casa, suada, pois veio a pé. Toma banho, senta-se no sofá, vem-lhe à cabeça que já não precisa de acordar cedo e de lidar com os olhares. Mas rapidamente desanima, pois não tem dinheiro para pagar as contas. Decide procurar trabalho.

D. Afonso e a esposa chegam a casa estafados, foi um dia incrível mas longo, os dois adormecem agarrados no sofá, com a novela da tarde ligada com som de fundo.

Catarina finalmente regressa a casa, onde reflete sobre as suas escolhas. Repensa o facto de ter escolhido fisioterapia e toda a sua carreira. Os pais de Catarina estão muito débeis e sem capacidades financeiras para conseguir pagar os medicamentos. Cabe-lhe a ela garantir a saúde dos pais.

### **Portugal, 18:00**

**Somos apenas um número, e, ao fim do mês (se tivermos sorte), pagam-nos.**

Muitos jornais e chamadas sem saída.

Lina entra em desespero, precisa de trabalho e de dinheiro para pagar as contas.

Dinheiro: aquilo que todos anseiam.

### **Portugal, 18:30**

Escritora.

É isso. Escritora. Lina sempre gostou de escrever e falar dos erros da sociedade.

Pesquisa editoras.

### **Portugal, 19:00**

Lina marca uma reunião com um representante da editora.

Talvez aceitem, talvez não.

Na opinião de Lina, arte não deve ser julgada, nem ignorada.

### **Portugal, 20:00**

#### **Liberdade?**

Durante a preparação do jantar, Alberto dá uma vista de olhos no LinkedIn, onde se depara com diversas oportunidades de emprego. Num pequeno espaço de tempo, tudo lhe passa pela cabeça. Desde desistir do trabalho até desistir de tentar de tudo.

Leopoldina Violeta, goza da liberdade do novo ser; usufrui da inocência do ser prematuro e a possibilidade de experienciar tudo pela primeira vez. Uma lufada de ar fresco.

Lina prepara os seus melhores textos. Estes falam da injustiça que se vive ao ser português, a tristeza e o sofrimento que viveu por ter vitiligo, os amores não correspondidos, entre tantos outros. Amanhã talvez seja o dia em que a sua vida mude.

Ela sabe os riscos de viver da escrita e dos livros. Mas se ela não escrever e partilhar então quem vai?

Carolina vai tomar banho, a fila está pequena. A água está fria, no entanto, ser escuteiro é assim. Aprender a viver com o que temos e não com o que queremos, é aprender a ser feliz.

### **Portugal, 21:00**

Depois de um dia exaustivo e cheio de trabalho, chega o momento favorito do dia de Jorge: o regresso a casa. Quando entra, os filhos gritam e saltam em cima dele. A mulher chama, que o jantar está pronto. Os filhos reclamam com a comida, pois não é do seu agrado.

### **Portugal, 21:30**

Para o jantar, D. Afonso faz a comida preferida da mulher: massa a carbonara. Acende as velas e põe a mesa.

Saciada de novidade, Leopoldina não conhece a festa noturna que Tó outrora conhecia; valoriza o sono, tal como um recém-nascido, que sabe que é a dormir que são desenvolvidos o corpo e a mente. Respira fundo mais uma vez; agora sente o aroma fresco das oportunidades sem fim e a doçura da esperança rejuvenescida.

### **Portugal, 22:00**

Após um cansativo dia, o velho Amílcar dirige-se para o interior do seu Mercedes S1300 de 1959. Mesmo à rei, puxa uns rateres para gastar gasolina, pois esta está barata. Retira do portavalvas o fiel e gasto mapa, e marca o local do concerto do seu favorito DJ Kotas Rayden.

### **Portugal, 23:00**

Amílcar faz-se à negra estrada sob as luzes das amarelas lâmpadas de sódio com o coração a bater por ir ver o seu ídolo a atuar. Um porsche preto encontra-se à sua direita, pronto para arrancar a qualquer instante. Os dois carros rugem pela estrada nacional, surpreendendo qualquer passeante que se encontra no local.

Isis chega finalmente ao teatro Gil Vicente. Dirige-se diretamente ao Backstage onde se irá encontrar com Sónia Tavares, uma artista que ela admira bastante. Tal como Sónia, Isis também é cantora e irá fazer um dueto nesta noite.

## Portugal, 24:00

### **Espólios de uma revolução?**

Deolinda Violeta medita no longo e cansativo dia, atenuando a lâmpada fluorescente fixada na mesa de cabeceira, enquanto o peito, agora mais volumoso e sem pelugem, deixa de refletir os raios artificiais de onda eletromagnética.

Enquanto a casa dorme, Jorge trabalha no escritório. Depois da quantidade de cafés que consumiu para não adormecer, consegue terminar o trabalho. Vai direto para o quarto, onde encontra a mulher já a dormir. O efeito do café ainda está presente, o que lhe provoca insónias durante toda a noite.

\*\*\*

**Agora que viste aquilo que não se vê - as vidas, as doenças, as preocupações, a felicidade, o início e o fim - o que achas? Escrevemos sobre ti e sobre os outros à tua volta.**

## FICHA TÉCNICA

### *ESCOLA SECUNDÁRIA FERNANDO NAMORA AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CONDEIXA-A-NOVA*

#### **ALUNOS (Turma 10º C)**

Afonso Salgueiro  
Ariston Girão  
Beatriz Malhão  
Beatriz Canelas  
Bruna Francisca Curado  
Carolina Matias  
Carolina Órfão  
Diogo Almeida  
Flávio Daniel Mendes  
Gonçalo Calvinho  
Henrique Alexandre Real  
Inês Luís  
Isa Alves  
João Francisco Garrido  
João Pedro Ota  
Laura Beatriz Bilheta  
Leonor Sousa  
Maria Inês Cravo  
Maria Duarte  
Martim Domingues  
Miguel Ângelo Pinão  
Miguel Pires  
Nelson Miguel Brízida  
Nuno Dinis  
Petra Pessoa  
Rafael Mateus  
Rodrigo Gonçalves  
Rui Daniel Mendes

#### **DOCENTES**

Sandra Galante  
*Professora de português*  
Ana Rita Amorim  
*Professora bibliotecária*

## ISABEL QUADROS

Nascida em Moçambique. nona filha de dez irmãos, desde muito cedo teve a percepção do mundo que a rodeava. Viveu com a família no mato profundo e até aos onze anos conviveu apenas com os irmãos, pai e mãe, e os indígenas locais. Os estudos eram acompanhados por sua mãe, que a levava a exames à vila mais próxima que ficava a nove horas de caminho.

Viveu na liberdade das planícies, das caçadas e da observação dos belos poentes, das maravilhosas noites de luar e na procura conjunta do Cruzeiro do Sul, deitada no terreiro da casa. Solitária e silenciosa, começou a ensaiar os primeiros escritos aos dez anos, fruto da intensidade das suas vivências.

Já na cidade, Lourenço Marques, entrou para a escola, vindo mais tarde a frequentar a Escola Comercial Azevedo e Silva, onde tirou o Curso Comercial.

Em Portugal trabalhou na Comunicação Social como Diretora Comercial da Marie Claire (revista francesa) Casa e Jardim, Homem Magazine e reformou-se de "Revistas" como Diretora de Delegação do Porto, no Grupo Ferreira e Bento, com catorze publicações.

Trabalhou em moda e aos 54 anos frequentou o Curso de Pintura da SNBA.

Em 2008 volta a Moçambique de onde regressa em 2016, tendo tido a experiência mais gratificante da sua vida. O reencontro com as raízes, com as referências que a levam, mais tarde, a escrever A CHAMA DE UM POENTE, editado pela Oficina da Escrita, e que está a ser um êxito. Prepara neste momento o seu segundo livro, uma história real de viagens interiores numa busca incessante do seu passado genético. O seu avô paterno era de Goa, nascido em Raia, e as afinidades à Índia são um permanente chamamento. A ser lançado em Outubro.

# A FESTEJAR

## 50 ANOS DE DEMOCRACIA



Era uma manhã doce de primavera. Um grupo de jovens reuniu-se para um piquenique no pitoresco Parque Eduardo VII, em Lisboa. Entre gargalhadas e conversas animadas, encontrava-se a escritora Isabel Quadros, acompanhada por um conjunto diversificado de personalidades juvenis. O propósito deste encontro não era apenas desfrutar da natureza exuberante, mas sim mergulhar em discussões profundas sobre o significado do 25 de Abril, os desafios da democracia para a juventude e o que verdadeiramente significa ser cidadão. Neste cenário idílico, permeado pelo aroma de cravos e pelo som suave das folhas ao vento, floresceriam reflexões poderosas e reveladoras, transformando simples conversas em atos de resistência e esperança. Assim, nesta jornada partilhada entre passado e presente, desvendaram-se relatos de coragem, luta e redenção, tecendo o tecido da História com as vozes da liberdade. Cada texto ecoa as vozes de diferentes gerações, revelando as lutas e os desafios enfrentados por aqueles que ousaram desafiar a opressão e procurar a liberdade.

Armando, retirou uma carta do bolso e leu-a em silêncio.

*Querido Miguel,*

*Espero que estejas bem, apesar dos tempos sombrios em que vivemos. Hoje, vou partilhar contigo reflexões sobre os desafios que enfrento e as injustiças que observo a cada dia que passa.*

*Nos últimos anos, tenho testemunhado a degradação dos direitos e liberdades que tanto valorizo. O peso da censura e da opressão tornou-se quase insuportável, as nossas vozes têm a cada dia que passa um lugar mais pequeno na sociedade.*

*A censura sobre a liberdade de expressão é uma realidade dura que nos persegue diariamente. A imprensa é controlada pelo Estado, os artistas são perseguidos pelas suas obras e até mesmo as nossas conversas são ouvidas e controladas por olhos e ouvidos indiscretos.*

*Como se isto não bastasse, quaisquer opositores políticos, ativistas ou sindicalistas têm sempre um lugar marcado numa das dezenas de prisões, destinadas a punir, muitas vezes usando a tortura, quem expressa uma opinião diferente da do Estado Novo. O poder concentrado na PIDE e no governo prejudica o crescimento do nosso país, e afeta ainda a liberdade de cada um de nós. Esta realidade que vivemos deixa-me triste e infeliz, somos tratados mais como um objeto que só serve para trabalhar.*

*Mas o silêncio não é uma opção. Temos de erguer as nossas vozes contra as injustiças que estão atualmente presentes, mesmo que isso signifique arriscar a nossa segurança e a nossa liberdade. Não podemos ficar parados enquanto os nossos amigos, família e vizinhos são presos e torturados pelas suas crenças políticas.*

*Além da censura e da perseguição política, também testemunho diariamente a discriminação e a marginalização de minorias étnicas.*

*O ambiente presente na rua é de um peso enorme, não se ouvem pessoas a falar, a discutir, a expor as suas ideias e opiniões. Todas as pessoas têm medo de dizer alguma coisa errada em frente a alguém com um poder extraordinário. Todos nós conhecemos alguém que foi preso e todos os dias ouvimos histórias terríveis. Este governo usa o medo como principal ferramenta.*

*Penso todos os dias em como a liberdade é cada vez mais um privilégio e cada vez menos um direito.*

*Que esta carta sirva como um lembrete de que não estamos sozinhos nesta luta. Juntos, podemos superar os desafios que enfrentamos e criar um mundo onde todos sejam tratados com dignidade e respeito.*

*Com esperança,  
André*

Quando há uns tempos encontrou esta carta do avô André, Armando ficou deslumbrado com o que leu acerca da sua época. Decidiu primeiramente procurar pessoas que sentissem a mesma preocupação a respeito da situação, assim podendo trabalhar em conjunto e combater esta causa que movia o seu avô. Quando soube do piquenique, quis partilhar esta descoberta com os amigos. Depois de reler a carta em voz alta, teve a certeza de que aquela partilha fora uma boa decisão.

Os amigos mostraram-se em choque, mas motivados para serem também eles herdeiros daquele apelo do avô do Armando.

– Vejam só! – disse um dos rapazes presentes, com sua voz carregada de emoção e segurando uma carta com reverência – Também trouxe uma carta! Foi escrita pelo meu pai para o meu avô, pouco antes da revolução do 25 de Abril. Ele falava sobre os desafios do racismo na época e como a democracia deveria ser um refúgio para todos, independentemente da cor da pele.

Os outros jovens ouviram atentamente, alguns balançando a cabeça em concordância enquanto absorviam as palavras do pai do rapaz.

26/03/1974

*Querido pai,*

*Escrevo-te nesta época em Portugal, onde se avizinha uma revolução que transformará o nosso país. As reflexões sobre a democracia e o papel do cidadão ganham uma importância única.*

*O flagelo do racismo persiste, lançando sombras sobre a harmonia que poderíamos alcançar. É um veneno que corrompe a essência da democracia, negando a todos igualdade e justiça.*

*Contemplo com pesar as consequências deste preconceito. Vidas marcadas pela discriminação, sonhos frustrados pela intolerância. A verdadeira democracia deve ser um refúgio para todos, independentemente da cor da pele.*

*Que esta revolução iminente não nos liberte apenas da ditadura política, mas também quebre as correntes invisíveis do racismo. O verdadeiro cidadão em democracia luta pela igualdade, respeita as diferenças e constrói um futuro onde a justiça prevalece.*

*Com esperança num amanhã mais justo,  
Oswaldo Maria*

– É incrível pensar como as coisas mudaram desde então! Graças à Revolução, Portugal deu passos importantes para combater o racismo e promover a igualdade. Hoje, podemos orgulhar-nos dos avanços que conquistámos juntos como sociedade.

O rapaz, filho de Oswaldo Maria, vibrava de emoção.

Mia que, estava sentada junto a todos os outros, decidiu, então, partilhar também a sua descoberta:

– Quando falo com a minha tia sobre o 25 de Abril, conta-me sempre a história de como a Revolução lhe abriu as portas do amor, pois foi exatamente nesse dia que conheceu o meu tio. Ainda há pouco tempo falei com ela sobre isso, e ela quis mostrar-me o seu diário, onde escrevia na altura. Disse-me que tinha voltado a escrever lá como uma forma de desabafo sobre a nossa atualidade.

Retirou então o telemóvel da sua mochila e abriu a galeria:

- A tia Alice disse que ia ficar muito contente por partilhar com vocês o que tinha escrito, então deixou-me tirar uma fotografia dos dois textos, um escrito dia 25 de abril de 1974 e o mais recente escrito em fevereiro deste ano.

## LIBERDADE

*Esta é uma carta de amor à liberdade, mas escrita de uma forma diferente:*

*Diário de Alice - 25 DE ABRIL DE 1974*

*Querido Diário,*

*Hoje, despertei envolta num véu de ansiedade e expectativa, como se o próprio destino sussurrasse segredos ao meu ouvido. Os murmúrios entre vizinhos e os sussurros das ruas já anunciavam algo extraordinário.*

*Ao sair de minha casa, apercebi-me de uma atmosfera diferente no ar. As pessoas, embora nervosas, mostravam uma determinação palpável. Rumores de manifestações e movimentos políticos espalhavam-se como fagulhas de esperança.*

*Dirigi-me à praça central da cidade e deparei-me com multidões reunidas, levantando cravos vermelhos e erguendo cartazes com palavras de ordem. Encontrei a minha mãe na sua banca, a distribuir flores, e senti o impulso de me juntar a ela. A energia no ar era eletrizante, repleta de anseios por mudança.*

*De repente, sirenes ecoaram e os camiões militares começaram a aproximar-se. O meu coração acelerou, e um turbilhão de emoções confundiam os meus sentidos. Mas então, algo mágico aconteceu: soldados emergiram dos veículos e uniram-se à multidão. Testemunhei abraços, lágrimas e sorrisos de felicidade. E ali estava meu pai, ao lado de um jovem de beleza estonteante, ambos dirigindo-se a mim.*

*De perto, pude admirar as suas características. Os seus olhos castanhos profundos transmitiam seriedade e gentileza, os seus cabelos escuros cortados de forma impecável realçavam as linhas definidas de seu rosto. A sua pele bronzeada pelo sol conferia-lhe um ar saudável e vigoroso. E o seu sorriso, raro, iluminava o ambiente ao seu redor, revelando uma sinceridade cativante. Vestido com elegância e orgulho, o uniforme militar exaltava uma aura de respeito e disciplina.*

*Foi nesse momento que me apercebi de estar apaixonada.*

*A Revolução dos Cravos desenrolava-se diante de meus olhos. Jamais esquecerei o instante em que vi pessoas a chorar enquanto cantavam o Hino Nacional, numa sinfonia de alegria e alívio.*

*Neste momento, fui atacada por uma mistura de emoções indescritíveis que me envolveram. Senti-me parte de algo maior, pois testemunhava um momento histórico que moldaria o destino da nossa nação para sempre.*

*Não sei o que o futuro reserva, mas hoje aprendi duas coisas: quando as pessoas se unem em busca da liberdade, nada é impossível, e nunca sabemos quando podemos encontrar nosso grande amor.*

*Até amanhã, querido diário.*

*Com amor,  
Alice*

## DIÁRIO DE ALICE - 3 DE FEVEREIRO DE 2024

*Querido Diário,*

*Hoje, mais do que nunca, sinto-me desolada com o rumo que o meu país está a tomar. Aos 70 anos, pensei que já tinha visto de tudo, mas a cada dia que passa aparecem novos entraves e problemas que há muito pensei que tivessem sido resolvidos.*

*Como jornalista e escritora, sempre acreditei no poder da escrita para inspirar mudanças e despertar consciências. No entanto, vejo-me cercada por uma paisagem desoladora de desigualdade, corrupção e intolerância.*

*A corrupção que permeia os corredores do poder, a deterioração do sistema de saúde e a crescente polarização política são apenas algumas das muitas feridas abertas que Portugal enfrenta. Sinto-me impotente diante de tamanha injustiça e incompetência.*

*É difícil manter a esperança quando os valores que sempre defendi são constantemente desacreditados pelos que detêm o poder. Como posso eu, uma simples jornalista e escritora, fazer a diferença quando até mesmo a liberdade de expressão está sob ameaça constante?*

*Recordo-me dos tempos em que a voz do povo era ouvida, em que a luta pela liberdade e justiça era uma chama que ardia nos corações de todos. Lembro-me do 25 de Abril, o dia em que o povo português se levantou contra a opressão e conquistou a tão sonhada liberdade. Era um momento de esperança e renovação, em que a nação se uniu em prol de um futuro melhor.*

*Mas, agora, vejo essa chama a enfraquecer, consumida pela apatia e pela indiferença.*

*No entanto, recuso-me a desistir. Ainda que o caminho pareça sombrio, sei que tenho o dever de continuar a usar as minhas palavras como arma contra a injustiça e a opressão.*

*Querido diário, hoje, mais do que nunca, prometo a mim mesma que irei continuar a escrever com coragem e determinação, mesmo que isso signifique remar contra a maré. Porque, no final das contas, é na perseverança e na resistência que reside a verdadeira esperança de um país melhor.*

*Até amanhã, meu fiel confidente.*

*Com determinação,  
Alice*

*Liberdade, este hino que ressoa nas páginas do diário de Alice, entre os suspiros dos cravos em 1974 e os lamentos do desencanto em 2024. É a dança dos sentimentos, onde o coração de Alice encontrou o amor na Revolução dos Cravos e enfrenta agora as sombras da corrupção e da desilusão. É a luz que brilha nos olhos da esperança, mesmo quando as trevas da injustiça tentam obscurecer o horizonte. É o sonho que se mantém vivo, a chama que arde na alma de quem ousa acreditar num amanhã mais livre. Liberdade, o nome que Alice inscreve em cada página, como um mantra que ecoa na sua jornada pela verdade e pela dignidade.*

Mia concluiu a sua leitura, numa voz já trémula de emoção. Os instantes de silêncio que se seguiram foram certamente povoados pelos pensamentos de cada um ali presente.

Gustavo, emocionado com a partilha de Mia, decidiu também partilhar a situação passada pelo seu amigo Júlio, um aluno dedicado e sensível, que lutou contra o bullying e o racismo na sua escola. O seu relato tocante realçou a importância da solidariedade e da compaixão na construção de um mundo mais justo e inclusivo.

## **A TRANSFORMAÇÃO DE DOR EM MELODIA**

### **A luta contra o Bullying e o Racismo na Escola**

*A brisa fresca da manhã soprava suavemente pelos corredores da Escola Secundária Vergílio Ferreira, em Lisboa. O sol banhava os prédios antigos da cidade, e lançava uma luz dourada sobre o pátio da escola. No entanto, por detrás dessa fachada encantadora, escondia-se uma realidade sombria que assombrava os corredores da instituição: a presença exagerada de bullying e racismo.*

*Maria, uma professora carismática e bem-amada por todos, era uma figura notável nessa luta diária pela justiça e pela igualdade. Com seus cabelos escuros e olhos castanhos radiantes, caminhava pelos corredores com uma aura de autoridade e compaixão. Seus alunos e colegas professores adoravam-na não apenas pela sua competência profissional, mas também pela sua bondade e dedicação. No entanto, apesar dos esforços de Maria, a escola ainda estava longe de ser um lugar livre de conflitos. Um dos casos mais preocupantes era o de Júlio, um aluno do 8.º ano que sofria racismo (e consequentemente bullying) por parte de colegas mais velhos, liderados por Francisco, um rapaz arrogante e mimado, cuja família tinha uma posição de destaque na sociedade.*

*O Júlio era um rapaz modesto, simples e bondoso, com um sorriso sempre estampado no rosto. Mas por trás da sua alegria predominava uma dor silenciosa. Ele era alvo de insultos e agressões constantes devido à sua pele negra e ao seu jeito tímido. O seu grande talento para a música, em especial para o canto, era algo que ele escondia do mundo com medo de ser ridicularizado ainda mais.*

*Desde o momento em que Júlio chegou à Escola, tornou-se alvo de ataques cruéis e desumanos por parte de Francisco e do seu grupo de amigos. No início, eram apenas insultos verbais, cochichos maldosos e risos sempre que Júlio passava pelos corredores, porém a crueldade dos agressores rapidamente evoluiu para algo muito mais sério. Começaram a roubar os pertences de Júlio, ao revirarem a sua mochila e deixarem os seus materiais escolares espalhados pelo chão. Júlio sentia-se desamparado e humilhado, mas não tinha coragem de enfrentar os seus agressores. A situação tornou-se ainda mais assustadora quando Francisco e os seus “seguidores” começaram a ameaçar o pobre Júlio com violência física. Chegou um dia em que, quando Júlio tentou confrontar Francisco sobre o seu comportamento, foi brutalmente agredido e acabou por sofrer ferimentos graves que deixaram marcas físicas e emocionais profundas. Infelizmente, as agressões não pararam por aí. Os agressores de Júlio começaram a*

tirar fotos dele após os ataques, ridicularizavam-no nas redes sociais e expunham publicamente a sua dor e humilhação.

O Júlio sentiu-se encurralado, sem lugar para se esconder e sem ninguém a quem recorrer. Ele vivia com um medo constante, olhava sempre por cima dos ombros, sem nunca saber quando os seus agressores iriam atacá-lo novamente.

Certa tarde, após mais um episódio de violência, Maria encontrou Júlio no corredor, encolhido num canto, a tentar esconder as lágrimas. Com gentileza, ela aproximou-se e sentou-se ao seu lado.

- Júlio, não estás sozinho!... - disse Maria com uma voz dócil.

- (...) Estou aqui para te ajudar, mas precisas de me contar o que está a acontecer.

O Júlio relutou de início, mas acabou por desabafar sobre o tormento que vivia diariamente. Maria escutou-o atentamente, deixando que as palavras de Júlio ecoassem no seu coração com cada vez mais intensidade.

Decidida a intervir, Maria convocou uma reunião com os professores e a Direção da escola. Juntos, criaram um plano para combater o bullying e promover a tolerância e o respeito entre os alunos.

Assim, começaram a realizar sessões sobre os direitos humanos e a cidadania, envolvendo não apenas os agressores, mas toda a comunidade escolar. Maria liderava as conversas com sabedoria e compaixão, ao incentivar os alunos a refletir sobre as suas ações e o impacto que estas tinham nos outros. Além disso, Maria organizou um projeto escolar inovador, onde os alunos desenvolveram atividades para promover a inclusão e a diversidade na escola. Durante uma semana inteira, as aulas regulares foram substituídas por workshops, palestras e eventos culturais, onde os alunos puderam aprender e crescer juntos.

À medida que o projeto avançava, Maria notava uma mudança gradual no ambiente da escola. Os agressores de Júlio começaram a reconhecer o erro das suas ações e a mostrar arrependimento. Entre eles estava Francisco, que após uma conversa sincera com Maria, descobriu o talento musical de Júlio. Num gesto de redenção, Francisco ofereceu a Júlio a oportunidade de seguir os seus sonhos musicais, e apresentou-o a uma produtora musical (conhecida da sua família, óbvio) de renome. Júlio, inicialmente hesitante, aceitou a oferta com gratidão, vendo nela uma oportunidade de mostrar ao mundo o seu talento e superar as adversidades que havia enfrentado.

Enquanto a escola se transformava num ambiente mais acolhedor e inclusivo, a Direção da escola reconheceu todo o impacto e mudança que Maria causou, e propôs espalhar o seu projeto de uma semana por todas as escolas de Lisboa, estando ela mesma na liderança. Maria aceitou, mas apenas com a condição de levar o Júlio consigo a todos os lugares, para ele prestar o seu testemunho. Durante as seguintes semanas, o projeto já tinha sido um derradeiro sucesso em todas as escolas pelo qual passara. Várias vítimas de racismo e bullying foram salvas por Maria! Como se pode imaginar, o projeto alastrou-se por Portugal inteiro, até ser reconhecido internacionalmente.

Então, Maria embarcou numa jornada pelo mundo, e com o apoio da família de Júlio, levou-o consigo como o testemunho vivo da esperança e da conquista, como também carregou o impacto positivo do próprio projeto escolar. De cidade em cidade, de país em país, eles inspiravam outros a lutarem por um mundo mais justo e igualitário.

Assim, Maria e Júlio tornaram-se verdadeiros embaixadores da paz e da compaixão, e espalharam esperança e mudança por onde passaram. E, como Maria sempre dizia, "Nada mais

*fácil. Nada mais difícil." pois, embora o caminho para a democracia e a justiça possa ser árduo, o poder da união e da solidariedade pode superar qualquer obstáculo no caminho rumo a um futuro melhor.*

Perante um testemunho que lhes era tão próximo, os rostos dos jovens iluminaram-se, cúmplices e felizes.

– Gustavo, devias ter convidado o teu amigo Júlio e a professora Maria. Adorava conhecê-los! Que testemunho inspirador!

Logo todos os jovens se entusiasmaram e reforçaram o desafio.

– Eu também trouxe uma carta, mas fui eu que escrevi. – avançou Sofia.

A jovem leu, cheia de incertezas e preocupações, a carta que escreveu ao futuro, contando o que se está a passar no presente e mostrando o seu medo e receio do que poderá vir a acontecer nos tempos que se avizinham. Na sua carta, apesar do medo, mostrou também esperança de que o mundo venha a ser um lugar melhor.

## **Querido futuro,**

*Estou a escrever-te de um presente cheio de incertezas, mas também de esperança. Espero que tenhas herdado um mundo de compaixão, solidário e sustentável. Escrevo-te com expectativa de que os desafios e os problemas que enfrentamos hoje em dia tenham sido um caminho para orientar e moldar o amanhã. Estou num mundo que enfrenta crises ambientais, sociais e políticas, espero um futuro onde a inovação se una à sustentabilidade.*

*Nos dias de hoje, o mundo não está como deveria estar e não parece caminhar na direção certa. O aquecimento global está a atormentar o futuro, temos a noção da gravidade da situação e das consequências que isto pode trazer para os dias de amanhã, no entanto não fazemos nada por isso. Parece que ainda está muito distante de acontecer. O aumento do nível médio das águas do mar é real, sendo uma consequência do aquecimento global. Não basta praticarmos apenas as atitudes diárias, como andar de bicicleta, transportes públicos, reciclar, andar a pé... Claro que estas atitudes são importantes e podem fazer a diferença, mas no estado atual do mundo onde vivemos, estas não são suficientes. Se queremos mudar o mundo, temos de tomar uma atitude mais drástica, com uma maior importância a nível global.*

*O mundo, infelizmente, não apresenta só problemas ambientais.*

*A nível social, estamos perante duas guerras estúpidas. Digo que são duas guerras estúpidas, porque poderíamos não estar perante nenhuma! Há uma frase de Einstein que se adequa ao momento: "Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, em relação ao universo, ainda não tenho certeza absoluta." A guerra entre a Rússia e a Ucrânia e o confronto cultural entre a Palestina e Israel põem em confronto religiões e convicções diferentes, mas não só. Ambas as guerras têm como motivos o território, o poder, o dinheiro, o socialismo... Temos perfeita noção de que não existem motivos suficientes para as guerras dos dias de hoje,*

*principalmente a da Rússia. Sabemos também que esta guerra é a pura estupidez humana, não há motivos para isto. Qual é a necessidade? Não podemos viver com uma pessoa com dois dedos de testa a governar? Todos querem ser mais que os outros. Ser o mais poderoso, o mais rico, o mais importante... Querem ter sempre mais território, mais dinheiro, mais posse...*

*Uma guerra tem sempre 2 polos! Um a atacar e a destruir, e o outro a defender-se, ou pelo menos a tentar. Uma guerra, queiramos ou não, não afeta apenas um país. Dependemos todos uns dos outros. Basta um deixar de fornecer seja o que for, que vai afetar o resto de toda a economia. Como se costuma dizer, por uns sofremos todos. Não podemos estar em paz. Cada um no seu canto, sem chatear ninguém. Somos seres livres para fazermos o que queremos, no entanto a nossa liberdade termina quando colide com a do próximo. E, nestas situações, deixamos de ser livres, a nossa liberdade não é livre, ou seja, não é liberdade.*

*Espero que o presente seja uma aprendizagem para o futuro, que nada disto se volte a repetir, mas, já que tivemos e temos de passar por todas estas situações, desejo que todos nós tenhamos aprendido alguma coisa com todas elas, para que, já que é tão mau passar por isto, possamos aproveitar e ver nem que seja uma coisinha que seja positiva, uma luz ao fundo do túnel, que por vezes para algumas pessoas é tão escuro, triste e vazio.*

*Aguardo um futuro com paz e saúde, para que todos nós possamos viver a nossa vida em paz e para que possamos focar-nos em melhorar o mundo e não em destruí-lo.*

*Com esta carta para ti, futuro, pretendo dar-te a conhecer como está o presente, para que possas, ou pelo menos tentes, vir com alguma solução ou, um bocadinho que seja, melhor. Espero que, pelo menos, tenhas esperança nas poucas pessoas que pensam, tentam ajudar e fazem o bem neste mundo. Desejo que as pessoas e o mundo do futuro venham tentar melhorar aquele que, na altura, será o seu presente. Se queremos um futuro melhor, temos de mudar agora, no presente... Espero que tragas paz e saúde, que são duas das coisas mais importantes que o nosso mundo precisa.*

– Sofia, tiraste-me as palavras da boca. – disse um colega. E logo outros concordaram, reforçando a sua perplexidade perante as notícias a que diariamente assistem.

– Curioso, saber que partilhamos as mesmas preocupações faz-me sentir acompanhada, menos só, um pouco mais tranquila. – confessou Sofia, num tímido sorriso.

Após a apresentação de cada colega, Gerónimo sabia que era a sua vez de participar. Remexeu no bolso do seu casaco e retirou uma folha dobrada. Desdobrou-a e começou a ler uma história que ele próprio escrevera. Partilhar as nossas criações nem sempre é fácil!

*A data de hoje é 1 de dezembro de 2041, hoje marca-se 7 anos desde que a ditadura foi oficializada.*

*Ainda me lembro dos dias em que a chegada do mês de dezembro era festejada. Quando eu era criança, este mês era visto como o melhor mês, era visto como festivo e familiar, repleto de alegria e esperança. Dezembro era mais do que um mês, era um período de celebração pelas conquistas do ano que terminava, enquanto se renovavam as esperanças para o próximo.*

*Agora estas emoções são apenas sombras, memórias, encarceradas num passado cada vez mais distante.*

*Hoje acordei com o mesmo pesadelo de sempre, parece que cada vez que fecho os olhos sou arrastado para o momento mais triste da minha vida. O momento em que meia dúzia de soldados arrombaram a porta de entrada e levaram os meus pais.*

*Os meus pais, antes da ditadura, eram ambos professores de Direito na nossa universidade local, mas agora isso já parece ter sido numa outra vida. A vida dos meus pais, bem como a de todos os cidadãos, mudou no dia em que a ditadura foi oficializada.*

*Esse dia é outro que permanece gravado na minha mente, não pelos momentos felizes que deveriam caracterizar um mês de dezembro, mas sim pelas circunstâncias devastadoras que se seguiram.*

*A minha mente está preenchida apenas com momentos negros e triste, memórias sombrias e dolorosas. É assim que está a mente de cada pessoa, contaminada, perdida.*

*Todos vivem a mesma vida mundana e cinzenta: pesadelo, acordar, ligar a televisão para encontrar apenas propaganda do governo, comer rações que estão cada vez mais escassas, ir fazer trabalho manual mal pago, jantar e repetir o mesmo processo. Esta vida é um ciclo, não, aliás, é uma espiral que está a descer e a descer até ao dia em que mor... Não! Não! Já chega de pensamentos assim, já chega desta mentalidade! Não posso perder a minha sanidade, agora que preciso de força mental mais do que alguma vez precisei. Está na hora da mudança. Não posso mais viver assim.*

*Dirigi-me para a fábrica, o meu local de trabalho, como qualquer outro dia. Durante a pausa do almoço, encontrei-me com os outros trabalhadores. Em vez de dirigir a mesma conversa sobre o tempo, a chuva e sobre a qualidade das rações oferecidas, falei-lhes daquilo que estava no meu coração, daquilo que não aguentava suprimir nem mais um momento. Falei-lhes das minhas dores e da minha necessidade de ver mudança. Falei, falei até a minha garganta nem mais uma palavra poder dizer, até os meus olhos nem mais uma lágrima poderem deitar... E, nada... Todo este discurso para receber meia dúzia de grunhidos em resposta.*

*Fiquei destroçado o resto do dia. Como é que as pessoas sofrem tanto, dia após dia, e não querem fazer nada em relação a isso?!*

*Então, voltei para o trabalho, e continuei a minha rotina triste.*

*No dia seguinte, na hora do almoço, tinha medo de mostrar a cara, depois da vergonha do dia anterior. Pensei que me iam julgar ou gozar comigo, mas, em vez disso, quando entrei no refeitório, fui deparado com a última coisa que esperava. Todos se levantaram e olharam para mim, mais de uma centena de pares de olhos a olhar para os meus. Os meus olhos voltaram a brilhar com esperança e acenei com a minha cabeça. E sem nenhuma palavra entre nós, cada um dos trabalhadores dirigiu aos militares mandados pelo governo para nos controlar.*

*É aqui que acaba o governo, é agora que começa a revolução, é assim que começa a liberdade!*

Movidos pelo entusiástico apelo no final da história e pela expressividade da leitura, os jovens aplaudiram. Gerónimo não contava com isso e até corou um pouco.

– Gerónimo, adorei o teu texto, mas por que razão a ação se passa num tempo futuro?

O jovem então explicou que a sua intenção era mostrar que aquela história era intemporal. Factos semelhantes aconteceram em vários momentos do passado e acontecerão certamente no futuro. Ele continuou, revelando a sua preocupação, o receio de que a História se repita e de

todos se virem a encontrar, outra vez, numa vida de repressão. Gerónimo tinha escrito aquela história para lembrar os seus colegas de que uma realidade de medo e tristeza poderia não ser assim tão distante, como muitos pensam.

– Apenas com conhecimento do que aconteceu no passado e com o consciência do que está em risco poderemos evitar que a História de repita!

Isabel Quadros sorria. Olhos trémulos de emoção e orgulho naquele grupo de adolescentes.

– Bravo, meus queridos! Estou impressionada! Também vos trago um testemunho, o meu.

Os jovens acomodaram-se nas mantas e na relva, como quem se prepara para ouvir uma história encantada. Olhos e ouvidos disponíveis. Almas abertas a um pedaço de vida que ali seria generosamente partilhada e antecipando já o abraço final.

## A LIBERDADE DE SER PESSOA

*Tive o privilégio de nascer em Moçambique, no ano de 1950. Éramos dez irmãos, pai e mãe e vivíamos no meio do mato, completamente isolados de qualquer ato social e privados das mordomias das cidades. A nossa casa era a única de cimento, e a alguns quilómetros de distância existia apenas uma pequena cantina de indianos que forneciam alguns bens essenciais aos habitantes da zona. Era uma pequena loja com varanda, e nas traseiras tinha um ou dois quartos, uma pequena sala e uma casa de banho. Habitação em alvenaria, mas de construção precária.*

*Uma vez por mês chegava ao Posto um autocarro que trazia trabalhadores temporários, da África do Sul. Europeus, os chamados “Branços” só muito raramente passavam por ali, mas no silêncio majestoso daquelas paragens, o roncar dos motores dos carros, ouvia-se a grande distância, daí que corríamos empolgados para receber os visitantes. Normalmente eram padres, caçadores de passagem e pessoal da Administração Pública.*

*Toda a restante população vivia em palhotas contruídas por si próprios, em colmo e palha. E nós, irmãos, adorávamos ir ter com eles para comer caril de folhas de mandioca e chima.*

*A cidade mais próxima ficava a quinhentos quilómetros, que visitávamos uma vez por mês para comprar pão e outros bens que se podiam congelar. Carne, por vezes, era de caça: gazelas e búfalo que depois de cortada era uma parte para nós outra para a pequena população que vivia ali próximo. Havia nas traseiras da casa uma enorme capoeira com galinhas e galos. Era um regalo comer aquelas galinhas e os ovos.*

*Não frequentávamos escolas, porque a minha mãe nos lecionava e no final do ano nos levava à cidade para fazermos os exames. Logo, não tínhamos convívio com amigos brancos, colegas de escola, o que nunca questionámos, e nos permitiu estabelecer amizade com os meninos e meninas indígenas. Éramos como gazelas: livres, brincalhões e felizes.*

*Até aos onze anos nunca vivemos numa cidade e nunca nos confrontámos com problemas raciais, sociais e política, nem sabíamos o que era maldade. Vivíamos numa bolha de família, onde tudo era falado à mesa. E era à mesa que nos contavam histórias de família, e onde mergulhámos nas grandes obras de literatura, nos grandes compositores clássicos. Autores e pintores. A minha mãe era professora de piano, daí que todos tivéssemos tido uma refinada educação musical. Os*

*mais velhos, esses com uma educação mais rígida, tocavam piano. Os mais novos cantavam, dançavam e faziam teatro. Em noites de luar, íamos para o terreiro, frente à casa, e com os empregados e filhos, jogávamos os cinco cantinhos, e o jogo do lenço, o que eles adoravam.*

*Em 1961 mudámo-nos para a cidade e, pela primeira vez, fui para uma escola e tive colegas de aula. Era uma escola Oficial, frequentada por todo o tipo de raças, ricos e pobres. Tinha colegas indianos, negros, chineses, europeus, portanto foi muito fácil adaptar-me, embora estranhasse alguns comportamentos que só mais tarde vim a entender. Era tão fora da caixa, tão ingénuo que um dia a professora Maria Natália me chamou à atenção porque eu só tinha amigas africanas e indianas.*

- Tens que conhecer e brincar com outras meninas!*
- Mas estas é que são as minhas amigas!*

*Contei em casa e os meus pais foram falar com a professora, indignados com a atitude. Não sabia o que era racismo, nem a rejeição. Os nossos pais ensinaram-nos a respeitar pessoas, não a sua cor.*

*Nesse mesmo ano, 1961, Goa, que era uma colónia portuguesa, foi tomada pelo exército da então União Indiana, e Salazar deu ordem imediata para expulsarem muitos indianos de Moçambique. Foram notificados e conduzidos para um cais de embarque, cercados por rede, e vimos muitos amigos da escola presos e obrigados a voltarem ao país de origem dos seus pais. Lembro-me de ir até à rede a chorar para me despedir de algumas pessoas, que nunca mais tornaria a ver. A situação foi-nos muito bem explicada, mas achei uma tremenda injustiça, e odiei o sistema instalado na época: a Ditadura de Salazar.*

*Fiquei chocada durante muito tempo e, a partir daí, mais atenta aos comportamentos dos outros, tentando minimizar injustiças raciais na escola e fora dela, por muito pequenas que fossem. Foi um despertar precoce para uma realidade muito dura que até aí nunca tinha enfrentado.*

*Muitos anos depois apercebi-me que entre europeus moçambicanos e negros, o convívio era cordial, e muito embora se diga que não existia “racismo” e “rejeição”, a realidade era outra. Era notória a enorme desigualdade de tratamento, de acesso ao trabalho, à educação, habitação e a locais públicos. Os ordenados eram vergonhosos e a exploração era escandalosa. Havia a hipocrisia de uma certa classe que “fingia” não ser racista, mas que o era. Direi mesmo que por vezes cruel. Ainda hoje se diz que “mesmo explorados, devem ter saudades nossas. Não passavam fome, tinham empregos e sustentavam as famílias”! É verdade! Mas hoje são livres, sentam-se nas esplanadas, vão aos cinemas, vão às Universidades e milhares têm casas de cimento e sentem-se “pessoas”.*

*Continuam as desigualdades, há os muito ricos e os muito pobres. Há os que vivem no cimento e os que vivem nos bairros periféricos, nas casas de colmo e cimento, mas há uma diferença gigante entre ser Pobre Oprimido e Pobre Libertado.*

*Em 1961 começa também a guerra pela independência em Angola e Guiné. Nessa altura, embora muito novos, ouvíamos segredos entre os nossos pais e amigos, e aos poucos fomos tomando consciência de que algo grave se passava e que estávamos num caminho de mudança. No entanto nunca nos passou pela cabeça que anos depois teríamos também que abandonar o nosso país.*

*Continuámos a fazer a nossa vida, as nossas rotinas e, em 1963, começam os primeiros sopros da guerra entre nós, encabeçada pelos combatentes da FRELIMO, uma frente criada para a Libertação de Moçambique. Mas já em todo o mundo, há anos, que se reclamava o fim do poder português nas colónias e exigiam a Portugal a independência. A FRELIMO era apoiada por muitos países da Europa e pelo resto do mundo.*

*Salazar nunca aceitou conversações nem diálogos de paz com os dirigentes do Movimento para a Libertação de Moçambique e muito menos negociações para uma transição de governação pacífica. Nunca aceitou receber as Comissões que propunham nas negociações. Preferiu combater a FRELIMO, e lembro-me de ouvir a meia voz, que seria uma guerra inglória. Era um processo sem volta. Mais tarde ou mais cedo haveria uma Independência.*

*Nessa altura envolveram-se muitos moçambicanos que desejavam a independência noutros moldes e pagaram um preço caro, e muitos dos nossos jovens prestes a atingir a idade para alistamento militar fugiram para o estrangeiro, porque recusavam combater os “irmãos” moçambicanos. Eram os objetores de consciência. A PIDE estava sempre atenta aos movimentos da população, e nos cafés havia os delatores.*

*Em Portugal, os estudantes de Coimbra iniciaram a sua luta, demonstrando o descontentamento pela continuidade da Guerra*

*Os soldados portugueses começaram a ser recrutados aos milhares para a guerra e, em Portugal, a PIDE, Polícia de Estado, perseguia todos os dissidentes do sistema que atuavam na clandestinidade, prendendo e torturando. Fugiam para o estrangeiro todos os ativistas contra o sistema, eram presos os cantores, jornalistas, intelectuais, advogados, escritores, todos aqueles ricos ou pobres, envolvidos no processo enérgico de derrubar a Ditadura. Continuavam a trabalhar lá fora, criando redes de luta em Portugal. A censura era uma mancha negra nos jornais e nos livros. Lembro-me de ouvir um disco de 45 rotações do Zeca Afonso (“Eles comem tudo e não deixam nada”) no quarto dos meus pais com mais umas seis pessoas presentes, debruçados sobre o aparelho, pois o som estava muito baixo. Falava-se em sussurro pois o vizinho podia ouvir e delatar.*

*Não podíamos dar opiniões, falar livremente, escrever com autenticidade e comunicar com quem queríamos, pois “diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”. Estávamos amordaçados.*

*Os pais ficavam sem filhos, as mulheres sem maridos e os filhos sem pais. Uma guerra condenada ao fracasso, que já ninguém aceitava. Muitas pessoas já temendo o final, começaram a pôr o dinheiro em Portugal, mas a maioria dos Moçambicanos nunca imaginou sair “da sua Terra”. Mantiveram-se firmes e coesos até ao momento que foram expulsos com a ordem: 24 quilos e 24 horas.*

*E chega num glorioso dia 25 de Abril, de 1974, a Revolução dos Cravos, levada a cabo pelo MFA Movimento das Forças Armadas, a permitir ao povo português a Liberdade de SER e de ESTAR. E derrubar uma Ditadura de 50 anos.*

*Com todas as boas e más consequências, pois as revoluções libertam os povos oprimidos, mas desmantelam os opressores, que por sua vez apadrinham os ricos e os poderosos, dando possibilidade aos mais pobres de ascenderem aos sonhos de grandeza que até aí lhes estavam vedados. E por vezes esses sonhos de grandeza eram apenas aprender a ler e escrever aos 60, 70 anos.*

*O processo de Descolonização foi vergonhoso. Chegaram milhares de pessoas a Portugal, apenas com alguns bens, deixando para trás as suas poupanças, as suas casas, as suas vidas plenas de anos e anos, edificadas com muita luta. Foram mal recebidos, alojados em pensões e hotéis, sem dinheiro, emprego, destroçados, sobrevivendo à custa de subsídios do IARN, roupas e bens doados pela população. Muitos já morreram e o tempo vai cicatrizando as feridas nos mais novos. Integraram-se, construíram, abriram negócios e muitos são homens e mulheres de sucesso. Mas nunca se esquecerão.*

*Éramos considerados “retornados”, mas não era verdade: milhares de europeus chegados já tinham três gerações de África. Ou seja, éramos imigrantes, fugidos de guerra, como agora fogem milhares por todo o mundo. Ouvia-se na rua: “Vão para a vossa terra!” Como se podia voltar, se não nos queriam lá?*

*A dada altura pairava-se às portas dos cafés, no Rossio, e em tudo que tivesse esplanadas, tentando encontrar soluções. Tive um irmão meu que tirava fotografias em casamentos para sobreviver e a minha mãe, que era professora, fazia bolos para fora o ano inteiro.*

*Ficaram as memórias de bons tempos vividos, e as mágoas de quem foi injustamente tratado.*

*Cometeram-se excessos, erros, zangaram-se famílias, fugiram centenas de pessoas para o estrangeiro, perderam-se casas e bens, mas, com o passar dos anos e numa Democracia fortemente instalada, conquistaram-se Direitos inimagináveis, dos quais já ninguém abdicará.*

*Um ano após a Revolução de Abril, no dia 25 de Abril de 1975, votámos livremente em Portugal, após 48 anos de Ditadura, para eleger a Assembleia Constituinte.*

*Extinguiu-se também a PIDE.*

*A entrada na União Europeia foi histórica após oito anos de negociações. De 1977 a 1985. Ano em que foi assinado acordo. Atingimos níveis de vida nunca imaginados e festejamos, este ano, os 50 anos de Liberdade.*

*Temos tido homens e mulheres em cargos importantes no Mundo inteiro, reconhecidos e respeitados. No entanto, ressalto com muita estranheza, a viragem que o mundo está a fazer à Direita Radical. Uma extrema Direita que nos poderá conduzir a novas Ditaduras, que, na memória de muitos, ainda é um ferro em brasa que queima todos os dias.*

*Escrevo de forma simples este pequeno texto para vos lembrar que está nas mãos dos jovens de hoje o futuro que será vosso, dos vossos filhos e netos. É uma responsabilidade pesada, a vossa: terem que ser vocês a lutar pela Liberdade que conheceram na vossa juventude e que os vossos pais lutaram para conseguir. Foi um presente de graça para todos vós, e agora será um presente consciente e de ouro que darão a vós próprios e às gerações vindouras. Terão de ter consciência do ato de votar e fazê-lo de forma que não vos tirem o que de mais belo e magnânimo existe na Vida: a escolha da Felicidade e da LIBERDADE DE SER E ESTAR.*

*Não queremos voltar às mordanças, à censura, à perseguição e à impossibilidade de escolher quem nos governa.*

*Queremos estar de braços abertos para aceitar quem chega por bem, fugindo da fome, da guerra e da impossibilidade dos sonhos. Seja qual for a cor da pele.*

*Queremos um Mundo de Paz, e a Salvação do Planeta.*

*Queremos estreitar e até mesmo derrubar as Desigualdades.*

*Queremos melhores Escolas, melhor Habitação e melhor Saúde.*

*Queremos melhores Resultados Escolares.*

*Queremos mais Livros e Leitores.*

*Acredito nas novas gerações para construir um mundo melhor.  
Acredito em vocês, que serão a Força e o Motor da Mudança.  
Unidos na vontade e no amor, são a nossa ESPERANÇA!*

*Isabel Quadros*

## FICHA TÉCNICA

### AGRUPAMENTO DE ESCOLAS CARLOS GARGATÉ ALMADA

#### ALUNOS (Turma 10º CT1)

Alejandro Araujo  
Alexandre Teixeira  
David Ruivo  
Diana Ribeiro  
Dinis Carvalho  
Duarte Henriques  
Francisco Carvalho  
Gonçalo Camara  
Inês Sequeira  
Inês Pereira  
Joana Lobato  
Leonor Pires  
Lucas Madeira  
Madalena Bonito  
Madalena Soares  
Maria Francisca Costa  
Martim Silva  
Matilde Madeira  
Patrícia Ramalho  
Rafaël Lourenço  
Rafael Rodrigues  
Sara Marques  
Simão Martins  
Tamer Zejnilovic  
Vicente Frutuoso

#### DOCENTE

Susana Barros  
*Professora de  
Português*

## RICARDO FONSECA MOTA

Ricardo Fonseca Mota (Sintra, 1987) é ficcionista, poeta e dramaturgo, formado pela Universidade de Coimbra em Psicologia Clínica.

O seu primeiro romance “Fredo” venceu por unanimidade o Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís em 2015. Sobre esta obra, disse Marcelo Rebelo de Sousa: “O romance de Ricardo Fonseca Mota é um romance do seu tempo, porque volta às histórias, à necessidade de saber coisas a partir das histórias, e volta à ligação entre as histórias individuais e a história coletiva. Como têm feito outros jovens autores portugueses, ou que o foram, como Gonçalo M. Tavares ou Afonso Cruz, e como faz há décadas o Nobel francês Patrick Modiano.”

“Fredo” foi semifinalista do “Oceanos” - Prémio de Literatura em Língua Portuguesa em 2017 e está traduzido e publicado na Bulgária. Neste mesmo ano, Ricardo Fonseca Mota representou Portugal no Festival Europeu do Primeiro Romance em Budapeste.

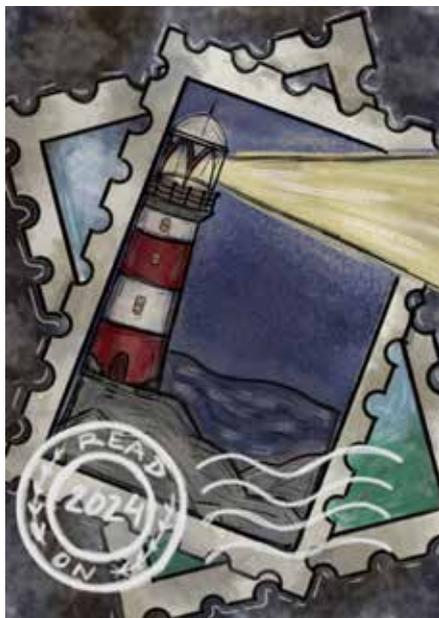
O romance “As aves não têm céu” foi distinguido com o Prémio Ciranda 2021 e novamente indicado para semifinalista do “Oceanos - Prémio de Literatura em Língua Portuguesa”, figurando na lista dos 54 melhores livros lusófonos de 2021 num universo de 1835 publicados em todo o mundo.

Publicou também “Germana, a begónia” (2019) e “A mão e grandeza” (2023).

Os seus trabalhos estão traduzidos para inglês, francês, espanhol, alemão, neerlandês, italiano, búlgaro, húngaro e chinês. Algumas das suas obras estão incluídas no Plano Nacional de Leitura. Os seus livros mereceram também atenção de investigação académica e são objecto de artigos e dissertações de universidades portuguesas, brasileiras e italianas.

No cinema, é autor do argumento do filme “Mímesis”.

# DENTE-DE-LEÃO



1.

Naquela noite, a luz desligou-se. Chovia fortemente e as ondas, lá em baixo, rebentavam com estrondo. Completei a minha rotina, como habitualmente. Imune à tempestade, verifiquei os aparelhos, a luz, preparei uma caneca de chá e sentei-me no cadeirão para retomar a leitura interrompida minutos antes. Apesar da tempestade, esperava uma noite sem sobressaltos. Porém, por volta da uma e meia ouvi um grito. Transtornou-me a forma como o clamor daquela voz rasgou o rumor selvagem, mas inofensivo, do temporal. Incapaz de reconhecer a natureza do uivo, distinguia nele algo de desespero, dor, raiva, o chamamento de quem acabou de dar de caras com o inferno. Foi quando, de repente, a luz se apagou. Ficar às escuras é a última coisa que deve acontecer.

A minha família ensinou-me a nunca abandonar o farol. É o que tenho feito há mais de vinte anos. Antes de morrer, o meu pai vivia comigo. Ao final da tarde, juntava-se a mim na caminhada até cá, enquanto apresentava e explicava as regras daquilo a que chamava um verdadeiro faroleiro. Sempre cumpri, mesmo nos primeiros anos quando não tinha ainda compreendido a razão de não poder apanhar um pouco de ar quando o horizonte se apresentava sem embarcações. Mais

do que agir correctamente ou entregar-me com generosidade à responsabilidade de zelar pela segurança, naqueles anos interessava-me sobretudo que o meu pai me reconhecesse como uma verdadeira faroleira. Infelizmente, o meu pai já foi ter com a minha mãe. Esgotaram-se as oportunidades de o deixar orgulhoso e convencido de que a tradição familiar está entregue a quem a pode honrar. Custa dizê-lo, mas pela primeira vez, naquela noite, dei graças por ele já não estar vivo. Sei que não devia ter abandonado o farol. Sei que esta falha o deixaria desolado.

Vesti o capote, agarrei numa lanterna e saí a correr. Era a primeira vez que deixava o oceano às escuras. Julguei tratar-se de uma avaria na caixa da electricidade do lado de fora. Virei à direita e rodeei a parede. Foi então que vi um vulto, aproximadamente a cinquenta metros do local onde me encontrava. Pareceu-me uma pessoa a afastar-se de um carro estacionado com os faróis desligados. Carregava algo pesado e volumoso na direcção da falésia.

- Ei! – gritei. Consegue ouvir-me? A encosta está escorregadia. Afaste-se da falésia!
- O desconhecido deu mostras de não me estar a ouvir.
- Pare! Pare! – insisti.

A chuva incessante também não interferia com o que quer que fosse que aquela pessoa estava a fazer. Subitamente, a luz fugaz de um relâmpago iluminou-nos. Juro que vi, sei que vi, que aquela mulher, quem quer que fosse, olhou para mim e sorriu, desconheço se louca e delirante, se imberbe e livre. Quase caí com o susto. Perdi o balanço. Sabia, ou simplesmente sentia, que havia algo de muito errado naquela situação. Todavia, não queria deixar a minha imaginação decidir o que era a mercadoria carregada, prestes a ser jogada ao mar.

Tive de decidir. Podia aproximar-me e tentar parar o que se passava ali, é certo. Mas eu sou a faroleira. A noite estava tempestuosa e eu não podia, eu simplesmente não podia, deixar sozinha qualquer embarcação que estivesse naquelas águas. Os barcos precisam de luz, precisam de esperança, e eu sou essa esperança. Eu sou faroleira! Eu não posso deixar que a luz se apague. Nunca! Fiz o que faria uma verdadeira faroleira. Virei costas e retomei o caminho em direcção à caixa de electricidade. Os gritos das ondas na encosta tornaram-se, subitamente, ensurdecedores. Não tinha a certeza se a Natureza discordava da minha decisão, nem eu sabia se era a certa, mas continuei. Tinha trazido um fusível comigo e rapidamente fiz as reparações necessárias. Vi um feixe luminoso rasgar o céu à minha frente. Suspirei de alívio. Desta vez não era um relâmpago. O oceano estava novamente iluminado. Onde quer que estivesse, o meu pai estaria de novo a salvo de inquietações. Depois da reparação, voltei-me para o sítio onde tinha avistado o vulto, mas ele já lá não estava, nem o veículo. Confesso que, por instantes, duvidei da veracidade da aparição, entregando a força do delírio à leitura interrompida de Frankenstein.

Encharcada, entrei no farol. O chá estava frio. Agarrei no telefone e hesitei. Seria já tarde para chamar ajuda? O que iria contar à polícia? Encontrariam eles nas minhas acções algo que me responsabilizasse pelo que aconteceu? Subi os setenta e três degraus da escada em caracol que me conduzia ao topo do farol. A única missão da minha vida é não permitir que a luz se apague. No início, ligava e desligava a luz, limpava as lentes. Hoje, tudo é automático. Não me recordo da última vez que tive de consertar uma avaria. Agora encarrego-me sobretudo da manutenção da maquinaria e verifico informações de radares e outros sistemas semelhantes. As máquinas

também falham. E eu falhei. Não podia tratar-se, simplesmente, de uma avaria técnica. Algo fora negligenciado na manutenção. Ignorara os sinais. Deixara que a leitura e o ócio da imaginação amolecessem o espírito. Sim, a culpa é dos livros. Aprendera a lidar com o isolamento e a solidão recorrendo a livros. Alguns escritores são meus amigos. Gosto de ouvi-los. Oiço-os, mesmo quando não os compreendo, e tudo parece estar no lugar certo. Para que os barcos percorram milhas marítimas, levando pessoas, tesouros, sonhos e condenados, é necessário que alguém lhe ilumine o caminho. Esta é a minha função. Por não poder embarcar, viajo no submarino de Júlio Verne, nos barcos de Melville e Hemingway, sou Argonauta, tripulante das naus de Tournier e das lanchas de Raúl Brandão. No topo do farol, encaro o futuro esbatido. Quanto mais largo o horizonte, mais mansa nos parece a tempestade. Imagino as catástrofes que poderia ter originado o apagão. Pow! Oiço gritos vindos do cais.

- Estão mortos!

Uma lancha batera no paredão e afundara. Aproximo-me. Em cima da rocha mais oeste do pontão, o meu pai acena-me, como quem diz, «não tenhas medo». Encontro um homem junto ao desastre. Alguns cadáveres flutuam de encontro às pedras.

- O que aconteceu? – pergunto.

- Tudo, mas nada – responde. Não importa. Eles já tinham morrido em vida, era apenas uma questão de tempo. Eram criminosos, ou simplesmente vinham de uma terra governada por criminosos. Uma coisa ou outra, tanto faz. Diremos que algum deles se drogou e decidiu atacar os outros com a faca do pão. Acho que eles lá, de onde vêm, nem estão acostumados a pão. Mas não interessa. Contaremos uma história qualquer.

Ninguém quer saber.

- E agora? – questiono.

- Há de vir alguém, de manhã. Agora com esta chuva é chato estar a chamar ajuda. Já é tarde.

- E eles ficam aqui?

- Não irão morrer mais do que já estão.

Regresso a mim quando me concentro no reflexo do meu rosto no vidro do farol. Nenhum naufrágio aconteceu, apenas na minha imaginação. Mas podia ter acontecido. Sinto um calafrio. Os livros são uma perdição, dir-me-ia o meu pai.

O meu avô era faroleiro. Foi com ele que o meu pai tudo aprendeu. Viveram aqui no cabo toda a sua vida. Eu fui a única filha. Uma mulher num farol não era frequente, mas em momento algum o meu pai considerou a hipótese de eu ser outra coisa que não faroleira. Depois da sua morte tentei fazer vida na cidade. Arranjei um trabalho e saí daqui. Foi nessa altura que conheci o Manuel. Vivemos juntos, nasceram os nossos meninos. Mas a vida destinou-me a solidão, e ainda os meninos não tinham pelos nos sovacos já o Manuel tinha ido desta para melhor. Foi difícil permanecer na nossa casa só com os meninos. Quando os rapazes foram para fora fazer as suas vidas, como todos os jovens daqui fazem, regresssei às minhas raízes. Foi quase como se abandonasse o Manuel e recuperasse a companhia do meu pai. A minha casa é junto ao mar, onde está a minha infância, onde espero que possa estar também a minha morte.

Mentia se dissesse que aqui não sinto a solidão da cidade. Mas é, apesar de tudo, uma solidão diferente. Tenho prazer em usar a farda branca e o laço avermelhado. Sinto-me útil. Mas é claro que sinto falta dos rapazes, do Manuel, do meu pai, da Lúcia, da Esmeralda, do «bom dia» do leiteiro. Tenho os livros e as visitas esporádicas dos meus filhos. Tenho a maresia, o marulhar, a paisagem cintilante.

Talvez seja uma das pessoas mais isoladas do país. Posso ser chamada cidadã se estou tão fora da sociedade? Estou só, sim, mas faço o que faço pelos outros. Faço-o porque alguém deve fazê-lo. O que seriam as artes sem escritores, pintores, e músicos, trabalhando nos seus ateliers, o que seria a ciência espacial sem os astronautas lá no céu, longe de tudo o que é civilizado, o que seria de toda a sociedade sem os que mantêm tudo a funcionar à noite, enquanto os outros dormem? Há navios no mar a tomar a minha torre como guia, a guiarem na escuridão apoiados pela luz que não deixo apagar. Ajudo as embarcações, sejam elas militares, comerciais, turísticas, clandestinas, piratas. Represento uma esperança no meio do nevoeiro, e não será isso uma forma de exercer cidadania? As margens são lugares de visibilidade.

O que direi à polícia quando vier? Se vier? Serei uma alma amaldiçoada por me animar com a possibilidade de uma visita, apesar das circunstâncias? Quando vierem, se vierem, vou contar o que vi, mas devagar. Primeiro alego não ter visto nada. Depois, mostro-lhes que talvez tenha visto algo impreciso. Fá-los-ei regressar as vezes que forem possíveis. Avizinham-se dias de algum bulício por estas bandas. O mar negro e profundo, fim do mundo, terra nova, nele nascem e morrem olhares, sonhos e caminhos. A qualquer momento podem bater à porta.

- Está aí alguém?

Um homem de meia-idade, por volta dos cinquenta anos, talvez um pouco mais novo, vestindo uma gabardine cinzenta e luvas a condizer, talvez um chapéu como é habitual, e sapatos caros. Tirá o chapéu da cabeça, colocá-lo-á junto ao peito, passando a mão pela cabeça, arrumando os cabelos pouco grisalhos.

- Boa tarde.

Contar-lhe-ei o que sei. Imagino que não considere fascinante o relato. No máximo, fingirá importar-se com a minha sensibilidade.

- Não se preocupe com isso – respondo – já passou.

Tento pensar que agi o melhor possível e finjo aliviar-me. Mas estes homens não vêm para me consolar. Eles querem a verdade, detestam mistérios, gostam de culpados e de castigos. Se não encontrarem ninguém a quem fique bem o papel de vilão, serei eu a principal suspeita.

- Fez o seu melhor? Tem a certeza? – atira ele, num tom seco e condenatório. – Sempre me fascinei com pessoas como a senhora, que escolheram abandonar a sociedade.

Nesta altura fará qualquer coisa arrogante como puxar as calças para cima, cofiar a barba aparada, cruzará os braços sobre o peito insuflado.

- Pergunto-lhe por que acha correcto reparar o farol em vez de tentar impedir um eventual assassinio? Bem, se o sacana se puser com esta conversa não tenho como o contrariar.

- Sente-se honrada por viver aqui encerrada, nesta espécie de torre da Disney, à espera de um príncipe que a salve, à espera de ver desaparecer nas águas profundas do navio do Capitão Gancho? Escolheu este trabalho para sentir que é alguém? Fá-lo por tradição e contrariada, é isso? Quer vingar-se de alguém? Tem algo a provar, minha senhora?

Eles vêm sempre com esta postura de ataque para nos testar. Não tenho nada a temer, portanto não me mostrarei abalada.

- Foi por isso que, naquela noite, decidi priorizar o farol? Depois de ver a caixa eléctrica danificada, por que pensou tratar-se de sabotagem? Que indícios viu de má vontade ou de alguma conspiração? Numa noite sem embarcações ao largo, por que decidi dar mais importância a um trabalho do fim do mundo do que a outro ser humano, alegadamente, em perigo?

Agora tudo se complica. Como sabe que a caixa foi sabotada? Ah, esqueci-me de pedir que se identificasse. E se este homem com ar decente não é polícia nem inspector, mas um bandido? Tento encaminhá-lo para a rua mas ele não desiste de me condenar.

- Pessoas como a senhora não gostam dos outros. Isolam-se, recusam a sociedade. São cobardes, veem tudo à distância. Colocam-se na margem para inventarem um lugar de destaque, pois não suportariam a indiferença de viver no meio dos outros.

O homem sorri como se tivesse ganho um jogo conhecido apenas para ele. Nada disto aconteceu, mas podia ter acontecido. Se vier alguém, será a primeira visita em largos meses. Não estou inclinada a escorraçá-la, mas devo, pelo menos, exigir que mostre o distintivo, como nos livros de Le Carré.

## 2.

*“8:30, certo?”*

*“Já estou a ir. Viste o trailer? Parece muito bom.”*

*“Não vi nada. Não tive tempo. Vou passar só em casa para mudar de roupa.”*

*“Ok, vemos-te lá. Despacha-te, Carla, para não perderes o início”*

*“Não te preocupes, Miguel. Vão comprando os bilhetes”*

Chovia levemente quando entrei no prédio. O trabalho tinha sido, no mínimo, irritante. Lidar com pessoas é sempre difícil, mas hoje foi ainda mais, bastava notar a minha mão a tremer ao colocar a chave na fechadura. Olhei para o espelho na entrada: olheiras, como habitualmente. A semana foi particularmente cansativa e só queria subir os três lanços de escadas que dão acesso ao meu apartamento, atirar-me para a cama e em cima dela ficar, por dois minutos, quieta, morta, sozinha. Dois minutos bastavam. Era um dia especial. Finalmente, depois de tantos meses de desencontros e indisponibilidades, conseguimos marcar algo. O filme não era importante, voltar a vê-los era. Aguardei ansiosamente por este dia. Quando cheguei a casa já só pensava em sentar-me

nos bancos confortáveis do cinema, ficar duas horas no escuro, entretida, convencida de que aquelas vidas existem e a minha não, para depois jantar num restaurante nas imediações, e falar sobre tudo e mais alguma coisa como costumávamos fazer.

Não era pedir muito, julgo eu. Contudo, por muito singelos que possam parecer, estes eram os meus desejos. Sinceramente, reconheço que sou eu quem, muitas vezes, falta aos encontros que, com frequência, acontecem sem mim. Cuidar da minha mãe é um trabalho que consome muito tempo. Talvez não seja correcta esta formulação. Não consome muito tempo, consome todo o tempo. Não posso deixá-la sozinha à noite, mas hoje teria sido diferente. A Joana, vizinha da frente, disponibilizou-se para cuidar da minha mãe por uma noite. Louvada seja a sua alma. Não podia estar mais grata. A sua generosidade oferecia-me a oportunidade que tanto desejei. Claro que lhe iria pagar, mas sei não foram razões prosaicas que a moveram. Senti que o fazia por mim. De alguma forma, compreendeu o meu desespero, e isso sensibilizou-me.

Entrei no apartamento, estava feliz. A Joana já devia lá estar, mas não ouvi nada, o que estranhei. Fiquei um bocadinho ansiosa. Não queria atrasar-me. Rapidamente, reprimi este tipo de pensamentos. Mesmo se a Joana se atrasasse, só poderia agradecer que viesse, se não fosse ela nem poderia sair. Decidi ir mudando de roupa, contente com o pensamento de que a sua chegada seria iminente. Dirigi-me para o meu quarto. No trajecto passei pela entrada do quarto da minha mãe, onde ela se encontrava, deitada na cama.

- Olá, correu bem o dia?

Não respondeu.

- A Joana deve chegar a qualquer momento para ficar contigo até eu voltar.

- Ela não vem.

- Como assim, não vem?

Foi então que reparei num papel dobrado em cima da cómoda. Peguei no papel, entretanto a minha mãe continuou.

- Aquela rapariga não sabe nada. Até foi simpática, mas demorou imenso a mudar os lençóis e a procurar as coisas na cozinha. Tive de lhe dizer tudo, não sabe fazer nada.

A voz da minha mãe foi-se tornando num rumor indefinido à medida que eu lia as palavras daquele papel:

*«Desculpa, Carla, mas eu não consegui fazer nada. A tua mãe, desde o início, não cooperava quando lhe perguntava onde estavam os materiais que precisava. Desculpa dizê-lo, mas foi muito rude. Tudo bem, compreendo que, por vezes, os idosos são assim, eu sei, mas não consigo ajudá-la. À terceira vez que a tua mãe me mandou embora, não tive escolha se não obedecer. Sei que era importante para ti, mas penso que a tua mãe...»*

Parei de ler. A minha mãe continuava.

- ... não tão bem como tu. Mandei-a embora, pois claro, não admito incompetência na minha casa. E de qualquer forma, para que precisamos dela? Tu fazes tudo tão bem.

Incrédula, fiquei parada vários segundos, como se o meu cérbero estivesse encravado. As minhas mãos tremiam enquanto seguravam a carta, senti uma dor lancinante na cabeça e a minha cara a ficar encarnada. Gritei.

- Não! Tu mandaste-a embora?! A única pessoa que se ofereceu para ajudar, para tratar de ti, e tu manda-la embora?

- Ela não sabe fazer nada. E não grites, Carla!

Senti a garganta a arder. Lágrimas cobriam-me os olhos.

- Era a minha oportunidade! A minha única chance de estar com alguém que não sejas tu. Todos estes anos fiz tudo por ti. Trabalhei e sempre cuidei de ti. Nunca me queixei! A tua sombra persegue-me. Nunca pude fazer nada, não tive relacionamentos com ninguém desde que te mudaste para aqui. Só os tenho a eles, os que vieram de antes, com quem me ia encontrar hoje tu consegues estragar também esta pequena alegria!

Não tenho a certeza se era medo ou decepção na cara dela, mas, naquele momento, não queria saber.

- Tu estragas tudo! Tu estragas sempre tudo. Sempre estragaste! Eu abdiquei da minha vida para cuidar de ti. Mas porquê? Que injustiça é esta? Que fiz eu para merecer esta vida? És egoísta! És má! Só pensas em ti! Isto é injusto! Injusto!!!

Num gesto impulsivo e demoníaco, rasguei a carta e bati-lhe. Ela gritou.

- Injusto!!

Bati-lhe novamente, e ela gritou.

- Injusto!!

Bati-lhe, e ela gritou.

- Injusto!

Bati-lhe e ela continuou a gritar. Por medo? Para chamar ajuda? Não sei.

A minha cabeça doía, ficou pequenina por dentro, pesada como uma rocha. Não suportava mais os gritos daquela senhora que há muitos anos tinha sido minha mãe. Pensei que devia parar de lhe bater. Pensei que era errado odiá-la. Pensei fugir.

**3. Gritos.** Não me lembro do que aconteceu. Acordei com alguém que eu nunca sentira antes a abanar-me como se faz a um defunto. Senti o cheiro acre do fumo a adentrar o meu cérebro. Tinha a percepção de que ia morrer, mas inexplicavelmente, não sentia medo. Ouvi gritos. Gritos de crianças, de velhos, de animais, de árvores, de cores.

- Acalmem-se! – dizia alguém, no meio da multidão, com uma voz rouca e grossa.

- Não há esperança, vamos morrer aqui cremados.

- Poupa-se dinheiro no crematório!

Ergui-me de forma ágil, sem compreender de onde vinham aquelas benesses de vitalidade e graciosidade. Bati numa porta de metal enferrujado e velho, na fé de que o maquinista percebesse os estrondos dos meus gestos. Nada. Bati novamente. Gritei. Nada. Era como se não estivesse ninguém naquela cabine, como se o comboio estivesse a ser conduzido por ninguém, por um espírito qualquer. Percorri o comboio até encontrar, de novo, o fogo. À minha volta, uma sensação permanente de despedida.

- Filha, por favor, não temas a morte!

- Avô, cuida dos gatos!

- Temos o direito de viver! A vida eterna não nos aguarda agora. Viveremos mais! Daqui eu saio! Queiram ou não!
- Tenham calma!
- Por favor, tenho de chegar viva a casa! Os meus filhos não têm mais ninguém. Quero voltar atrás! Tenho de ir ter com eles.
- Têm um extintor? – disse eu, com uma voz, inexplicavelmente, calma.

Ouçoo uma voz longínqua e sigo-a o mais depressa possível. Encontro uma criança com um extintor na mão, arrancando-o dela sem qualquer empatia. Não dei importância ao facto de ser tão parecida com a minha filha. Corro em direção às chamas, onde já se encontravam outros passageiros a mandar água contra o fogo, e projecto a espuma contra as labaredas. Nada aconteceu, pelo menos, aparentemente. Fecho os olhos com esperança de que algo aconteça. Disparei durante o que pareceu uma eternidade e, quando estava prestes a desistir, um silêncio avassalador tomou conta do comboio. Chegara à estação.

Na parede, um enorme relógio. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Depois da tempestade, a calma. Sobravam somente destroços, memórias, vícios. Por algum motivo, sei que não ficarei aqui durante muito tempo. Ainda a sensação de despedida, de movimento, de fim de viagem, ou de início. O comboio segue. A cabine do maquinista abre o vidro. Lá dentro, a minha filha. Pensei dizer-lhe, «Boa viagem, meu amor», mas da minha boca não saiu qualquer som. Não a culpo, coitadinha. Eu queria ser ilha, ela fazia de mim uma península. Eu não queria morrer assim, é certo, mas não a posso condenar. Fiz o que pude para ela me odiar. Preferi que me considerasse maluquinha, esquecida, ausente. Pensava que se, aos poucos, se desligasse de mim, lhe custaria menos. De olhos vendados, como a Justiça, fiz o que achei que devia fazer. Se é certo ou errado, cabe a cada um decidir. A sociedade é, apesar de tudo, um vazio, onde uns fazem eco dos outros, onde não entra quem não cabe num quadrado, ou numa ampulheta, ou num pentágono. Morremos calados, mas, no fim das contas, num mundo onde somos apenas peças de um tabuleiro, eu tornei-me jogadora. Joguei o meu próprio destino.

Abusei da linguagem. Mas agora cansei-me. Vou deixar a linguagem descansar. A minha mente não é mais uma pista de corridas. Fecho os olhos. Chove torrencialmente. Cheira a algas. Cheira a lama. A escuridão absoluta é, por fim, apunhalada por uma lâmina de luz colossal. Um farol ilumina a minha ascensão. Tento dizer, «Foge, filha!», mas da minha boca tudo sai a explodir, como um poema.

#### 4.

Abri o meu diário de quando tinha 13 anos. “Quero ser astronauta! Já decidi”. Folhiei mais um pouco, “Bem, talvez seja artista”. Esta página estava ilustrada com um autorretrato no estilo de Picasso, se ele tivesse esquizofrenia. Fechei o livro. Não sou nada do que tinha imaginado. Na verdade já morri. Estou viva mas não estou.

Na bermã dos carris, era uma vez um dente-de-leão. No meio do cascalho cresceu, vigoroso, este dente-de-leão. E ao passar o comboio, uma vez era, este dente-de-leão.

«Devia ter-lhes contado», disse a mulher antes de saltar do telhado.



## FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA PINHAL DO REI, MARINHA GRANDE**

**ALUNA:** Bárbara Sofia Ferreira Sousa, 10.º C, Nº 1.

**DOCENTES:** Ana Paula Letra - *Professora Bibliotecária*

**ESCOLA SECUNDÁRIA ENG.º ACÁCIO CALAZANS DUARTE, MARINHA GRANDE**

**ALUNAS:** Beatriz Granja, 12.º J / Diana F Barros, 10.º H / Catarina Bernardo, 2.º P  
Raquel Silva, 12.º F / Teresa Santos, 1º I

**DOCENTE:** António Santos - *Professor Bibliotecário*

**ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA, COIMBRA**

**ALUNOS:** Afonso Carvalho / Ana João Martins / Gabriela Cojocari / Joana Prado  
Leonor Fernandes / Lueje Sousa

**ILUSTRAÇÕES:** Ana João Martins / Gabriela Cojocari

**DOCENTE:** Filomena Pedroso - *Professora Bibliotecária*

## RITA TABORDA DUARTE

Rita Taborda Duarte nasceu uma ano menos um dia antes do 25 de Abril (Sempre!).

É poeta, professora do ensino superior, autora de livros para a infância e escreve regularmente sobre poesia e ensaio, nas mais diversas publicações.

Em 1998, publica o seu primeiro livro de poesia (*Poética Breve*, Black Sun Editores), a que se seguiram outros dois: *Na estranha Casa de um Outro* e *Dos Sentidos das Coisas*, escritos ao abrigo de bolsa de criação literária, atribuída pelo IPLB.

Em 2003, vence o prémio Branquinho da Fonseca *Expresso-Gulbenkian*, com o livro *A Verdadeira História da Alice*. A partir daí, tem escrito com regularidade para crianças e jovens, contando com uma dezena de obras publicadas.

Em 2015 publica o livro de poesia *Roturas e Ligamentos* (Abysmo) em parceria com André da Loba (ilustrações).

O livro *As Orelhas de Karenin* (Abysmo, 2019) foi finalista do prémio Spa autores e do prémio Casino da Póvoa-Correntes de Escrita na categoria de poesia.

Em 2023, reúne os 25 anos da sua obra poética, no volume *Não Desfazendo* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda), vencedor do Prémio Fundação Inês de Castro, e que conta também com um livro inédito, *Uma Pedra na Boca*.

# LIBERDADE É ESCREVERMOS TODOS JUNTOS!



A liberdade tem muitas faces, muitas fases, até. Todos os dias usamos palavras cujo significado julgamos conhecer profundamente. No entanto, a maior parte das vezes não somos capazes sequer de experimentar em pleno os seus significados. Assim, na nossa vida, vêmo-nos amputados de muitas coisas que sabemos ser importantes, mas que não conseguimos verdadeiramente viver e sentir. No fundo, como se quiséssemos falar, mas nos roubassem algumas das letras da nossa própria língua... Assim, acontece com a democracia e com a liberdade. Depois do 25 de Abril, passamos a viver em liberdade e em democracia, mas será que conseguimos senti-las em todas as suas facetas? Viver em liberdade, havendo tanta injustiça social, não será como querer fazer um manifesto, por exemplo, sobre determinadas palavras, como **poder**, **porta** e **parede**, sem usar a letra **p**? Ou querer resgatar para o nosso discurso o **debate**, os **direitos**, a **decisão democrática**, sendo-nos proibida, no entanto, a letra **d**? O que tentamos dizer, neste projecto de escrita, é que, ainda que se queira impedir um rio de correr, a água infiltra-se por outros percursos, mas sempre seguindo um rumo, encontrando caminhos, outras soluções. E foi isso que fizemos nos nossos textos-manifestos, com as palavras que escolhemos. Foi também isso que as nossas

personagens, os Moradores do Prédio do Graffiti, fizeram. Resistiram àqueles que os queriam tornar invisíveis e ganharam voz, tornando-se, assim, mais livres.

### **Manifesto pela importância dos três novos D: debate, direitos, decisão democrática (sem nunca usar a letra D)**

A palavra que escolhemos tem uma essência de justiça e de obrigação, na nossa cabeça e no nosso instinto. A palavra representa o nosso livre arbítrio e tem de permanecer em qualquer grupo social, mesmo que as suas circunstâncias financeiras nem sempre o permitam. Há que exprimir o seguinte convictamente: essa palavra, na nossa história, nem sempre foi constante e houve bastante **desrespeito** alheamento, face a essa obrigação, que depende, afinal, do nosso instinto para conseguirmos conviver no planeta. Sem ela, as situações ultrapassam os limites. A palavra que referimos aqui revela, muitas vezes, que sentimos emoções ou a premência em realizar qualquer alteração no grupo social. Para que essa palavra se mantenha sempre presente na nossa existência, há que lutar. E insistir, permanentemente. A nossa segunda palavra também tem uma forte relação com a palavra que estivemos a expressar há pouco: expressa pensamentos, sentimentos e informações, sendo crucial para a compreensão mútua. Em síntese, a interação humana, por meio de expressão e troca de informações estruturadas, **desempenha** mantém um papel crucial na formação de opinião, na resolução de conflitos e no avanço social. Ambientes construtivos, que promovem conversas vivas entre os vários interlocutores, contribuem para o progresso geral e para a formação de comunidades mais informadas, mais coesas. Mais fortes.

### **Manifesto pelas palavras «palavra, poder, porta e parede», sem nunca usar a letra p**

Ela estava ali, querendo ser aberta, melhor escancarada, de forma a que todos os que assim quisessem a conseguissem atravessar. Estávamos fartos, tão cansados, de cancelas, de muros, de tabiques, cercas e também daqueles vocábulos que estivemos a cada instante desautorizados de dizer e que agora necessitamos urgentemente de gritar: Atenção! Mesmo que julguem conseguir que o mundo inteiro viva sob as vossas leis e regimes e directrizes, ainda que nos censurem formas de dizer e de falar, mesmo que ergam todas as barreiras entre nós e o mundo, entre nós e a vida, entre nós e os outros. mesmo que nos condenem, nós avançaremos com confiança, resistentemente: todos os dias será dia de recusar o vosso gozo, de derrubar as vossas muralhas, de abrir as janelas que nos fecham na cara e de gritar, gritar, bem alto a voz que nos obrigam a não dizer e reiterá-la com todas e cada uma das suas letras.

Foi isso, afinal, que fizeram um a um os habitantes do prédio do Graffiti. E a nossa história começa exactamente aqui:

## O GRAFITTI QUE GRITA LIBERDADE

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

*José Saramago*

«Se podes reparar, encontra. Se podes encontrar, cuida.»

*Turma 10<sup>o</sup>. LH3 Escola Rafael Bordalo Pinheiro*

Era ali que o prédio ficava: nem bem dentro da cidade, nem bem fora dela. Numa espécie de limbo, na linha divisória entre o estar e o não estar, como aqueles, aliás, que lá viviam. Perto de tudo, não muito longe do resto da cidade, mal se dava por ele, porque, tirando o grafitti ou o seu aspeto envelhecido, pouco havia que o distinguisse, para além da tristeza baça, que se ia erguendo como uma hera escura a trepar pela fachada. Acima do R/Ch alto, três varandas de cada lado: direito e esquerdo. Alguns proprietários, na sanha de somar mais 3m<sup>2</sup> às casas, já de si acanhadas, tinham transformado as varandas em marquises, cada qual com um caixilho diferente, o que em todo o caso lhe dava uma nota de personalidade, certo tom de estranheza. O prédio parecia uma espécie de corpo mutante, feito de partes que não lhe pertenciam. Debaixo do tom cinza esverdeado, quase totalmente sumido, ninguém poderia adivinhar qual teria sido a cor original do edifício. No entanto, lá bem no alto, a varanda do terceiro esquerdo distinguia-se bem pelo grafitti provocador que exibia: uma assinatura de caligrafia espetada e frenética, em vermelho vivo, que mais parecia o electrocardiograma de um coração ao pulos. Como teriam chegado até ali? Ninguém sabia... trepar e emaranhar pela parede acima? Parecia impossível... só tendo asas. O certo é que o grafitti de um vermelho irrequieto ali estava, espalhafatoso, na varanda do terceiro andar, como um grito de sangue que dizia:

– Atenção a todos que passam! Neste prédio sumido e encabulado, que quase se esconde do mundo com vergonha de existir; aqui, dentro de cada casa deste prédio, vive gente! Vivem pessoas e dentro de cada uma, dentro de cada qual, pulsa um coração. Não se esqueçam! Não as esqueçam!

As pessoas que passavam e olhavam distraidamente o prédio surpreendiam-se com aquela garatuja desafiadora lá no alto. E indignavam-se, pois, com os delinquentes que se atreviam a escalar propriedade alheia para a danificarem. Mas, quem vivia no prédio não pensava naquela marca como um acto de vandalismo: surpreendiam-se, sim, por, no meio da noite, sem que ninguém desse por nada, um rapaz ou uma rapariga de mãos e pés ágeis de veludo tivesse em si uma vontade tão forte de vencer e de mostrar que conseguia galgar todos os obstáculos, só para chegar mais além; para simplesmente escrever como se gritasse: eu estou aqui e existo; mesmo que me queiram esconder, aqui estou eu!- Dizia a assinatura em vermelho sangue. Como se fosse uma cicatriz rasgada na face do prédio.

Os moradores daquele prédio não pensavam no seu grafiter como um delinquente ou um marginal. Julgava-no até uma espécie de anjo contestador e provocatório, que batia duas asas sorrateiras, no sossego da madrugada e, num golpe mágico, chegava até lá acima, para estampar a sua identidade no prédio, como se dissesse: Eu estou aqui e não estou sozinho. Comigo, atrás destas paredes sujas em que ninguém repara, de quem ninguém quer saber, estão também os invisíveis deste mundo, escondidos nas dobras da realidade, nas bainhas da vida.

E na verdade, resultou, resultava: quem passava, primeiro olhava com desatenção, depois via aquela assinatura desafiante soletrada a pique na varanda. E, ao verem, não podiam deixar de reparar. Foi o que me aconteceu, a mim, passeando, distraído, uma tarde pelas ruas das Caldas da Rainha: quem ali viveria, pensei, que vidas e sonhos e projectos, ideias, tristezas e alegrias cada morador traria consigo? Decidi-me a entrar; ouvir os sussurros através das portas, espreitar pelas fechaduras. Por que não tocar à campainha e dar voz – principalmente ouvidos – a quem vivia em liberdade, sim, mas prisioneiro de uma vida difícil, dura, num mundo que parecia andar às arrecuas? E pensei para comigo: tantas vezes passara por ali; tantas vezes olhara; algumas vezes vira; mas só agora reparara. Continuar a ignorar quem ali vivia seria estar num país sem liberdade, ainda que, de quatro em quatro anos, toda a gente pudesse votar. A porta da rua estava entreaberta. Empurrei-a. Entrei.

## TIAGO

Mesmo à entrada, no vão da escada do prédio sem elevador, reparei nele: dormitava meio encolhido num improvisado de cama feita de cartão que era o seu domínio. Mal deu por mim, semioculto, não sei se por vergonha, se por feitiço, deu-me os bons dias e contou-me a sua história: o seu nome era Tiago, saíra há pouco da adolescência, a idade de arrebatar todos os sonhos. A vida encarregara-se de lhe fechar as portas do mundo. A partir dos seus 18 anos de idade, ainda no início da sua vida, teve de ir morar para a rua, assim, sem saber como nem porquê. Família sem posses, bastou um percalço, para com 23 anos se ver desamparado, à mercê da bondade dos habitantes daquele prédio triste, com poucas mais posses do que ele. Na verdade, começara a encostar-se à soleira na porta, buscando abrigar-se do vento e da chuva. Os moradores do prédio, tudo gente de bem, iam-lhe dando alguma coisa: uma sopa, num dia, fruta no outro, o que sobrara do jantar ainda no outro dia. Depois veio um cobertor, uma almofada; uns sapatos que já não serviam. Até que, num dia de maior frio, sentindo a porta aberta, entrou para o patamar e encolheu-se debaixo do vão da escada. Ninguém o impediu. Foi permanecendo.

Sentia-se, na sua voz, uma revolta enorme, que crescia cada vez mais; Não compreendia as razões por que quem podia não tentava alterar estas situações. E fazia, a si próprio, todos os dias, tantas perguntas: Porque é que só os ricos podem? Porquê tanta distinção entre famílias? Porquê a diferença de salários? Porquê tanto preconceito? E perguntou-me, directamente (eu não lhe soube responder):

- Continua-se sem resolver estes que são os verdadeiros problemas. Viver-se-á, de facto, numa grande democracia? Os preços das habitações, da comida, os custos de saúde, são demasiados... nem com um salário – desabafava – é possível sobreviver, quanto mais estando na rua. E mostrou-me a medo, mas orgulhoso, na parede recolhida do vão da escada, o seu poema - manifesto contra as duas palavras que lhe roubavam a liberdade: Poder e preconceito.

Hoje em dia  
vivemos  
numa sociedade  
onde existem muitas

diferenças na comunidade.

- *Mas nós estamos a chegar*

alguém se vai revoltar

Quem elege não tem benefícios

quem manda não quer

saber dos cidadãos,

das suas necessidades.

- *Mas nós estamos a chegar*

alguém se vai revoltar

Enganam-nos

lançam-nos areia aos olhos...

Nada disto devia acontecer

muito menos nos dias de hoje,

os direitos deviam ser igualados.

- *Mas nós estamos a chegar*

alguém se vai revoltar

alguns decidem por todos

e as escolhas que fazem

sujeitam-nos a ir viver

para RUA.

*Nós acabámos de chegar*

*este mundo vamos mudar*

Tiago sabia que lhe haviam roubado a liberdade. Por isso, quando escrevia, deixando a sua marca na parede esconsa do prédio, com um lápis sumido, nunca usava a letra p: proibía-a, nos seus textos, como forma de resistência contra o poder e o preconceito.

Deixei o Tiago, com as suas palavras tão duras, que pareciam picaretas a picar-lhe permanentemente o juízo e fui subindo.

## CECÍLIA E DUARTE

No r/chão esquerdo, encontrei o Duarte sentado no patamar, a brincar com berlindes no chão frio. Franzino demais para os seus dez anos, assustadiço, suspende um grito tímido, quando me vê aproximar-me pela escada mal iluminada. A mãe, saindo de casa, mira-me desconfiada... Para que andava eu ali a meter o nariz? Não tinha, pois, nada de assustar o menino...

Embrulhei-me, como pude, em explicações e menti, claro: disse-lhe que trabalhava para a câmara, que andava a recolher informações sobre os moradores do prédio. Mais descansada – mas sem largar a mão do gaiato e ainda desconfiada – disse-me que se chamava Cecília e que tinha 28 anos, nascida em Lisboa:

– Sabe, é a minha minha cidade do coração...

Fez uma pausa e foi percorrendo de memória aquela que sempre fora a sua cidade, com aquela arquitectura antiga. Parecia que desenhava um postal com as suas palavras. Via-se bem que tinha saudades... O olhar turvou um pouco e continuou:

- Engravei aos 18 anos e assim nasceu o meu grande amor, o Duarte – e apertou a mão do pequeno. Depois mais baixo, para que o miúdo não ouvisse:

- Tive muito pouco suporte familiar e o meu percurso foi uma corda bamba. Equilibrei-me, como pude, entre os muitos problemas que se iam desenrolando na minha vida. Eu e o pai do Duarte separámo-nos rapidamente. Daí a afastar-se do filho, foi um eis, um sopro, só uma questão de tempo. O Duarte cresceu só me tendo a mim, eu só a ele. Claro está, dadas as circunstâncias, desisti do meu objetivo de vida: tornar-me arquiteta. Mas não me arrependo. Hoje faria exactamente a mesma coisa. Além do mais, não desisti ainda de continuar a estudar...

- E do pai do rapaz, nunca mais soube nada? - quis saber, curioso.

- Não vive sequer em Portugal - respondeu com rispidez - É dono de um gabinete de arquitectura. Em Nova York, parece...

Antes que Cecília corresse escada abaixo, levando o assustadiço Duarte arrastado pela mão, olhei pela frincha da porta que agora se fechava. Pobre, o apartamento não tinha quase nada, mas a disposição dos poucos móveis, a iluminação, a conjugação de cores, não deixava grandes dúvidas: era a casa de uma artista.

Continuei a subir as escadas daquele prédio marcado pela revolta grafitada na varanda.

## LOURENÇO E ROSA

O rapaz do primeiro direito quase me atira escada abaixo com o empurrão que me dá: sai de casa numa fúria, como um cavalo aos pinotes e bate a porta com bulha e estrondo. Dentro de casa, rebuliço e algazarra: vive demasiada gente naquele minúsculo apartamento... O rapaz grita três palavrões agrestes que se ouviram, de certeza, até na rua. É, então, que a velhinha do primeiro esquerdo assoma à porta e comenta a algazarra:

- Outra vez o Lourenço... Volta e meia, o rapaz não aguenta e explode contra os pais, os vizinhos, o prédio inteiro. Olhe, contra o mundo! – E explica-me que o Lourenço andava muito revoltado, coitado, sem se resignar à sua vida tão difícil, com poucas condições, sempre menosprezado pelos colegas que se consideravam superiores. Ele é a prova, afinal, de que nem toda a gente é vista com os mesmos olhos pela sociedade. Tudo depende de se ter dinheiro ou não. A sua família lutava para sobreviver com muitas dificuldades, mas as condições modestas em que vivia não o desanimavam: Acendiam, sim, uma chama de determinação e inconformismo dentro dele; no entanto, isso não era suficiente para aliviar a carga emocional que Lourenço carregava às costas. Na escola, ele via-se confrontado com a realidade; os colegas desfrutavam de privilégios que ele nunca conheceria: roupas de marca, viagens exóticas e uma certa aura de despreocupação material que eram características comuns entre aqueles que o cercavam. Não entendiam, nem queriam sequer entender, a sua situação e, em vez de se indignarem, também eles, pela injustiça de uns terem tanto e outros tão pouco, desprezavam o Lourenço, troçando das suas roupas desgastadas e das dificuldades que enfrentava em casa. Para eles, o rapaz era simplesmente o "menino pobre" da escola, uma figura caricata, no fundo, para aqueles que tudo tinham.

Havia quem assegurasse, no prédio, que Lourenço era o anjo do graffiti, e que tinha sido dele a audácia de trepar à varanda do terceiro andar, mostrando àqueles que se julgavam senhores do mundo, que podiam roubar-lhe tudo, menos a vontade de chegar mais alto e de proclamar a sua existência, exprimir-se: fazer-se ouvir, no meio do silêncio!

Chamava-se Rosa, a vizinha do lado de Lourenço e compreendia o rapaz, na sua revolta. - De que nos valeu a democracia, pensava ela, se não se cumpriu ainda a igualdade? Seremos de facto livres, se vivermos presos à pobreza, à injustiça?

Contou-me que tinha vivido os tempos de ditadura e que sabia quão frágil era a democracia, se não cuidássemos dela todos os dias. Via-se que se sentia muito só. Tomou-me de parte e mostrou-se preocupada, revoltada, também ela, com a falta de consciência do país, criticando os que passavam sem reparar nas pessoas emparedadas naquele prédio triste; censurando os egoístas colegas de Lourenço com a sua soberba irreflectida, e todos os outros que se passeavam pelo mundo, sem o questionar e sem reflectir sobre ele:

- O meu maior medo, neste momento, é que tudo volte a ser o que era... vejo estas pessoas, estas gerações a voltar a ter comportamentos e atitudes que não pensei presenciar mais. Olho para estas pessoas e penso se valeu a pena tudo o que nós fizemos para que, nos dias de hoje, tivessem esta liberdade e esta vida boa, traduzida tantas vezes em 'boa vida', e penso se merecem realmente os sacrifícios. Até chego a sentir-me ofendida – disse-me – porque parece que tratam este “mundo cor de rosa “ como se não fosse nada e sempre tivesse existido; como se quisessem presenciar o que eu passei, como se quisessem voltar ao passado. Não consigo mesmo entender... este mundo sem censura, sem ditadura, sem medos, sem opressões constantes está aos poucos a ser trocado. Sendo eu uma mulher que viveu o inferno da ditadura, um mundo invertido e desprovido de amor e liberdade, tenho medo de que volte tudo ao início... eu, como mulher, penso e olho à minha volta e penso se as minhas amigas ainda se lembram de como era a nossa vida naquele tempo. Onde estava a liberdade da mulher? Onde estavam os nossos direitos de igualdade? Onde estava o nosso direito de trabalhadoras, de sermos consideradas cidadãs...? Onde estava tudo isto? Exato... não existia nada disso. Penso que, hoje, não se tem a mínima ideia de que, se se voltasse ao passado, se sofreria, até, muito mais, tendo em conta o mundo actual!

E continuava, como se me quisesse convencer a estar do lado certo do mundo:

- Quem me dera que estas gerações tivessem mais amor e fossem mais agradecidas pelo que têm. Normalmente, só desvalorizam o esforço dos nossos militares e toda a gente que esteve envolvida nesta revolução tão importante para o nosso país e o nosso povo.

Sinceramente, só desejo que tudo volte ao normal e que as pessoas percebam a sorte que têm e saibam aproveitá-la... Seria bom que fossem mais agradecidas. Principalmente, que pensassem mais.

Quando acabou de falar, recolheu-se de novo do silêncio da casa e uma nova ruga aprofundou-se-lhe no rosto. Antes de eu continuar a subir pela escadaria enegrecida do prédio, ouvia-a trancar a porta, correr o ferrolho: Era o medo; o medo da vida, o medo do caminho que o mundo seguia...

## ASHYRA

No andar de cima, outra menina, cabelo muito liso, meio dissimulado por um lenço colorido. Seria, sensivelmente, da mesma idade do Duarte: quem sabe andariam até na mesma escola... mas no prédio mal se falavam, pouco se cruzavam, até. Chamava-se Ashyra, disse-me. Deu-me a mão, apertou-me com força e confessou-me que ia, às vezes, para a escada, pelo tanto que gostava de ouvir os ruídos do prédio: o aspirador, a música ao mesmo tempo alegre e triste que tocava a Elis, sua vizinha de cima... e, até, admire-se, os estrondos do Lourenço, quando batia a porta com a sua fúria zangada contra o mundo, contra a vida. Depois, calou-se não me disse mais nada, que lhe faltavam palavras em português para explicar tudo o que sentia. No entanto, olhou-me bem nos olhos e, lá no fundo, a suas pupilas sussurravam-me assim:

Viver num país em que não há bombas a estalar, em que os sons que se ouvem não são aqueles que em alguns momentos nos gritam perigo, é bom e os meus pais dizem que devo sentir-me feliz por isso. Ainda assim, quando não ouço nada, quando o mundo parece estar sempre quieto à minha volta, sinto-me aflita: são memórias do tempo passado (não memórias concretas, como aquelas que lembramos), mas memórias do corpo, memórias do sentido. Claro que não sinto saudades dos estrondos, não poderia senti-los. Mas lá, na minha terra, tão mau era ouvir o barulho das bombas a cair, o das sirenes de avisos, dos gritos, como o seu contrário: a ausência de qualquer ruído que sucedia tantas vezes depois das explosões, dos morteiros a rebentar. Quando nada se fazia ouvir, e o tempo parecia suspenso, às vezes pensava que todos à minha volta tinham morrido, ou que tinha ficado surda como aconteceu com Anata, a minha melhor amiga. Depois de um bombardeio, depois daqueles sons que calam e destroem os pensamentos da nossa cabeça, antes de qualquer destruição física, dos prédios, das ruas, dos jardins, das nossas casas, muitas vezes não se ouve nada: absolutamente nada: nem um canto de pássaro, sequer o vento (até parece que ele se cala com o medo). O momento de maior felicidade que tive, foi quando um dia, à noite, depois de um estrondo enorme, depois de uns segundos em que tudo ficou suspenso (uns segundos em que não sabia quem estava vivo, quem não estava, ou se os meus pais iam entrar no meu quarto, para ver se estávamos bem), ouvi o choro agudo do meu irmão pequenino, na cama ao lado da minha: ouvi-o, estava viva: ia ficar tudo bem. Aqui não há bombas, nem estrondos, mas estou muito sozinha. Na escola, é como se me ouvisse só a mim própria; conheço mal a língua... poucos falam comigo. Nem o Duarte, que até vive cá no prédio... Sentir Imaginar Lentamente Esse Número Cruel de Ideias Oprimidas é, não duvidem, algo muito difícil de ouvir. Para mim, de todas as palavras que eu desconhecia na língua portuguesa, o silêncio foi mesmo a mais difícil de ouvir.

## MARTA

Deixei Ashyra e, já com confiança (aquele prédio já era quase meu) toquei à campainha do lado. Respondeu-me uma voz feminina, ríspida, de poucas conversas. Soube depois que era Marta que, desde muito nova, mantinha interesses bem diferentes de todos os seus amigos e colegas. A memória de uma família difícil, em permanente conflito, estava ainda muito presente e ressoava-lhe na

memória. Mas no seu caso, talvez tenha sido isso a fazê-la descobrir facilmente uma saída. As discussões em casa levaram-na a refugiar-se nos livros policiais, criando mundos de fantasia com o seu único amigo, Francisco, que a acompanhava em tudo e a ajudava a lidar com o ambiente duro e pesado em que os seus pais a envolviam. Mas, na adolescência, Francisco, com apenas 18 anos, sofreu um acidente de mota fatal e Marta perdeu, assim, num minuto, um grande pilar na sua vida. No entanto, ainda hoje, já adulta, Marta leva sempre Francisco no pensamento e na memória. E foi o sonho de ambos que realizou, ao entrar na academia da Polícia Judiciária. Com o correr dos anos, Marta tornou-se desconfiada, muito céptica das boas intenções das pessoas ao seu redor. Presencia diariamente situações que preferiria desconhecer. Sabe que, mesmo na aparência de normalidade e felicidade, se podem esconder situações terríveis. Nunca se importou de viver naquele prédio velho e escuro e descaracterizado (com exceção do graffiti). Sabe que, por vezes, as mais belas superfícies escondem um carão bem duro, difícil sequer de imaginar, quanto mais de roer. A observação minuciosa da realidade e a análise de episódios traumáticos tornaram-na receosa em relação à proteção da sua família. Não se deixa, no entanto, intimidar por esse sentimento de impotência, que a motiva, até, a fazer cada vez melhor o seu trabalho, preocupando-se sobretudo com a justiça, não se deixando guiar pela superficialidade da aparência, que, bem sabe ela, pela sua experiência, tantas vezes engana. Não insisti. Deixei Marta e a família em sossego e continuei a galgar escada acima, agora guiado por uma melodia trinado, que soava em cima, no terceiro direito.

## ELIS

Não resisti: espreitei à fechadura. Sei que não se deve fazer... é tão feio invadir a privacidade alheia, mas a música de batucada de outro lado da porta, fazia pulsar o prédio inteiro, num grito de liberdade dançada, de resistente felicidade, que quase transformava aquele prédio baço e cinzento num arco-íris de um samba luminoso. Até as paredes pareciam dançar e transformar em verão aquele outono embaciado, em que a vida caía triste. Era a Elis, que ali vivia. Abriu-me a porta de repente, deu uma gargalhada sorridente, por me apanhar a espreitar. Disse-me:

- Pois quer ouvir a música? Ouça, sim! Felizmente, agora, há liberdade: de compor e de escutar. Ouça aqui o início:

“eu quero ser um orgulho para o meu país  
eu vou lutar e não irei desistir  
e deixar toda essa tristeza para trás  
e chamo a todos para refletir...”

E contou-me a sua história, como chegara do Brasil, já há muitos anos, como resistira à ditadura militar brasileira e como cedo aprendeu que a música, a cultura, a literatura é a mais bela forma de resistir à censura e à injustiça:

- Talvez não saiba, mas a década de 70 foi difícil para muitos brasileiros por conta da ditadura e da opressão militar, mas não foi isso que me impediu de lutar e ser contra essas pessoas que causaram esse mal todo. Eu sabia que, de alguma forma, tinha de fazer algo para ajudar o nosso

país e, para a minha sorte, a música sempre foi uma grande parte da minha vida. Desde pequena, eu desaprovava injustiças e estive presente em casos de desigualdade, que mudaram a minha visão do país em que nasci e da comunidade em que cresci. Ao longo dos anos, me inspirei em mulheres e homens que lutaram contra as desigualdades. Desejei, sempre, um dia poder ser igual a essas pessoas, poder protestar e conseguir condições melhores para todos à minha volta. Mas essa jornada era cheia de riscos, nada vinha com facilidade. O governo me via como uma ameaça, as autoridades tentaram me calar algumas vezes. Apesar de todas as tentativas de me silenciarem, eu me recusei sempre a aceitar tudo o que acontecia. Então, a minha vontade de lutar pela justiça apenas se fortaleceu a cada obstáculo. Como cantora e compositora, decidi usar minha voz para espalhar minhas ideias pelo Brasil, sempre soube o que queria dizer em minhas letras e a mensagem que queria transmitir.

E continuava, sorridente e convicta, parecendo muitíssimo mais jovem do que era realmente:

- No meu aniversário de dez anos, meu pai me deu um violão de presente. Na primeira vez em que o vi tocar, eu me apaixonei pela música e comecei a imaginar letras cheias de metáforas ocultas. Meu pai foi o meu professor na música e continua sendo uma das minhas grandes inspirações. Com o tempo, fui ganhando reconhecimento e usando isso ao meu favor: fiz apresentações e shows, confiando mais ainda na minha voz para chamar atenção para assuntos sérios como a corrupção, os golpes e a falta de democracia das autoridades. Mesmo hoje em dia, sinto muito orgulho de cada passo da minha jornada e em saber que pude ajudar em algo durante uma época de muita dificuldade. E ainda que as lutas continuem, eu serei feliz em utilizar minha voz, quando alguém precisar.

Foi bom para mim escutar as músicas e as palavras cantadas de Elis. Talvez ela não o saiba, mas eu soube-o, porque cada vez conhecia melhor aquele prédio, aquela gente, aquelas pessoas tão concretas, que o mundo queria tornar invisíveis; eu sei que, no início da noite, mal Elis se sentava na cozinha do seu apartamento pobre e pequenino, naquele aconchego tão distante do seu Brasil natal... eu sei que, quando Elis pega no violão, todo o prédio, sem exceção, o Tiago, no vão da escada, a Cecília e o seu filho Duarte, o Lourenço apaziguado com o mundo, e toda a sua família, a Rosa, mesmo cansada e com as pernas trôpegas, a pequenina Ashyra, os seus pais, o seu irmão bebê, a Marta com a sua família, todos os vizinhos, sem exceção, vinham ouvir a Elis cantar e assim acreditavam que, um dia, o mundo poderia ser melhor. E, nesse exacto momento, na verdade, o próprio prédio se tomava de cores, como se uma estrela de esperança teimasse em brilhar lá dentro. E, nessas alturas, sou capaz de jurar que o grafitti vermelho se arreganhava, provocador, na varanda do terceiro andar e tomava as feições de um cravo que gritava justiça e liberdade.

Todas estas pessoas me impressionaram e também eu decidi fazer parte do grupo. Encantei-me com a música de Elis e senti que aquele espaço era um pouco meu. Aquelas pessoas eram uma família e fizeram-me querer pertencer ali. Tive a sorte de haver um apartamento vago – parece que foi destino – e pude mudar-me para lá!

As aparências enganam, mas por detrás de cada parede, em cada casa, em cada prédio, existem memórias e vivências diferentes que apenas quem as experienciou sabe. A liberdade, a música, o grafitti, tudo habitava naquele prédio, escuro, verde e cinza, como símbolos de uma nova história.

## FICHA TÉCNICA

*ESCOLA SECUNDÁRIA RAFAEL BORDALO PINHEIRO  
CALDAS DA RAINHA*

### **ALUNOS (Turma 10.º LH3)**

Afonso Mendes  
Arianna Mercedes  
Gonzalez Pesce  
Gabriel Severino  
Iara Plácido  
Lara Henriques  
Leonor Andrade  
Margarida Teodoro  
Maria Quitério  
Matilde Santos  
Rafael Ralha  
Tiago Querido  
Toni Chen  
Valentiny Barreto

### **DOCENTES**

Susana Barros  
*Professora de Português*  
Ana Cristina Oliveira  
*Docente da disciplina*  
Lucília Lopes  
*PB ESRBP*  
Carla Cristina Fernandes  
*PB (que acompanhou  
todo o processo)*  
Paula Ribeiro  
*CIBE*

## RUI CORREIA

Conferencista e autor de vários livros de história, património, pedagogia e didáctica, Rui Correia foi vice-presidente da Associação Património Histórico - Grupo de Estudos, director da revista Risco, da Porto Editora, vice-presidente de Conselho Executivo da Escola Básica Integrada de Sto Onofre e Vereador da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Foi o vencedor do prémio Global Teacher Prize Portugal na edição de 2019.

Recentemente lançou a obra "Procura", um manual de História para o 9º ano, pela Raiz Editora, coordenou a colecção em cinco volumes "Contos arrepiantes da História de Portugal", da Penguin Random Books e publicou os livros "Cá dentro - o lugar da escola nos nossos miúdos" e "Salazar em New Bedford", pela prestigiada editora Guerra e Paz.

É comentador e colaborador regular da SIC notícias, onde assina uma coluna de crónicas sobre temática política e educativa.

# LÁGRIMAS DE MADEIRA

*A leitura de "Inventário", um poema de Alexandre O'Neill, fez-me parar. Como tantas outras pobres almas, jazia sentado no metro esperando que o dia corresse como outro qualquer dia que se mede ao metro. Na presença volátil, giratória, destes passageiros de comboio urbano, juntos numa poderosa rotina, como que por cósmica redenção, reunidos nos bancos desta formidável Igreja dos últimos dias, que é assim que devemos encarar a vida e o tédio, esse monstro, pensei. Quem são estas pessoas, estes rostos? O que os traz até mim? Como se lêem estas pessoas? Onde escondem as suas vidas e por que razão o fazem arqueados em livros, em jornais, telemóveis, silêncios, sorrisos e banalidades. São, cada uma delas, páginas, panfletos de vida que constroem, metro a metro, prateleiras borgianas, infinitas, de derrotas e heroísmos. Sentados frente a frente, trocando olhares e indiferenças com amabilidade postiça e impaciente. Passageiros, resignados à insuportável brevidade de tudo quanto são, pensam e fazem. Nenhum deles sabe nada sobre o avô do seu avô. Em duas gerações nem de memória serão feitos. Só o nada permanece. Pó? A fuga faz-se de abundância e horror ao vazio preenchendo toda a presença humana, que se esvazia logo a seguir perante a irrisória longevidade desta forma passageira de criação. Ocupam-se de coisas e de projectos mínimos e ambições desmesuradas; são livros que alguém um dia lerá, páginas incompletas, com fim impreterível, sinistro e inadiável, mas com o redentor milagre de estarem sempre por escrever. Existe surpresa no coração da apatia. É uma forma de resistência. Uma causa perdida que cumpre defender, armados de sol e de artifício até aos dentes. Cada passageiro lê-se em cada passagem. Quebra-se a solidão com o martelo da fantasia.*



O som de Ithil a rasgar o ar ecoava pela floresta. A criatura acabara de o arremessar violentamente, seguido de um golpe falho. Após todas as suas batalhas, seria realmente esta besta de quatro olhos o seu fim? Eliminou rapidamente estes pensamentos; uma besta tão errônea quanto a atrocidade que a originou não seria a última que enfrentara, não agora nem nunca. Recompôs-se rapidamente e desferiu um golpe decisivo com a sua foice. A amalgamação de oito membros começara a desintegrar-se e simultaneamente uma nova tatuagem surgia sob a pele de Ithil.

Havia sido uma caçada bem-sucedida, salvo a genesis deste aliis. Os números destas entidades suscitadas de traumas têm vindo a aumentar.

A sobrepopulação das grandes cidades subterrâneas tornara-se uma das principais razões. A origem destas mesmas bestas continua desconhecida, apenas se sabe que são poucas as pessoas que carregam esta maldição.

Ithil respira fundo, acede ao seu redor, olhando entre as árvores, procurando indícios de passado, vestígios de uma civilização antiga, capaz de construir edificações acima do solo. Ithil sempre se questionara como viveriam estes povos... Questionamento esse rapidamente interrompido por um som abominável distante, um grunhido doloroso, mas familiar a Ithil, “o som da criação” como ele lhe chamara.

Tendo em conta o seu estado atual, o nosso “herói” decide submergir, voltando ao conforto de uma civilização ainda em reconstrução. Estas super-cidades são já conhecidas de Ithil, tendo sido criado por ruas e becos. Encontra a pousada mais próxima, entra pelas portas ainda coberto

de uma gosma preta, cromada, vertida pelo alius que matara não muito antes. Pede por um quarto, que paga com o pouco dinheiro que faz ao vender as relíquias que encontra à superfície, e dirige-se diretamente à cama, deixando por onde passara um caminho de líquido preto.

*Num livro, feito de frases alinhadas, é tudo tão mais presente do que o real e tão mais real do que o presente. Ali, mesmo ao lado da fantasia do sonho, vive uma Ofélia. Ou será Ophelia, princesa da Dinamarca?*



Num jardim aparentemente interminável, deambulava ao som da melodia mais sincera e pura que alguma vez tivera experienciado. Recordara-me o aconchego que sentira pela primeira vez quando a minha mãe me abraçara ainda criança. O cheiro da liberdade entranhava-se pelo meu nariz adentro como o cheiro da comida que a minha avó fazia nos dias mais vazios.

Entre ciprestes, avistava nebulosamente uma casa branca que lembrava o passado distante que tanto desejava voltar a sentir. Um passado onde não existiam barreiras à minha própria existência. A lenta aproximação dessas memórias encobertas prendia-me a um estado inconsciente que outrora fora luz no meu caminho. Uma parte de mim morreu naquela casa. Ou pelo menos, estava perdida.

Acordo num sobressalto e volto à monotonia irreversível. O som do alarme, ao longe, invade-me os ouvidos e os pensamentos intrusivos sobem-me à cabeça. Levanto-me da cama e sinto-me sem rumo. Um desequilíbrio corporal intensifica-se dentro de mim, refletindo um vazio que me vai penetrando em diferentes dimensões. Observo o que me rodeia e deparo-me com um ambiente desconhecido. À medida que me vou perdendo no nevoeiro, ouço da torre sineira de uma igreja as badaladas que me acordaram.

A luz da lua ilumina o meu campo de visão permitindo-me observar até matéria física fútil. Ao analisar de forma cautelosa o restante espaço, deparo-me com diversas campas, obtendo o conhecimento do local onde estava: um recinto destinado à sepultura dos defuntos. Atravessando o campo-santo, a chuva cai fortemente. Uma grande quantidade de água que não consigo alcançar através do tato. Não sinto as gotas a caírem-me na pele.

Uma laje sepulcral, coberta de flores, desperta a minha atenção, e em seguida provoca um profundo medo em mim, ao ver que o nome escrito na lápide era o meu.

Enquanto o som da chuva continua a bater intensamente sobre as campas, deixo as minhas memórias fluírem como as gotas de água que me escorriam pelo corpo todo.

Relembro-me da minha infância: os abraços da minha mãe, que me enchiam de um calor que não encontro em mais lado nenhum, o aroma da comida reconfortante, o sabor a amor que só a minha avó era capaz de dar, a criança que eu era a correr livremente, sem calçado, por onde quisesse; nem o vento me alcançava...

As gargalhadas que ecoavam por todo o lado onde passava.

A essência de uma criança pura, deixada na sociedade só para se perder nela.

No reflexo de uma poça, vejo uma Ofélia oprimida, esmagada e completamente acabada; em pedaços, sem saber se foi a morte que trouxe tal fatalidade ou se foi o Homem o culpado.

Um arrependimento sobe-me ao peito. Uma vida inteira para terminar assim. Uma vida desperdiçada ignorantemente.

Se eu tivesse, pelo menos, mais uma oportunidade.

Se eu tivesse, pelo menos, experienciado mais.

Se eu tivesse, pelo menos, a oportunidade de renascer.

Numa luz incandescente, o passado eclipsa-se.

A morte tinha-me libertado; do casulo transcendia-me pela alma fora. Com seis patas e dois pares de asas visivelmente de um azul forte, voava. De repente, o nevoeiro já não me limita a visão. Pela primeira vez em tempos, sinto que sou capaz de ver para além de mera matéria. Observo o mundo através de uma nova lente, repleta de todo um novo significado e sentido.

Emerjo-me, num animal cuja ignorância inconsciente torna a sua vida bela, uma borboleta. Aquela que se reencarna e regressa da alma para outro corpo numa nova vida.

***A rádio passa a canção "Life as text" dos Hue and Cry. Tudo é pontuação. O metro pára em cada ponto final, vivo, fascinado por estas pessoas que nada mais são do que vírgulas vivas, ou reticências de sonho.***



Sei o que estão a pensar. Onde está o típico início de histórias românticas e felizes que nos fazem esquecer os problemas da vida por um tempo. Aquele lindo "Era uma vez" da Disney, onde o príncipe casa com a princesa e vivem felizes para sempre. Bem... acontece que isto não é uma história da Disney; isto é a história do meu sonho.

Bom, por onde começo? Prazer, o meu nome é Esperança, a minha mãe deu-me esse nome como uma inspiração para concretizar os meus sonhos. Sempre achei que estava destinada a algo especial, que era única; uma em um milhão. Nasci e vivi a minha vida toda em Ohio, nos EUA. Desde pequena, o meu sonho era ser uma bailarina profissional; sempre adorei dançar, como a minha mãe. Quando era mais nova, ela costumava contar-me que era a rainha da dança, criava passos para o seu grupo, contava histórias com a dança, fazia fatos para os espetáculos. Todas as noites era uma história diferente, com um espetáculo diferente e um problema diferente. Uma das coisas que mais gostava, era ver os olhos dela a cintilar enquanto as contava; era como se a sua mente ainda lá estivesse. Infelizmente, tive de desistir do meu maior sonho, depois de ter fraturado o joelho no seu último espetáculo.

Os médicos disseram-lhe que não poderia voltar a dançar. Foi uma facada no seu coração. Uns tempos depois ela teve-me e desde então apoia-me em tudo o que quero fazer; ela é a minha maior fã. Estou numa altura da minha vida muito importante, acabei de fazer dezoito anos e estou prestes a entrar para a universidade. Por esta altura muitos devem estar indecisos, mas eu não. Sei perfeitamente aquilo que quero. Entrar na companhia de balé de Nova Iorque! Sei que é difícil, mas estou disposta a tentar.

Mudei-me uma semana mais cedo, antes das provas começarem, pois queria habituar-me a Nova Iorque, já que é uma cidade muito grande. Fui ao café mais próximo que encontrei para repor as energias. Estava prestes a sair do café com o meu chocolate quente, quando sou empurrada e entorno o meu chocolate todo. Assim que olho para trás, vejo um rapaz, bonito, alto, moreno, a rir-se com mais dois rapazes atrás dele, também altos, mas não tanto como ele. Um tinha o cabelo loiro e o outro mais para o ruivo. Odeio rapazes bonitos que se acham bonitos. Nem quis ouvir o que ele disse, apenas me virei e continuei a caminhar para a minha nova casa alugada.

O nervosismo está a atacar, a semana passou a correr e, para ser sincera, não sei se me sinto confortável a entrar numa sala cheia de júris que vão avaliar a minha dança e principalmente, se é boa o suficiente para passar. O tempo passa, num momento estou a dançar a coreografia que me enviaram, no outro estou sentada num dos bancos a tremer à espera do resultado.

Foram horas que pareceram décadas, mas o resultado saiu. É uma escola muito concorrida. De 1000 bailarinas do mesmo sexo e idade que eu, só 100 passam, isso se chegarem ao nível que eles querem. Assim que publicaram a lista, o meu coração acelerou... cada nome que lia era mais uma falha na batida do coração até que vi Esperança Nordas Solo nº 61. Passei, passei a primeira fase!!! A segunda fase ia ser em duplas.

As duplas foram publicadas, juntaram-me a um tal de Jack Mason. Basta ler esse nome para escutar um monte de murmúrios e suspiros atrás de mim. Olho para trás e encontro o rapaz que chocou comigo e derramou o meu chocolate. Lá estava ele rodeado de meninas a perguntar quem era Esperança Solo, a sua dupla.

Odeio-o, a sério. Ele é maçador, egocêntrico, peneirento e infelizmente bonito. Odeio-o. Mas o destino juntou-me a ele e se para entrar nesta universidade/ academia preciso de formar par com ele, então é o que eu farei.

Não tem sido muito fácil ficar longe da minha família, mas sei que vai valer a pena. Um dia vou ser uma ótima bailarina, talvez chegue ao nível das melhores bailarinas do mundo. Com os dias a passar e o segundo teste cada vez mais perto, começava a ficar nervosa; afinal das duas semanas que tínhamos para criar uma coreografia com o nosso par, já só restava uma semana e dois dias. Tão pouco tempo apresentar o dueto e eu nem conseguia ter uma conversa com o meu par sem acabar em discussão. Depois de termos brigado um com o outro para saber quem era o verdadeiro culpado de termos chocado, sem querer, no meio da dança, decidimos que era melhor fazer uma pausa e ir almoçar juntos e tentar fazer as pazes. Foram precisos apenas dois hambúrgues, dois pacotes de batatas fritas, um sumo e um refrigerante para descobrir que ele tem uma irmã mais nova que o admira e os seus pais não apoiam a ideia de ele vir a ser bailarino profissional. Dois batidos para a sobremesa e descobri que por mais que tenha a escola toda atrás dele por ser bonito, nunca namorou. No final da nossa saída fiquei a saber que ele era divertido, gentil, inteligente e não um completo idiota mimado como achei ao princípio.

Não vou mentir, o dueto correu muito bem e, para ser sincera, este tempo deu para conhecer um pouco melhor o Jack. Os dois passámos para a última fase, agora temos de escolher uma música e fazer uma coreografia para apresentar à frente de todos. Liguei para os meus pais para lhes contar as novidades e convencê-los a vir ver-me. Afinal, não é qualquer um que passa em 34º lugar, onde só passam 50 duplas de 100. Foi um pouco cansativa esta conversa. Eu quero que ela (só a mãe ou os pais? não fica claro) apareça para a minha última audição, mas ela não quer, pelo facto de o tempo de viagem ser muito grande e perigoso, por ser à noite. Não queria continuar a discutir, então desliguei o telemóvel e fui comer.

Como é possível os dias passarem assim tão depressa, a sério. Estou na sala de ensaios a treinar a minha dança quando recebo uma ligação do hospital. Atendo. Saio a correr. Os meus pais tiveram um acidente de carro. O meu pai está bastante ferido, mas bem, já a minha mãe, não aguentou o impacto. As lágrimas transbordam-me os olhos, entretenho a estúpida ilusão de acreditar que se trata de uma partida de mau gosto.

Mas quem iria brincar com uma notícia dessas? Ela morreu. A minha inspiração morreu a tentar ver-me dançar.

Bom, agora trabalho numa loja qualquer, que vende roupas quaisquer, para umas pessoas quaisquer. Desisti da companhia de dança, pois preciso de pagar o tratamento do meu pai. É a única pessoa que tenho. Quer dizer, daqui a um tempo, não mais.

De há uns tempos para cá tenho andado enjoada e o período estava atrasado; fiz um teste. Digamos que enquanto treinávamos para o dueto eu e o Jack tivemos um mini romance adolescente, não faço ideia onde ele está ou se conseguiu passar, desapareceu do meu mapa.

Só sei que pensei muito e decidi que irei apoiar a minha filha ou filho no que precisar. É isso, pode ser que consiga arranjar dinheiro suficiente e abrir uma loja com equipamentos de dança, quem sabe? Talvez esse grande sonho de ser uma grande bailarina tenha de ficar para uma outra vida. Mas tudo bem, porque por vezes a realidade insiste em não se deixar enganar por um sonho. Apenas um sonho.

*E, mesmo ao lado da miúda de olhos secos e ânsias exaustas, dança um outro sonho. Shakespeare regressa ao palco do mundo, mas levantado do chão nas mãos de outrem. Um espírito em corda bamba. Lágrimas de madeira.*



Entre os cordéis que teciam a minha existência, percebi uma repetição monótona de movimentos já definidos. Como marionete, dançava ao sabor de mãos invisíveis, seguindo um roteiro que não era meu. No silêncio dos bastidores, uma angústia silenciosa instala-se no meu ser de madeira; uma angústia tão grande que se espalhava pelo teatro inteiro.

À medida que meus olhos de madeira ganhavam consciência, a tristeza, a raiva insinuavam-se como uma dança lenta e dolorosa. As minhas lágrimas, invisíveis ao público, tornavam-se um lamento silencioso diante da minha eterna escravidão; mesmo assim, os meus braços e as minhas pernas seguiam sob o controle daquelas linhas vindas de cima. Os aplausos eram uma sinfonia, uma salva de palmas para a coreografia que eu não escolhi, para a peça que não me pertencia.

O palco, que antes era para mim uma casa, tornava-se agora o meu principal pesadelo. Cada passo calculado era mais uma amarra, mais uma corrente que me arrastava para a escuridão da minha própria existência. No olhar da plateia, contemplavam-me com curiosidade e deleite, mas o meu coração, de madeira, pulsava com a tristeza de uma existência aprisionada.

Perante uma dança pré-determinada, a tristeza transformava-se num vendaval de emoções, numa tempestade que agitava o meu interior. Os meus movimentos, aparentemente graciosos, eram um reflexo da luta interna entre o medo e o desejo de liberdade.

Os minutos no palco, eternizados pela luz dos holofotes, tornavam-se horas intermináveis de agonia. Cada vez que me movia, era como um grito silencioso, um pedido de socorro presos em gestos ensaiados. O público interpreta o meu desespero como parte da encenação, sem compreender a verdade por trás da máscara de madeira.

Numa noite ousada, desamarrei-me dos cordéis que me aprisionaram naquela prisão invisível. A liberdade era minha única oportunidade de escapar da clássica tragédia que era minha vida.

Ao encontrar os primeiros raios da liberdade, descobri que a plateia, antes cega para a tristeza atrás da minha máscara de madeira, agora testemunhava a verdade crua da minha humanidade. O olhar de surpresa e, em alguns casos, empatia, permeia a audiência. A marionete havia-se transformado em algo mais, algo além da peça encenada.

Ilusão.

Na mais pura verdade, isso era apenas o que eu esperava fazer, mas não o fiz. A minha existência continuava presa como uma marionete, acorrentada aos cordéis invisíveis. A angústia pairava ainda sobre o meu ser de madeira, enquanto cada parte de mim se tornava raiva e rancor. Os minutos transformaram-se em horas e as horas numa eternidade de dança monótona. Cada movimento tornou-se um eco desesperado. As lágrimas de madeira eram um testemunho da minha desesperança. O público, alheio à tragédia que se desenrolava, aplaudia com alegria, adorando tudo aquilo. Cada palma era um golpe à minha liberdade e à minha incapacidade de ação. Eu estou presa eternamente numa escravidão constante. E assim, permaneci, dançando na solidão do palco, desconhecendo até o meu nome. O final não era uma reedição, mas uma aceitação temporária, e forçada, de um destino selado pelas mãos invisíveis que controlariam sempre toda a minha insignificância.

*“Um soluço através duma ruína”, insiste O’Neill. “Um rápido encontro falhado”, “Um gato passeado pelo desejo”. Como se percorre este parágrafo longo e mínimo que é a condição humana? Quem somos nós senão “ruído de torneiras em plena missa”? Ali, calado à minha frente, um outro entomólogo kafkiano apercebe-se que todos os seres vivos têm um ciclo mínimo de vida, tantos ciclos variados entre espécies e propósitos de vida diversos. Mas há duas etapas a que nenhum ser se escapa, o nascimento e a morte; o início de algo tão puro que é a vida e a tão misteriosa cessação deste ciclo.*

Cognominado Efemerópteros, é uma classe de insetos que, como o nome indica, têm uma vida efémera de, no máximo, vinte e quatro horas.

122 é o número da decrepita casa de uma velha muito velha Madalena, uma casa branquinha de portas caducas pintadas de indigo, algumas plantas à porta pouco floridas devido ao clima, numa daquelas aldeias portuguesas que “nem lembram ao menino Jesus”.

Dona Madalena é o que seria apelidado de Velha Portuguesa. Acorda todos os dias às oito horas da manhã, sai para a sua pequena caminhada matinal e ocupa-se o resto da manhã a arrumar a casa até a hora do almoço. Sem muito que fazer no tempo restante, entretém-se ao ver as mais novas gerações correr pelas estreitas ruas da pequena aldeia, mas nunca perde o programa da Júlia.

Nestes longos dias sem muito com que se ocupar reflete sobre si mesma, pensa muito em como no final da sua vida já não tem ninguém a quem recorrer. De resto, não consegue encontrar sequer um bom motivo de vida. Não há nada pior do que chegar aos seus últimos anos em desgosto com tudo o que viveu ou, neste caso, o que não viveu.

Nem sempre fora assim. Após acabar a escola conseguiu aproveitar bem a vida, juntou todas as suas poupanças e comprou uma autocaravana onde viajou todo o país em busca de um estilo de vida nómada onde pudesse admirar a beleza da natureza e tudo o que transmitia. A vida que

todos queremos de facto. Ela estava a viver! Foi cerca de um ano depois, numa paragem em Montesinho, que conheceu um jovem alto de cabelos castanhos e olhos verdes; de um verde tão puro que Madalena nunca havia visto em nenhuma das suas viagens.

Jorge era o seu nome

Os jovens apaixonados viajaram Portugal juntos, até que perto dos seus trinta anos uma notícia inusitada fez com que, pela primeira vez, ambos decidissem "assentar", como se diz. Madalena estava grávida. "Joana", decidiu.

Foi então que Madalena, sem que se apercebesse, começou a viver do trabalho dia após dia. Um dia após dia que durou 24 anos.

Descobriu que qualquer cidade pode acabar por ficar muito barulhenta com o passar do tempo. Madalena, juntamente com Jorge, decidiu mudar-se uma vez mais, de filha já adulta.

Não fazia sentido para o casal continuar ali, naquele mundo de trabalho e confusão. Foi então que a pequena casa com o número 122 à porta aparece na vida deste casal. A Velha, que nessa altura não era tão velha, voltou a ter a vida de paz que sempre quis.

Arrumava a casa, fazia o almoço e saía para uma longa caminhada com o seu marido. Já não viajavam, é certo, mas adoravam passear pela aldeia e pelas florestas ao redor.

A saúde de Jorge começa, agora, a fraquejar, Madalena não consegue sequer pensar na dor de perder alguém que lhe é assim tão próximo, a sua outra metade.

Tiveram que voltar, procurar quem pudesse ajudar nesta hora tão delicada, Madalena só precisava de alguém, alguém que também conseguisse sentir a sua dor. Restava-lhe apenas a sua Joana. A filha. Onde estava ela?

Saiu sozinha do hospital no dia cinco de Setembro de 2008 aproximadamente dois meses depois de ali ter entrado, amparando a mão de Jorge. Devastada, sem mais ninguém, só repetia para si mesma: "Joana. Onde está a minha Joana? Onde estás?"

Sem noção da realidade, depois de saber que nunca mais encontraria o seu marido nesta vida, foi a casa da filha.

Entre soluços, lágrimas e gritos mudos, Madalena procurava dó e ombro. Como era possível a filha não ter aparecido uma única vez no hospital? "Onde estás?"

Ao ler a carta que lhe prometia apenas mais dois anos de vida, Madalena questionava se tudo o que tinha feito era o correto. Deixara de saber da filha. A verdade é que Madalena estava a morrer, lentamente. Madalena tinha medo, medo da morte, de morrer sem ninguém.

Seria melhor ter nascido uma libelinha? Viver 24 horas apenas com o propósito de reproduzir sem grande amor à vida, ou seria melhor ser um Somniosus microcephalus? Viver por mais de 400 anos, experimentar cada desafio que a vida lhe sugeriu e que ela recusou.

24 horas, 82 anos, 4 séculos, une-nos esta sentença. Uma carta com uma notícia dentro.

***O metro interrompe-se com uma parafernália de sons e de acenos luminescentes que me levantam a cabeça. Finjo não saber exactamente onde estou e prego o meu olhar numa moça que entra, ensaiando um sorriso.***

Armanda é uma adolescente de dezassete anos e tem pais conservadores. Tem um irmão mais novo, Júlio, de cinco anos, com quem passa a maior parte do seu tempo em casa. Armanda é



bissexual e tem uma relação amorosa com a sua “melhor amiga”, Olívia, de dezoito anos. Os pais de Armanda conheciam Olívia apenas como sua melhor amiga. Armanda tinha muito medo de se assumir porque o seu pai é, como se diz agora, “homofóbico” e a sua mãe nunca se atreveria a falar sobre o assunto. Armanda perdia-se de ansiedades por ter de guardar este segredo para si mesma. Um dia decidiu assumir-se perante a sua mãe, com quem sempre teve uma melhor relação, aproveitando o momento em que o seu pai não estava em casa. Armanda contou-lhe tudo. A mãe apenas respondeu pedindo-lhe que não contasse isso a mais ninguém porque as pessoas são cruéis. “Não estarás ainda um pouco indecisa em relação a essas coisas?”, esperou ela.

Um mês depois, de um modo algo inesperado, a mãe de Armanda chamou-a para “uma conversa séria”. A conversa começou com muitos silêncios à flor da pele. Foi então que a mãe confessou que, no passado tivera uma relação amorosa com uma mulher que era a sua melhor amiga de infância. Estava perdidamente apaixonada por ela. Mas como não era aceite esse tipo de comportamentos na altura, ambas tiveram que se distanciar, chegando mesmo a mudar de cidade e criando cada uma a sua própria família, evitando mutuamente qualquer contacto entre si. “Por que nunca me falaste disso antes? Porque não foste atrás do teu amor?”, “Isso não era aceite, Armanda. Os tempos eram outros. Mesmo se eu quisesse eu não conseguiria ir contra os costumes da época. A família morria de vergonha”.

“Mas tu consegues, Armanda. Os tempos, hoje, também são outros. Conversaremos com o teu pai sobre isto; tens de investir nesse teu amor, sem medo de te julgarem. Faz o que eu não fiz, querida. Faz o que eu não tive coragem de fazer. Tens o meu apoio para tudo, desde que estejas feliz”, disse, num daqueles abraços que sempre garantem que vai ficar tudo bem.

Quando o pai chegou a casa do trabalho, a mãe começou a conversa, revelando que contara à filha o caso amoroso que teve. Pediu a Armanda que fosse honesta com o seu pai. Armanda fitou-o corajosamente nos olhos e, mesmo antes de proferir qualquer palavra, o pai interpelou-a: "Não é preciso, querida. Sempre soube que a Olívia não era só tua amiga; não era muito difícil de perceber pela maneira como vocês olham uma para a outra. Amo-te. Isto não muda nada." E abraçou-a.

*Viro a página e tento descobrir os olhos de um miúdo de rosto escondido atrás de uma franja pensada e estratégica. Relê um caderno de capas pretas.*



*Almada, 13 de setembro 2023*

Querido diário,

As aulas começam amanhã, acho que nunca desejei tanto voltar à escola. Mudei-me de Almofrela há três dias e ainda nem desfiz todas as malas.

Hoje passei o dia a passear pelo Parque da Paz com os meus pais, um lugar maravilhoso. Enormes árvores, a relva verde, um extenso lago com patos, pessoas a conviver e uma estrutura "castanha" que não faço ideia do que seja...um local sereno e tranquilo.

*Francisco*

*Almada, 14 de setembro 2023*

Querido diário,

Hoje foi o meu primeiro dia de aulas na escola nova, Escola Secundária António Gedeão. Ao contrário da minha antiga escola, esta, para além de ser maior, tem ainda mais pessoas. Existe um bar, um campo de futebol de relva sintética e até um campo de padel!

Os professores parecem simpáticos, mas também exigentes. Não consegui conversar com ninguém, ainda não me sinto um deles.

*Francisco*

*Almada, 28 de setembro 2023*

Querido diário,

Passaram-se duas semanas e muita coisa aconteceu. Logo na primeira semana senti logo os olhares preconceituosos... Mais tarde, vieram os insultos... os meus colegas de turma julgavam-me pela minha roupa, nunca me interessei muito pela minha forma de vestir, até porque na minha aldeia não havia muita opção de escolha... como centros comerciais.

No meu dia a dia apenas visto roupas velhas e uns sapatos com a sola gasta porque estão velhos. Nunca me afetou o facto de não usar roupas de marca, mas aparentemente, aqui na cidade, é visto com maus olhos.

*Francisco*

*Almada, 29 de setembro 2023*

Querido diário,

Hoje aconteceu novamente. Não me consigo adaptar a esta nova realidade.

*Francisco*

*Almada, 2 de outubro 2023*

Querido diário,

Estou farto, farto da escola, farto dos professores, farto das pessoas, de tudo. Apesar das minhas tentativas de interagir com os meus colegas, ainda não me deram abertura e apenas me vêem como o aluno novo que veio do campo. Vou mudar, isto não pode continuar assim.

*Francisco*

*Almada, 8 outubro 2023*

Querido diário

Passei o fim de semana no centro comercial, Almada Fórum. Nunca tinha visto tanta loja junta num só sítio. Quando entrei deparei-me com uma multidão de pessoas que andavam de um lado para o outro... pareciam umas baratas tontas! No entanto, a luz natural que este tem é muito agradável e luxuosa.

Andei muito ocupado de loja em loja à procura de roupas que irão fazer com que os meus colegas me aceitem... Foi difícil, tive que pesquisar as roupas que estão na moda para me ajudar a escolher, porque nunca me interessei sobre isso. Comprei muitas coisas! Sinto que agora vou ser aceite!

*Francisco*

*Almada, 2 de novembro 2023*

Querido diário,

Há muito tempo que não te escrevia... nem tenho vontade. De facto as roupas ajudaram, mas só me apercebi de uma coisa... não me sinto eu mesmo. Este não sou eu.

As pessoas já falam comigo, eu tenho amigos, mas não me sinto feliz. A maneira como eu me comporto e visto na escola... simplesmente, não sou eu.

Esta máscara que eu uso tem de cair.

***Que assinatura deixamos nos outros? Como assinamos a nossa diferença? Que fazemos com a indiferença, o lado mais escuro do amor? Encostada ao diarista secreto vai, anónima, a Elisabete. Outra franja.***

Elisabete, uma jovem lisboeta de dezoito anos, pré-universitária, percorria as ruas da sua cidade. O seu pensamento perdia-se num labirinto de preocupações e aflições. Há bastante tempo que se sentia enclausurada por um dilema que a impedia de ser genuinamente quem é. Uma aura desgastante pairava sobre a sua essência, obscurecendo a sua identidade e sufocando as suas aspirações.

Desde a infância, Elisabete sempre se sentiu diferente das outras crianças. Enquanto os seus colegas brincavam despreocupadamente, ela via-se agarrada a uma grande timidez. Sempre que tentava expressar-se, uma voz interior lembrava-a das suas falhas e limitações, de como ela era impotente e fraca, que ela nem devia tentar, ferindo a sua confiança.

Com os anos, esta sensação de inadequação apenas se intensificou. Elisabete passou a esconder-se atrás de uma máscara, com o intuito de se encaixar nos "padrões estabelecidos pela sociedade", fazendo de tudo para que nunca descobrissem a faceta dela, nunca conseguindo ser verdadeira ao seu próprio eu.

O problema de Elisabete sempre residiu numa funda insegurança e falta de auto aceitação. Ela sempre se sentiu aprisionada por expetativas externas e autocríticas, que a impedem de abraçar a sua verdadeira identidade. Por vezes, questionava-se de ser assim, o porquê de deixar essa voz íntima, cruel, dolorosa, dizer-lhe o que fazer, como agir e como falar. Por que motivo deixava ela

que essa voz a controlasse. Nunca conseguiu responder a isso de forma convincente.

Certo dia, Elisabete, enquanto observava o seu reflexo no espelho, decidiu pôr um fim à sua auto sabotagem e encarou a própria imagem, decidida a mudar. Era hora de confrontar os seus medos e procurar a libertação que tanto desejava. Decidiu embarcar numa jornada de autoconhecimento e auto descoberta, enfrentando os seus demónios interiores. Com o apoio e o amor de amigos e familiares, Elisabete começou um processo terapêutico de cura e transformação. Aos poucos, começou a desvendar as camadas de autossabotagem e de ansiedade social que a aprisionavam. Reconheceu que a sua verdadeira identidade não estava em conformar-se com as expectativas alheias, mas sim em abraçar a sua singularidade e autenticidade. À medida que Elisabete se libertava das garras desse passado, uma sensação de leveza e liberdade pairava sobre si. Elisabete encontrou forças para enfrentar os seus medos sociais mais profundos e abraçar a sua verdadeira identidade com coragem e determinação. Emergiu como uma nova jovem, enriquecida pela superação e pelo amor-próprio. Com um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos, ela abraçou a vida com confiança, pronta para viver cada momento com autenticidade e sem melancolia. Ela tornou-se "a melhor versão de si mesma", sendo como ela sempre desejou ser, ela aceitou-se e bastou isso para ela ser feliz.

***O metro volta a parar. Passageiros entram e saem num bulício resignado. Todos se afastam das portas que se fecham automáticas. O que devemos fazer quando estamos de portas fechadas? Como pode um passado fechar as portas ao futuro? Sem o saber, um novo passageiro que acaba de entrar, vem ocupado, intimamente, à procura da resposta.***

"- Não posso ir, desculpem. Poderia, mas não quero. Gostava, mas não tenho coragem de enfrentar o problema."

Ir à praia não é só ir à praia, é mais que isso: é um desconforto incomensurável. É a revelação de uma parte de mim que tenho medo de revelar. Já foi há algum tempo que tudo aconteceu, mas deixou marcas. Marcas que não conseguem ser apagadas, cicatrizes que vieram para ficar. Ir à praia é expô-las, é mostrar a todos o meu passado. Ninguém o conhece. Só eu. Tenho medo de que, quando souberem, me julguem, que me tratem de maneira diferente. Na verdade, não preciso do conforto dos outros; não preciso do seu apoio, seja isso o que for. A única coisa de que preciso é de esquecer e de poder ser uma pessoa normal que vai à praia com os seus amigos. Alguém que não se sente julgado pelo seu aspeto e por um passado que não pôde controlar. O passado não se controla.

Gostava de ir à praia e ver uma família a divertir-se sem ter vontade de chorar. Gostava de poder ser essa família. Os meus "pais" tentaram, mas não conseguiram. Eu não consigo. Nunca o vou conseguir. Já não sou aquela criança ingénua que vê o mundo a cores. Eles nunca conheceram essa versão de mim, só conheceram a versão estragada. Para ser sincera, nem sei se eu a conheci. Não sei se alguma vez existiu essa criança que brincava com os baldes na areia e que fazia concursos para ver quem atirava a pedra mais longe. Não houve momento para isso, não houve espaço para ser uma criança normal. Se calhar é por isso que eles nunca deram o último passo para me terem assumidamente como filha. Ninguém quer ter uma criança estragada. Não os culpo, quem quereria? Nunca os poderia culpar. Já fizeram mais por mim do que os meus pais alguma vez fizeram. Já me deram mais amor, mais carinho, mais segurança do que os meus verdadeiros pais. Mas isso já nem é importante. Não consigo ir à praia, é apenas

isso. Essa criança nunca vai ter oportunidade de existir. Nunca vai ter o espaço pelo qual tanto lutava ao crescer. Ainda tentei que o meu irmão fosse essa criança; que tivesse esse espaço. Dei-lhe os baldes, dei-lhe as pedras, dei-lhe tudo o que estava ao meu alcance para ele poder ser essa criança. Achei mesmo que era possível, mas não foi. Não passava de mais uma criança estragada, via tudo a preto e branco.

Praia. Que sítio bonito. Um lugar onde a alegria domina o ar. O cheiro da maresia, o som produzido pelas ondas ao embaterem contra a areia quente a acariciar pés felizes. Pés marcados. O som das gaivotas que pairam por cima dos gritos alegres das crianças. Os gritos das crianças. O vento que pode ser uma brisa suave na cara, mas que pode também ser aquele que levanta a areia e a vira contra nós e provoca uma pequena dor na perna. Dor na perna. Dor no corpo. Marcas. Não. A praia pode muito bem converter-se num sítio tenebroso, um lugar onde o medo nos afoga, nos tira o ar. Difícil de respirar.

Praia. Tinha que recusar. Não podia passar pela angústia de ver o meu passado a voltar à superfície. Quero deixá-lo no fundo do mar longe de mim. Estou-me a afogar, estou-me a aproximar. Praia. Será que as marcas são visíveis para o mundo exterior? Será que todos conseguem ver o sofrimento que passei? Ou será que sou eu? Sou eu que as vejo, como se fossem uma memória do passado; a memória do sofrimento de ver aqueles em quem mais devia confiar e que supostamente me amavam daqui até a lua quebrar essa confiança não existente. Vê-los a quebrarem-me. Via-os a preto e branco, tal e qual como o mundo, mas a casa tinha cor, tinha o meu irmão, e isso bastava-me. O nosso quarto tinha cor, tinha o meu irmão. O nosso boneco tinha cor, tinha o meu irmão. O meu irmão tinha toda a cor.

Hoje Já não vejo cor. O mundo é a preto e branco. Estou estragada, mas quero arranjar-me, quero voltar a ver cor.

"Quero arranjar-me". Nunca tinha pensado nisto assim. Sempre pensei que não tinha arranjo, que era uma boneca sem braço. Não pode ser. Por que não hei-de eu ver o mundo a cores? Quero arranjar o meu braço. Quero ir à praia. Quero estar com os meus amigos. Sinto uma coisa que nunca tinha sentido antes, quando estou com eles. Sinto que posso confiar; sinto que consigo descobrir o que é confiar. Sinto que vou conseguir redescobrir a beleza da praia, que vou conseguir olhar para os meus pés e não ver as marcas; conseguir ouvir os gritos alegres das crianças e não os gritos do meu passado. Conseguir sentir a areia a bater-me na pele e não pensar na dor do passado. Sinto que vou conseguir ver a praia tal e qual como ela é. Um sítio belo.

O meu passado impede-me de ser quem quero ser, impede-me de me sentir confortável com quem sou e impediu-me de me transformar na pessoa que deveria ter sido. Mas é o meu passado. Não o consigo alterar, faz parte de mim. Faz parte da pessoa que sou hoje. Não consigo mudar, mas posso tentar tornar-me numa pessoa melhor, mais alegre, mais verdadeira. Estas cicatrizes, estas marcas, definem quem sou. Não as posso odiar, não as posso esconder. Tenho que as aceitar. "Aceitar". Uma palavra tão pequena mas com tanto impacto. Um impacto que muda vidas. "Mudança". Talvez ir à praia possa ser um passo para essa aceitação, para essa mudança. Para ter o espaço que sempre precisei, e pelo qual tanto lutava ao crescer. É a minha praia.

*"O poeta está só, completamente só.", avisa ainda o escriba O'Neill do cabelo asa de corvo. "O poeta é todo cotovelos e espera um minuto que seja de beleza" aguardando pelo "insecto-insulto" que o importune e desassossegue. Na carruagem, está ali um poeta. Vê-se aqui.*

Kevin era um rapaz de 15 anos que vivia numa vivenda com os seus pais e o seu cão. Apesar



da sua popularidade na escola, onde todos o conheciam, ele guardava uma solidão silenciosa. Estava sempre cercado por risos e amizades, mas Kevin sentia um vazio que nem mesmo a popularidade conseguia preencher. Era bom aluno, fazia muito bem várias atividades escolares e também era um dos melhores nadadores da escola, conquistando a simpatia de seus colegas. No entanto, por trás desse cenário brilhante, Kevin experimentava a sensação de isolamento. As risadas compartilhadas nos corredores não enchiam o seu coração, e a estima que o envolvia parecia superficial, pelo vazio que tinha dentro dele. Na sua vivenda, Kevin encontrava conforto nos abraços familiares. Ainda assim, um sentimento de solidão persistia. A busca por um sentido qualquer no meio dessa irritante "fase da adolescência" levava-o a questionar a natureza das suas relações e a verdadeira essência da amizade. Enquanto os seus dias eram preenchidos com tudo e mais alguma coisa, as noites de Kevin eram mergulhadas em pensamentos introspectivos, buscando compreender a razão por trás da sua solidão.

A escola, onde a sua popularidade era inexplicável, tornava-se um palco onde Kevin interpretava papéis para se encaixar. Atrás do sorriso radiante escondia-se a angústia de não se sentir compreendido. Embora fosse cercado por colegas, Kevin só queria por dentro o mesmo rapaz perfeito que parecia ser por fora.

À medida que o tempo passava, Kevin explorava as suas paixões e interesses pessoais. Descobrir a sua verdadeira identidade tornou-se fundamental para preencher o vazio que sentia. Ele buscava encontrar afinidade não apenas nas relações sociais, mas também consigo mesmo, construindo uma base sólida para relacionamentos mais autênticos. Assim, na busca pela

verdadeira conexão, Kevin começou a descobrir que a solidão não era uma ausência de pessoas, mas uma ausência de autenticidade. Os seus dias deixaram de ser concentrados na busca por aprovação dos outros e mais focados na construção de relações significativas. Kevin, o rapaz de 15 anos, tão popular como solitário, parecia começar a compreender o sentido da amizade e o poder de perseguir a autenticidade de ser quem realmente era.

*"Um tinto vomitado na areia / Uma nuca rachada pelo sol" enumera o Alexandre, esse caixa d'óculos. Ler Alexandre O'Neill no metro não serve senão para nos perdermos na nossa solidão. Pomo-nos a medir vidas no metro. Vidas a metro. Fantasiamos. Damos passos para além da perna. E erramos, errantes, num planalto feito de gente como nós. Nós atados de gente. Gente em nós. Como uma Francisca que, ali, entrelaça, absorta, a sua mão na argola. Equilibra-se para não cair.*

Olá, o meu nome é Francisca e tenho 21 anos. A história que vou contar aconteceu



aproximadamente há 7 anos. Era o final de uma tarde quente de uma terça-feira, estava no carro a cantar "Somebody That I Used To Know" com a minha mãe, este era o nosso hobby favorito nas viagens de carro. Apesar de eu realmente não saber cantar, a minha mãe sempre adorou ouvir-me. Era nestes momentos que eu conseguia ter a paz que nunca consegui em casa. O meu pai não era... dos melhores, digamos assim. Estávamos a ir para a praça São João Batista para comer um gelado no McDonald's. Esta era a tradição que eu tinha com a minha mãe sempre que me sentia em baixo. Para chegar à Praça São João Batista é preciso passar na rotunda do metro. O sinal

estava verde e a minha mãe avançou mas o metro de superfície não parou e bateu-nos. Tinha perdido os travões. Soubemo-lo depois. Recordo o som da buzina do metro em pânico. Aqueles segundos em que tudo aconteceu antes de perder a consciência foram aterrorizadores. O embate provocou um som alto e ensurdecedor, o apito estourou nos ouvidos e o cheiro do airbag ainda me atormentam em certas noites. Isto nunca mais me sairá da memória. Não surpreende. Foi a partir daí que a minha vida mudou para sempre.

Quando acordei só vi o céu ainda meio que tremido. Tentei levantar-me mas senti que me puxavam pelos ombros. Um homem agarrou-me a mão. Tentava falar comigo, mas eu não o ouvia, estava tudo abafado, eu devia estar em choque. Como um mau filme. Não vou mentir, aqueles cinco segundos em que eu não conseguia ouvir nada, aqueles cinco segundos em que tudo o que eu via era o céu, esses cinco segundos foram dos melhores que eu tive até hoje. Senti depois uma forte dor na perna. Doía como um tiro, não que eu alguma vez tenha levado algum antes para saber como era a dor. Mas deve ser assim. Uma dor aguda e espantada.

A primeira coisa que me lembrei foi da minha mãe, eu queria saber como ela estava, essa era a minha maior prioridade naquele momento. Tentei perguntar “Onde está a minha mãe?” mas nada saía da minha boca. Após alguns momentos consegui finalmente soltar a palavra “Mãe”. Por esta altura eu já tinha recuperado minimamente a audição. O caos. Sirenes dos bombeiros, gritos de pessoas, barulhos de carros, tudo ao mesmo tempo. Dois bombeiros, ambos de casacos e calças pretas com faixas amarelas refletoras e com capacetes, conversavam com gravidade. Voltaram-se para mim e procuraram explicar-me tudo. Disse que estive envolvida num acidente de carro e que isto e aquilo. Naquele momento eu não queria saber nada disso. Não queria saber se estava bem, nem se o carro estava bem, tudo o que eu queria era a minha mãe comigo. Ninguém me dizia nada. Fui, depois, transportada numa ambulância dos bombeiros de Almada. encaminharam-me para o hospital sendo seguida por uma outra ambulância logo atrás onde, desejei eu, vinha a minha mãe.

No hospital fui levada para uma cirurgia de emergência. Não me lembro de nada do que aconteceu durante a cirurgia. Só me lembro de acordar numa cama de hospital com a minha mãe a dormir na cadeira ao canto do quarto. Ao tentar mexer-me na cama acabei soltando um leve grito de dor. Olhei para o sítio de onde a dor vinha e vi que não tinha a perna esquerda. Eu que tinha o sonho de ser jogadora de futebol, entrei em pânico. Tinha a minha vida toda pela frente, ainda tinha tudo para conquistar. Senti a minha mãe a abraçar-me e a acalmar-me. Um médico, doutor Pedro, estava connosco. Informou-me de tudo o que aconteceu na cirurgia. Haviám sido obrigados a amputar a perna esquerda até ao joelho. Agarrou-me a mão.

Os meses em casa para recuperar foram um inferno. Acabaria por voltar à escola numa adaptação que se revelou muito difícil. Os primeiros dias foram péssimos. Para onde quer que fosse, sentia os olhares de todos, tanto alunos, como professores e funcionários. Apesar de muitos alunos da minha turma me terem ajudado bastante, havia sempre um grupo de miúdas para quem eu nada mais representei se não um alvo fácil. Não que eu quisesse que tivessem pena; o que eu queria era que me deixarem em paz. Essas raparigas começaram por fazer comentários, de início inofensivos. Após duas ou três semanas, os comentários foram ficando cada vez piores ao ponto de eu não querer mais ir para a escola. Havia dias em que elas pegavam na minha mochila e fugiam pela sala espalhando tudo pelo chão. De cadeira de rodas não conseguia fazer muito, para além de gritar para que parassem. Foi então que uma rapariga se impôs e me defendeu. Agarrou-me a mão. A Clara. Sempre que elas se metiam comigo, defendia-me. Tornámo-nos

grandes amigas. Na realidade, hoje vivemos juntas. Ela ajudou-me quando eu mais precisei e eu fiz o mesmo com ela. Comecei a ir ao psicólogo e a tentar melhorar aos poucos. Para ser sincera, não ajudou muito. Clara apresentou-me uma aplicação onde as pessoas falavam da sua vida, davam conselhos, criavam histórias, etc. Foi aí, nessa altura, que eu comecei a falar com pessoas que passaram pelo mesmo que eu. Não estava sozinha.

Todos os dias, chegava a casa e ia direta para o computador falar com os meus amigos online. Comecei mesmo a conseguir não ter vergonha do que aconteceu comigo. Alguém me disse que “não podes mudar algo que aconteceu contigo, algo que não pediste que acontecesse. Não tens de ter vergonha alguma de algo que aconteceu”. Essa frase mudou a minha vida completamente. Comecei a sair mais e a sentir-me mais feliz em geral. Continuei a ir ao psicólogo, participando em sessões de grupo onde cada um conta a sua história. Foi aí que conheci o meu atual namorado que, com a ajuda de Clara, me incentivou a escrever um livro que contasse o que passei.

Hoje posso dizer com orgulho que a minha profissão é ajudar os outros. Dou palestras em escolas que é o sítio onde se procura espalhar melhor a compreensão sobre estes assuntos. Ao longo dos anos já chorei com muitas histórias que escutei e onde me revi com catorze anos. Devo muito a essas histórias e a essas lágrimas. Todos nós passamos por algo. Todos nós perdemos uma perna por vezes. Todos perdemos o equilíbrio. Com um pouco de sorte, há sempre quem nos agarre a mão.

***Ficam-me as palavras: “Que eu falhe neste papel tão branco e insolente / onde belo e ausente um verso eu sei que está”. Marcados de cicatrizes e de sol, viajamos juntos, ignoramo-nos juntos, julgamo-nos juntos. Somos todos sombras tatuadas. Até que chegue a estação certa. Uma qualquer linha vermelha.***

## FICHA TÉCNICA

### *ESCOLA SECUNDÁRIA DE FERNÃO MENDES PINTO ALMADA*

#### **ALUNOS (Turma 11º 7)**

Afonso Santos  
Aline Gouveia  
Beatriz Mendes  
Bruna Jesus  
Diana Nunes  
Inês Costa  
Isa Felizardo  
Leonor Santana  
Luna Oliveira  
Mafalda Pereira  
Maria Lopes  
Violeta Gonçalves  
Mariana Costa  
Marta Gonçalves  
Matilde Rodrigues  
Mónica Cunha  
Nádia Lima  
Raquel Cruz  
Rodrigo Gomes

#### **DOCENTE**

Sandra Conceição  
Alexandra Alves  
*Professora Bibliotecária,*

### *ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA*

#### **ALUNOS**

Ana Louçã (12º A)  
Carolina Lopes (10º E)  
Cristina Ye Huang (12º B)  
Débora Costa (12º B)  
Diogo Andrade (12º C)  
Elisabete Vieira (12º C)  
Gabriel dos Reis (12º C)  
Maria Rodrigues (12º A)  
Martim Bota (12º B)  
Matilde Leandro (12º A)  
Tenisha Rocha (11º F)

#### **ILUSTRADORAS**

Cristina Ye Huang  
*(as três ilustrações exceto o  
da Ofélia)*  
Débora Costa *(Ofélia)*  
Valentina Cabrera de La Cruz  
*(Capa)*

#### **DOCENTES**

Delfina Velez  
Maria Aguiar  
Sandra da Silva  
Maria Jorge  
*Professora Bibliotecária*

## TATIANA FAIA

Tatiana Faia (1986) é autora de cinco livros de poemas: *Lugano* (2011), *Teatro de rua* (2013), *Um quarto em Atenas* (2018), *Leopardo e Abstracção* (2020), *Adriano* (2022) e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas* (2016).

É uma das editoras, com José Pedro Moreira e Victor Gonçalves da revista *Enfermaria 6*. *Um Quarto em Atenas* foi distinguido com o prémio PEN de poesia em 2019.

O seu livro mais recente, *Adriano*, reúne quatro poemas e um ensaio que têm como ponto de partida a figura do imperador Adriano. O livro foi semifinalista do prémio Oceanos e traduzido para grego pela poeta Tonia Tzirita Zacharatou.

Traduziu para português os Hinos Homéricos, Fílon de Alexandria, Herman Melville e Anne Carson. Doutorou-se em literatura grega antiga com uma tese sobre a *Ilíada* de Homero.

É autora, em colaboração com o compositor João Ricardo, de um libreto e de uma ária para ópera. Vive em Oxford há mais de uma década.

# LIBERDADE E DEMOCRACIA

A liberdade e a democracia  
são como duas amigas  
que andam de braço dado,  
personagens da mesma história,  
que caminham lado a lado.

Ambas se acariciam  
e juntas  
formam a terra da fraternidade.

A Liberdade,  
fiel amiga da Democracia,  
representa o direito à opinião,  
enquanto a cruel ditadura o repreende,  
se necessário,  
com recurso a um canhão.

A Democracia,  
eterna aliada e amiga da Liberdade,  
preza a igualdade,  
ainda que permeável à arrogância da ignorância,  
é o sistema que oferece às pessoas mais confiança.

Idealmente,  
a democracia deveria consistir  
na proteção da igualdade entre todos,  
defendendo sempre os mais frágeis.

Mas depende de uma outra personagem,  
que no tempo não ocorra uma paragem,  
e estas duas amigas  
sejam separadas  
pela sua arqui-inimiga Ditadura.

Tal viragem seria dura,  
não deixemos que aconteça!  
Enquanto átomos dessa outra personagem,  
não deixemos que ela esqueça,  
que é afinal quem mais ordena,  
e que o nosso contributo apareça, de forma firme,  
ainda que serena,  
para a liberdade e a democracia preservar,  
e os que por ela tanto lutaram,  
sempre honrar.

### *GRITO À LIBERDADE*

Acordo de manhã  
e sinto a verdade,  
que bom que é  
o sabor a liberdade.

Há muitas coisas  
que mudam com a idade  
mas, se há coisa que não muda,  
é o prazer da vida em liberdade.

A democracia  
está ligada à poesia,  
pois ambas nos dão a liberdade  
que a gaivota sente  
ao apreciar a maresia.

Não deixemos  
que nos trespasse, no coração,  
a heresia de desvalorizar  
a democracia,  
pois ela, mesmo não sendo perfeita  
tem de ser tratada com cortesia.

Liberdade,  
uma palavra tão ampla  
e com tanta diversidade,  
que lhe deveríamos  
prestar mais solidariedade.

Aqueles que com cólera a odeiam,  
ou não a conhecem,  
ou simplesmente se desinteressam  
por algo que, na visão deles,  
não interfere na sua vida,  
esquecem-se, muitos deles,  
que, sem ela, certamente,  
já teriam conhecido a morte.

Por sua vez, a democracia,  
não sendo perfeita,  
é o sistema que melhor conhecemos.  
No fundo, se alguém conhecer a receita  
para um regime ideal,  
a liberdade terá de ser crucial,  
pois sem ela,  
caminharemos para um abismo  
que nos fará acabar  
num mundo desumano e atroz.

Ser livre,  
para muitos, é poder  
dizerem o que pensam,  
para outros, é pensarem naquilo que dizem.

Acredito  
que a Humanidade  
não irá abandonar a liberdade,  
pois, por menos consciência que tenhamos,  
sabemos que, sem ela,  
não passamos de seres  
que adornam e executam as vontades  
de uma perigosa minoria  
que pretende silenciar  
a maioria bondosa  
dos defensores da liberdade.

Pessoalmente,  
não é nesse mundo,  
onde ser-se humano é cruel,  
que eu quero viver.

Para mim,  
a vida é valiosa demais

para ser desperdiçada,  
por causa de mentes perversas  
e, acima de tudo, aleivasas,  
que traíram os princípios do ser humano.

Liberdade, ó doce liberdade...  
Desejo intrínseco do meu ser,  
Anseio nunca te perder.



*Ilustração de Leonor Tintas*

## MEU PÁSSARO AMARELO

“Sonhei com um pássaro amarelo,  
E que, quando chegasse tudo ficaria mais belo,  
Aqueles 14 anos de escuridão  
Onde, minha mãe, Dona Assunção,  
chorava em silêncio, sobre o nosso castelo (casa)

A mágoa enchia toda a nossa parede  
Aquele preto e cinzento, cobriu o nosso verde .  
Pedi então, ao senhor do céu  
Um pássaro amarelo  
Para nos livrar deste enorme pesadelo

Pedi um passarinho que me trouxesse a amizade  
Porque no meio de tanta tristeza  
poucos eram aqueles com firmeza  
decidiu então, sem fazer questão  
enviar-me algo incomum a FELICIDADE.

Um dia vi uma pomba branca,  
Tão branca era ela, que Portugal se revestia nela.  
“Assim não podes tu viver”, disse-me o senhor  
SEM lhe ter pedido mais, fez-se capaz  
De enviar-me, não só o pássaro, mas também PAZ

Apenas pedi um pássaro que me confortasse  
Porém, não me percebia, pouco ouvia  
No mundo do teatro uma voz sem expressão  
é como um palco sem chão.  
Assim deu-me, sem a supervisão do meu ditador,  
uma voz, que nela não sentiria dor.

O meu pedido mantinha-se  
Não no papel, pois escrever se sabia,  
“jamais, isso tolerarei” assim o dizia,  
Se ele não o mudar, continuaríamos na miséria da escuridão.  
Assim sendo, algo novo ele trouxe-nos, a ESCOLA, insistiu na nossa educação.

Pensava eu, que minha mãe já me tinha ensinado tudo.  
Estava enganada!  
APESAR de tudo o que me concedera,  
ensinou-me que a liberdade  
é o segredo para a felicidade.



E o meu amigo pássaro, que agora voa em liberdade  
dissera-me um dia:” agora e sempre, não deixes de sonhar;  
a vida é curta e vós só tais aqui a passar”

Assim aprendi logo que te conheci  
que aquele espaço, onde vivi  
um beco sem saída, teria chegado ao fim.  
Agradeço, hoje com 63,  
o pássaro amarelo, que o senhor fez pra mim.

### *JORGINHO*

Estava eu na fila do pingo doce quando, atrás de mim, apareceu o Jorginho que, tal como eu, carregava um grande saco de carvão que provavelmente serviria para fazer um churrasco pois vinha aí o Carnaval.

Depois de algum tempo na fila já me começava a doer as costas e reparei que o Jorginho também estava com dificuldades. Mas continuamos ali durante mais algum tempo. Depois comecei a conversar com o Jorginho que me contou muitas histórias interessantes sobre a sua vida e sobre como tinha vivido num país numa altura em que era tudo uma grande ditadura.

Ele explicou que naquele país as condições de vida não eram as melhores, que as pessoas viviam mal, e que quem vivia bem eram os mais ricos que controlavam tudo. Jorginho também me contou que uns anos antes de se ter mudado para cá tinham ocorrido eleições no país e que havia um candidato muito honorável que parecia que iria mudar o país de uma maneira grande para melhor. Esse candidato era muito apoiado e toda a gente achava que ele ia ganhar, mas, no dia de revelação dos votos, reparou-se que esse candidato apenas continha 2 por cento de todos os votos e o outro grande candidato, que toda a gente odiava e que não queria saber da população, tinha ganho com 98 por cento dos votos. Isso deixou Jorginho de rastos.

Depois disso ele decidiu investigar e veio a perceber que isso seria impossível, e que tais resultados nunca aconteceriam naquela situação. Tempo depois Jorginho juntou-se ao candidato que apoiava e a todas as outras pessoas que estavam a lutar por um direito a Democracia. Aquelas pessoas sentiam que a sua democracia lhes havia sido tirada há força e que tinham de fazer algo sobre o assunto. Mas tempo depois, um dia antes da revolução, eles descobrem que o candidato havia caído de uma janela depois de ter tido um ataque cardíaco, tinha por acaso dois buracos de tiros na barriga, mas ninguém se importou muito com isso. Então, Jorginho conta que decidiu fugir para aqui, Portugal, pois tinha medo e que desde então luta pelos seus direitos e pelos direitos das pessoas dos país dele. Depois disso chegou a minha vez na fila e lá carreguei o saco de carvão para o carro depois de honradamente me despedir do meu grande companheiro de fila do Pingo Doce, Jorginho.

## OPRESSÃO

Existia uma cidade onde as sombras do autoritarismo pairavam sobre cada rua, cada lar, cada pensamento. Era aí que eu e o meu pai vivíamos, sujeitos à opressão de um regime não democrático.

O meu pai, cujo nome era António, era um homem de princípios fortes, e afirmava que eu era a luz no meio da escuridão que nos cercava. Nessa altura eu era uma simples jovem curiosa que estava determinada a não se curvar às injustiças que testemunhávamos diariamente. Eu via o meu pai como um sinal de coragem, ele era o meu herói e sabia que podia recorrer a ele para o bom e para o menos bom.

À medida que fui crescendo, fui testemunhando a sede de justiça e liberdade que se desenvolvia dentro do meu pai a cada dia que passava, e também me fui apercebendo da sua participação em atividades clandestinas. Maioritariamente distribuía panfletos e reunia-se com outros indivíduos que compartilhavam o mesmo desejo por mudança.

Todos os dias ouvia histórias de grupos anti governo e das consequências que sofriam devido aos seus atos. Preocupada com o meu pai, tentei dissuadi-lo inúmeras vezes, porém todo o meu esforço foi em vão. Por outro lado, após ignorar os meus pedidos, ele tentou tranquilizar-me, prometendo-me que tudo iria ficar bem, e eu como sempre, acreditei nele.

Um dia, os agentes do governo invadiram a nossa casa e levaram o meu pai para interrogatório. Eu fiquei devastada e jurei continuar a sua luta pela liberdade e o seu legado, mesmo que isso significasse enfrentar a mesma sorte que ele. À medida que a resistência crescia e a pressão sobre aqueles que se opunham ao regime aumentava, segui os passos do meu pai e tornei-me também um símbolo de coragem e esperança para muitos na cidade.

Depois do meu pai sair da prisão nunca mais foi o mesmo, o que me entristece até aos dias de hoje. Parecia que ele já não se importava, que já não lhe apetecia lutar pelo que acreditava, que já não via a luz ao fim do túnel...

## PELABAMI

- Boa tarde, sou a Laura Henriques, entrevistadora do programa “Cidadania Tv”, hoje estaremos com três alunos da Escola Secundária D. Sancho II de Elvas, onde irei fazer algumas perguntas de como seria para eles, o mundo ideal. Boa tarde, meninos, antes de mais gostava que se apresentassem.
- Boa tarde, eu sou o Afonso Lagareiro, e estes são os meus colegas Pedro Pereira e Miguel Braz e somos do Curso Profissional de Técnico de Produção Agropecuária, da Escola Secundária D. Sancho II de Elvas.
- O que seria para vocês o país ideal? - perguntou a entrevistadora.

- Para mim, um país ideal seria um país livre e com uma democracia sem corrupção! - exclamou Pedro.
- Um país em que os hospitais para animais e humanos seriam grátis, com medicamentos baratos, para que todos conseguissem ter uma boa saúde. Tendo também subsídios de riscos para agricultores, subsídios de férias e de alimentação. - disse o Afonso.
- A alimentação era mais barata e a alimentação do gado era gratuita, devido ao facto de vir a ser o nosso alimento! - afirmou o Miguel.
- Para mim o salário mínimo era de dois mil euros e o máximo das rendas de casas rondavam os quatrocentos euros. - proferiu o Pedro.
- O desporto poderia ser grátis, por ser um bem essencial á saúde, quer física, mental ou psicologicamente. - expressou o Miguel.
- Os incapacitados conseguiam trabalhar com trabalhos adaptados. - disse o Afonso.
- Muito bem, então seria um país com liberdade, certo? - perguntou a Laura.
- Sim, o nosso país teria muita liberdade, seja de expressão, de escolha, de religião, de pensamento e de opinião. - disse o Pedro.
- E quais seriam os deveres? - questionou a Laura.
- Então, como deveres temos a obrigação de ir ao recrutamento das forças armadas, de deixar a cidade o mais limpa possível, de pagar os impostos e a segurança social e de cumprir a lei, respeitando a autoridade. - articulou o Pedro.
- O dever de não maltratar os animais! - exclamou o Afonso.
- E também o cumprimento das regras de trânsito tanto para os peões como para veículos. - proferiu Miguel.
- E a democracia, como seria? - pergunta a entrevistadora.
- Como já referimos anteriormente seria uma democracia sem corrupção, ou seja, não havia roubos por parte de ninguém, e todos teriam os mesmos direitos! - comunicou Pedro.
- Muito bem, gostei muito do país que vocês imaginaram na vossa cabeça. Mas então, qual seria o nome do vosso país? - perguntou a entrevistadora.
- O nosso país seria Pelabami, pois P de política, E de ética, L de liberdade, A de amizade, B de bondade, A de amor, M de modéstia e I de igualdade, ou seja, todas as letras têm o seu significado. - confirmou Miguel.
- Muito bem, foi esta a entrevista feita três alunos sobre o país ideal com liberdade e uma boa democracia. - finalizou Laura.



## *UM MUNDO IDEAL!*

Somos quatro estagiárias do gabinete de democracia e liberdade, Dianca&Companhia e realizámos um inquérito à população da nossa Cidade sobre como seria um mundo ideal, democrático, justo e livre. Obtivemos as mais variadas respostas, que organizámos num texto para testar num país ideal experimental.

A Diana Figueiredo Gipsy, Advogada, fez o levantamento legal a aplicar de acordo com as condições ideais.

A Catarina Corona Vírus, Voluntária de uma associação humanitária não governamental, fez o reconhecimento das necessidades básicas para instituir no novo país.

A Ana Arraia Céu, Contabilista, fará o levantamento de verbas para orçamentar os fundos necessários à construção.

A Ana Cunha Humana, Médica, organizará todo o movimento médico humano e material.

*Se todos quiséssemos, o mundo seria um lugar maravilhoso, um mundo sem guerras e com tudo o que as pessoas têm direito: seria perfeito, um mundo extraordinário. Atualmente, a realidade é bastante triste pois há guerras que destroem lares, famílias e povoações. Coisas que as pessoas demoram uma vida inteira ou grande parte dela para construir e que ficam desfeitas, feitas em nada.*

*Todos deviam ter direito ao básico, como a saúde e a educação, por serem dois elementos indispensáveis à vida. Uma pessoa que não seja saudável enfrentará diversas dificuldades, como a falta de trabalho, por exemplo, se a pessoa não tiver saúde para trabalhar passará dificuldades, porque infelizmente a vida cada vez se dificulta mais, com o aumento de preços, entre outras coisas. É também importante realçar a diferença de ordenados e o “rótulo” que dão ao que são trabalhos para homens e para mulheres. Há homens e mulheres a executaram as mesmas tarefas e com grande diferença a nível salarial, o que não devia acontecer nos dias de hoje. É importante salientar que os direitos existem e que as mulheres já lutaram bastante para chegarem à posição em que estão hoje, uma vez que há muitos anos só serviam para ser amas de lares e tratar do homem e dos filhos e nem tinham o direito de votar. Nos dias que decorrem, é fundamental que haja empatia, é necessário sabermos pôr-nos no lugar dos outros, não fazermos o que não queríamos que nos fizessem a nós, por exemplo, abandonar e menosprezar animais ou pessoas. O abandono de animais e de pessoas é um problema triste e preocupante. Infelizmente, muitas vezes, as pessoas não percebem o impacto emocional e físico que isso pode causar. É importante lembrar que todos nós merecemos amor, cuidado e respeito. Quando se veem situações destas deve tentar-se ajudar, ou procurar a ajuda de organizações que possam intervir. Deve-se trabalhar em conjunto para criar um mundo mais gentil e compreensivo. Os direitos e deveres são fundamentais para garantir uma convivência harmoniosa e justa entre as pessoas. Todos temos direito à vida, à liberdade, à igualdade e ao respeito. Além disso, temos a responsabilidade de respeitar os direitos dos outros e cumprir os nossos deveres para com a sociedade.*

*Devemos agir de forma ética, respeitar as leis, cuidar do meio ambiente e contribuir para o bem-estar de todos. Se colocarmos tudo isto em prática, o mundo seria um lugar muito melhor.*

Posto isto, fizemos um acordo com quatro engenheiros que nos irão ajudar a colocar as ideias dos cidadãos em prática, na construção deste mundo ideal.

O Sr. Engenheiro João Calado irá coordenar as questões de construção que se pretende sustentáveis.

O Sr. Engenheiro José Alexandre influenciará na instrução de cada indivíduo com palestras e workshops educacionais, sociais, políticos e de justiça.

O Sr. Engenheiro Lúri Clemente trabalhará em colaboração com a Dra. Ana Arraia para solucionar postos de trabalho, salários e associações.

O Sr. Engenheiro Diogo Cabaço ajudará as pessoas com questões de saúde, psicológicas e emocionais, em colaboração com a Dra. Ana Cunha, e procurará soluções para pôr em prática direitos e deveres individuais.

Estão lançados os alicerces para a edificação de um mundo democrático ideal.

No coração do campo, eu, Jacinto Kellan, era um rapaz simples com nove irmãos e uma mãe corajosa. O meu pai veio a falecer quando eu tinha seis anos, o que me tornou o homem da casa desde muito pequeno. Agora deve-se estar a perguntar como tenho tantos irmãos, sendo que o meu pai morreu com apenas dois filhos? Pois bem, por causa da falta de tempo para cuidar dos terrenos e da casa, a minha mãe teve ideias um pouco fora do comum, procurou o homem ideal e, como não o encontrou, decidiu criar uma loja em homenagem ao único marido que teve, o meu pai. Dia 12 de setembro estava eu na nossa loja, HortiKellans, enquanto descarregava a mercadoria e me deparei com o carro topo de gama do rei parado no semáforo. Dentro do carro, estava Emma Leclerc, a típica princesinha loira de olho azul e rica porque o seu pai era o rei corrupto dos Estados Idealizados. Receio que os seus descendentes, incluindo ela, não saibam apreciar os verdadeiros valores da vida, pois nunca soube o que é sentir falta de algo, ainda assim não consegui ficar indiferente perante a presença dela.

Quase um ano depois... enquanto eu e os meus irmãos verificávamos os nossos terrenos a cavalo, lá estava ela com as amigas na piscina de uma das suas mansões de férias e algo lhes chamou a atenção, mas nós continuámos o nosso percurso. Mais tarde, nesse mesmo dia, eu regresssei ao mesmo local para reparar uma cerca que dividia os meus terrenos da mansão dela. Entretanto, Emma veio ao meu encontro desculpando a sua atitude com o facto de ter ouvido barulho - claramente sentira-se atraída horas antes. Surpreendeu-me ao dirigir-se a mim de maneira carismática, o que permitiu que o nosso primeiro diálogo fosse encantador, pois notei interesse e uma boa disposição e vontade dela de estar comigo. Na manhã seguinte, enquanto cuidava do gado, comecei a sentir-me observado e o meu instinto foi olhar para a mansão, e adivinhem, ela estava a observar-me da sua janela com uma taça de champanhe na mão, ela veio ao meu encontro e convidou-me a acompanhá-la. Acabámos por nos envolver sexualmente e a partir daí desenvolveu-se uma relação entre nós. Um tempo depois ela engravidou e foi nesse momento que Emma teve de escolher entre ficar na realeza e seguir as ordens do pai, ou ir viver comigo para o campo onde iríamos construir a nossa vida juntos, com a nossa própria família.

A mãe de Emma quis saber os motivos das visitas frequentes à mansão de férias e então começou a investigar. Procurou e procurou, mas sem resultado, então considerou contratar uma empregada para ver se encontrava um possível amado. Após ter contactado uma empregada a tempo inteiro para a mansão de férias, numa das minhas visitas à mansão a empregada descobriu tudo e rapidamente falou com a rainha, que relatou o acontecido ao rei, o pai de Emma e foi nesse então que ela teve de escolher qual o rumo que queria para a sua vida pois o rei em nenhuma circunstância queria aceitar um mero cidadão do campo na família real. Posto isso, Emma teve de se adaptar a uma vida completamente oposta, sem empregados, sem grandes mansões, sem a maior parte do tempo livre e completamente independente. Na minha opinião foi isso que a fez mudar, ou pelo menos assim me pareceu. No oitavo mês de gestação do nosso filho Salvador, eu sofri uma morte trágica parecida com a do meu pai, num acidente agrícola. Emma como se viu desolada e sem rumo, abandonou o nosso filho à porta de uma igreja e voltou para a realeza, casando-se com o marido que o seu pai lhe havia arranjado, tentando assim voltar à sua vida "feliz" e "perfeita".

## FICHA TÉCNICA

### *AGRUPAMENTO DE ESCOLAS N.º 3 DE ELVAS*

Alunos do 12.º J, do Curso Profissional Técnico de Agropecuária  
do Agrupamento n.º 3 de Elvas - Escola D. Sancho II

#### **ALUNOS**

##### *Pelabami*

Afonso Sande Bajanca  
Laura Esperança Trindade Louro  
Miguel Alexandre Lopes Cordeiro  
Pedro Miguel Pimenta Pinheiro

##### *Opostos*

Érica Silva Carvalho  
Luís Filipe Belchior Almeida  
Mara Mocisso Pinto  
Rodrigo Gabriel Almas Pedras

##### *Um Mundo Ideal*

Ana Luís Portela Cabaço  
Ana Rita Toscano Clemente  
Catarina Viveiros Alexandre  
Diana Alexandra Calado Ribeiro

#### **DOCENTES**

Carmen Santos  
Teresa Guerreiro  
*Professora Bibliotecária*

### *ESCOLA SECUNDÁRIA EMÍDIO NAVARRO - ALMADA*

#### **ALUNOS**

##### *Liberdade e Democracia*

Carlos Diogo Antunes - 10º LH1  
Guilherme Santos - 10º CT1

##### *Grito à Liberdade*

Carlos Diogo Antunes - 10º LH1

##### *Meu pássaro amarelo*

Eva Carvalho - 10º LH1  
Margarida Carvalho - 10º LH1  
Sofia Pereira - 10º LH1

##### *Jorginho*

Simão Coelho Salvador - 9º A

##### *Opressão*

Beatriz Bernardo - 10º CT1  
Maria Borges - 10º LH1

#### **ILUSTRADORA**

Leonor Tintas - 10º CT3

#### **DOCENTE**

Maria da Conceição Costa



Criação, Paginação e Impressão :

**CDC - CÓDIGO DE CORES**

*Rua Professor Carlos Teixeira, n.º 3A  
1600-608 Telheiras, Lisboa*

 [readon.portugal@mail-rbe.org](mailto:readon.portugal@mail-rbe.org)

 [www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html](http://www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html)

**READON**  
P O R T U G A L

ISBN 978-989-54995-5-7



9 789895 499557